

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA PARANAÍBA
CURSO DE PEDAGOGIA**

Edna Silva Simões

**MEMÓRIAS DE BENZEDEIRAS NO LESTE DE MATO GROSSO DO
SUL**

**Paranaíba, MS
2017**

Edna Silva Simões

**MEMÓRIAS DE BENZEDEIRAS NO LESTE DE MATO GROSSO DO
SUL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade Universitária de Paranaíba – UEMS.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Luís de Oliveira Athayde Paes

**Paranaíba, MS
2017**

S613m Simões, Edna Silva

Memórias de benzedeadas no leste de Mato Grosso do Sul/ Edna Silva
Simões. - - Paranaíba, MS: UEMS, 2017.

117f.; 30 cm.

Orientador: Dr. Fernando Luís de Oliveira Athayde Paes.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) –
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de
Paranaíba.

1. Benzeção. 2. Memórias. 3. Práticas e ofícios. I. Simões, Edna Silva.
II. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Paranaíba,
Curso de Pedagogia. III. Título.

CDD – 370.9

Bibliotecária Responsável: Susy dos Santos Pereira- CRB1º/1783

EDNA SILVA SIMÕES

**MEMÓRIAS DE BENZEDEIRAS NO LESTE DE MATO GROSSO DO
SUL**

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção da Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em/...../.....

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr. Ademilson Batista Paes (Presidente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Prof^a. Dr. Sabrina Helena Bonfim
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Prof^a. Me. Radaí Cleira Felipe Gonçalves
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Dedico este trabalho aos meus filhos amados João Gabriel, Maria Eduarda e João Pedro, as razões do meu viver. E ao meu esposo amado Emerson Martins Araújo, que sempre esteve ao meu lado nessa jornada.

AGRADECIMENTOS

Ao programa de Bolsas de Iniciação Científica FUNDECT/CNPq/UEMS - PIBIC-UEMS, que me oportunizou a realização do projeto que culminou na escrita deste trabalho.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Diversidade (GEPEGEDI), grupo este que me oportunizou a participação de valiosas discussões, que com certeza influenciaram na escrita deste trabalho.

Meus mais sinceros agradecimentos às pessoas que direta ou indiretamente estiveram ao meu lado nessa minha trajetória, e que de algum modo contribuíram para a minha formação.

Agradeço primeiramente ao meu amado esposo Emerson Martins Araújo, que sempre esteve ao meu lado nessa caminhada, não medindo esforços para me apoiar em todos os momentos desta trajetória.

Aos meus filhos João Gabriel Silva Simões Menezes, Maria Eduarda Silva Simões Menezes e João Pedro Silva Simões Menezes, que são as minhas grandes inspirações, a força que não me deixou desistir, mesmo em meio às dificuldades, por amor aos meus filhos continuei firme nessa jornada. O amor a eles me possibilitou chegar até aqui.

Aos meus sobrinhos queridos André Victor, Kaique, João Lucas, Bernardo Henrique e Lays, que enchem minha vida de alegrias.

Aos meus afilhados Pedro Henrique, Gabriel Willian e Hellena, meus filhos de coração.

A minha amada e querida titia Nilza Fernandes Simões, que me inspirou com seu exemplo de força e determinação.

As minhas mães Rita Rodrigues da Silva e Fatima Aparecida da Silva, que me dedicaram amor e parte de suas vidas. A meu pai Sidney Simões que sempre me incentivou.

Agradeço aos meus irmãos, Tiago, Rafael, Valéria, Milena e Deborah, que de alguma forma me acompanharam sempre.

A minha querida sogra de coração Maria, por ter cuidado dos meus filhos sempre com muito amor e carinho. A minha sogra querida Jormalina, que me apoiou sempre nessa caminhada.

A toda minha família amada, os quais são os grandes responsáveis pelo que me tornei.

Agradeço imensamente ao meu grande mestre Ademilson Batista Paes, meu amado professor e orientador a quem devo grande parte da minha formação, estar ao seu lado me

proporcionou grandes ensinamentos, que com certeza levarei para a vida. A você meu amado mestre o meu muito obrigado por tudo.

Agradeço ao meu orientador Fernando Luís de Oliveira Athayde Paes, pelas orientações valiosas que conduziu na elaboração deste trabalho e na aquisição de novos conhecimentos.

A minha grande e amada amiga Ana Cléia que sempre esteve ao meu lado nessa longa trajetória, minha companheira de sala e de estágio. Obrigada, por ter me dedicado a sua amizade, lealdade e companheirismo sempre.

Ao “quarteto fantástico” Ana Cléia, Jéssica Adria e Debora, que sempre estiveram ao meu lado em todos os trabalhos de sala.

A todos os professores que passaram pelo curso, que de algum modo contribuíram na minha formação e na minha aprendizagem.

Agradeço as colaboradoras da pesquisa Nair Peralta Russafa, Aracy Porto Alves, Catarina Alves Ferreira e Creusa Maria de Souza Silva, que por meio de suas entrevistas me forneceram dados relevantes para a construção deste trabalho.

Agradeço a todas minhas colegas de classe, pelos momentos únicos que passamos juntas, e por terem me ensinado a importância do trabalho coletivo.

A todos os funcionários da UEMS, agradeço a Abadia como representante do seu setor, ao Michel como representante dos técnicos administrativos, ao professor Djalma Querino como representante dos professores desta unidade, e aos demais colaboradores que por ali estiveram e fizeram parte da minha formação.

Por fim, a todos que torceram ou não por mim, pois estes com certeza foram meus grandes incentivadores em fazer o meu melhor.

*A legitimidade de uma prática cultural
provém da legitimidade social dos que a
praticam. (Pierre Bourdieu).*

RESUMO

O presente trabalho intitulado “Memórias de benzedeadas no leste do Mato Grosso do Sul”, encontra-se vinculado ao projeto de Iniciação Científica (PIBIC/FUNDECT/UEMS), intitulado “Infância e Escolarização de Rezadores/Benedeadas em Paranaíba-MS”, bem como ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Diversidade (GEPEGEDI). Circunscrito ao tema do patrimônio cultural imaterial da região. Tem como objetivo a partir do patrimônio cultural imaterial, resgatar, salvaguardar, desvelar e torna públicos aspectos do hibridismo cultural acerca das práticas e ofícios de benzedeadas, transmitidos, sobretudo, por meio da oralidade pelos seus detentores. Apresentaremos um mapeamento da produção científica-acadêmica produzida no Brasil a cerca do tema pesquisado, ou seja, um levantamento quantitativo da produção científica existente que aborda o tema Benzer/Rezar, a partir de buscas feitas por artigos, dissertações e teses, em alguns catálogos eletrônicos. A metodologia desenvolvida neste trabalho utilizou-se de aportes teóricos da Nova História Cultural e aportes metodológicos da História Oral. Desta forma foram feitas entrevistas semiestruturadas, com quatro (04) benzedeadas residentes e domiciliadas na cidade de Paranaíba/MS, para a realização da coleta de dados, elaborou-se roteiro focado em três eixos temáticos: infância, escolarização, suas práticas e ofícios. Em termos gerais as entrevistas buscaram desvelar e registrar suas memórias como um instrumento de preservação do ato praticado e do ofício exercido. Os dados aqui coletados com a pesquisa de campo realizada, tem como função compor um banco documental de memórias, no intuito de suscitar possíveis pesquisas e maiores reflexões a cerca do ato do benzer, bem como das vivências de suas portadoras.

Palavras-chave: Benzedeadas. Memórias. Práticas e ofícios.

ABSTRACT

The present work entitled "Memories of healers in Eastern Mato Grosso do Sul", is linked to the project of Scientific Research (PIBIC / FUNDECT/UEMS), entitled "Childhood and Schooling of Prayers/Healers in Paranaíba-MS", as well as to the Group of Studies and Research in Education, Gender and Diversity (GEPEGEDI). Circumscribed to the theme of intangible cultural heritage of the region. It has as its objective from the intangible cultural heritage, rescue, safeguard, unveiling and making public aspects of cultural hybridity about the practices and offices of blessing, transmitted, above all, by orality by their holders. We will present a mapping of the scientific-academic production produced in Brazil around the researched topic, that is, a quantitative survey of the existing scientific production that approaches the theme Bless/Pray, from searches made by articles, dissertations and theses, in some electronic catalogs. The methodology developed in this work was based on theoretical contributions of the New Cultural History and methodological contributions of Oral History. In this way, semi-structured interviews, with four (04) resident healers domiciled in the city of Paranaíba/MS, for the accomplishment of the data collection, a script was elaborated focusing on three thematic axes: childhood, schooling, their practices and crafts. In general terms, the interviews sought to unveil and record their memories as an instrument for preserving the act practiced and the office exercised. The data collected here with the field research carried out, has the function of composing a documentary database of memories, in order to raise possible researches and greater reflections about the act of bless, as well as the experiences of its carriers.

Key-words: Blessing. Memoirs. Practices and crafts.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 01 – Dissertações	38
Quadro 02 – Teses	42
Quadro 03 – Artigos do SciELO	45
Quadro 04 – Google	46
Gráfico 1 – Programas de Pós-graduação	44
Gráfico 2 – Período da Produção	48
Foto 1 – Nair Peralta Russafa (76 anos)	54
Foto 2 - Aracy Alves Porto (88 anos)	78
Foto 3 - Catarina Alves Ferreira (77 anos)	85
Foto 4 - Creuza Maria de Souza Silva (62 anos)	94

LISTA DE SIGLAS

PC – Patrimônio Cultural

PCI - Patrimônio Cultural Imaterial

PCM - Patrimônio Cultural Material

IC – Iniciação Científica

CEDOC - Centro de Documentação e Memória da Educação

UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

MS - Mato Grosso do Sul

HO – História Oral

NHC – Nova História Cultural

GEPEGEDI - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Diversidade

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SPHAN - Inspetoria de Monumentos Nacionais

Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

SciELO - Scientific Electronic Library Online

UFMS - Universidade de Mato Grosso do Sul

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Cultura, Ciência e Educação

INRC - Inventário Nacional de Referências Culturais

PNPI - Programa Nacional do Patrimônio Imaterial

PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PIBID - Programa de Iniciação à Docência

IEL - Instituto Euvaldo Lodi

FUNDECT - Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL	20
2 MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO ACADÊMICO-CIENTÍFICA.....	32
3 A CONSTRUÇÃO DO ATO DE REZAR.....	50
3.1 Memórias de Benzedeiros de Paranaíba/MS	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
REFERÊNCIAS	112
APÊNDICE A - TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL.....	115
APÊNDICE B - TERMO DE COMPROMISSO DE USO.....	116
APÊNDICE C - TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS PARA USO DE IMAGEM....	117

INTRODUÇÃO

A minha cidade natal, Paranaíba, é meu doce lar desde sempre. Localizada no interior, no Leste do estado de Mato Grosso do Sul, foi onde passei toda a minha vida. O bairro em que nasci e vivenciei toda a minha infância, chamava-se Estiva, mas atualmente tem o nome de Santa Lúcia, foi também o mesmo lugar no qual minha mãe, tias e tios cresceram, e que também teve papel essencial na minha formação cidadã, devido às memórias e vivências que contribuíram significativamente durante um período da minha trajetória de vida. Lembro como se fosse hoje da minha casa, dos vizinhos e amigos de infância, da rua cascalhada que, por várias vezes, entre os anos de 1985 e 1997 nos serviu de parque de diversão. Nesta rua também construímos castelos com pedras e areia, brincamos de quase tudo que se pode imaginar: pega-pega, esconde-esconde, rouba bandeira, dentre outras brincadeiras da infância. Mas lembro-me mesmo, com saudades e aperto no coração, é da minha vizinha do lado esquerdo de nossa moradia, Dona Belmira Benzedeira, uma senhora encantadora, meiga, gentil e muito religiosa, praticante assídua do Catolicismo, cuja casa na qual morava era muito simples, mas que exalava cheiros, sabores e encantamentos para as crianças. Alguns cômodos eram pintados, outros somente com rebocos. O piso era parte de vermelhão e a outra, contrapiso. Embora com toda a simplicidade, aquela casa era como um palacete para nós, crianças.

Quando essas lembranças me vêm à mente, toda essa sinestesia me reporta a minha infância. Fecho os olhos e vejo aquele local. Na frente da referida casa havia um enorme pé de sete copas, da qual comíamos os seus frutos e cuja sombra era também palco das nossas brincadeiras. Lembro-me, também, de que havia um pé dessa mesma árvore em frente a minha casa, e minha mãe e a vizinha sempre varriam as folhas e frutos, juntando-os para colocar fogo, já que naquela época não havia o hábito de recolher e separar o lixo. Os frutos, quando queimados, acreditem, ficavam muito saborosos. Ficávamos tardes e tardes arrancando as suas sementes para então amassá-las num copo com açúcar, produzindo uma deliciosa paçoca que, confesso, tinha um sabor divino, de infância.

Adentrando para o quintal da casa de Dona Belmira, do lado esquerdo, havia a casa da filha mais velha dela, onde moravam também o esposo, filho e filha. O terreno era todo aberto na frente e com muros apenas dos lados. Foi nessa casa que assisti pela primeira vez à imagem da TV a cores. Ainda que do quintal, pela fresta da porta entreaberta, fiquei encantada de ver todas aquelas pessoas dentro daquele aparelho. Foi magnífica a sensação de

ver as nuances de cores, sons e imagens que jamais imaginei existir até aquele presente momento. Seguindo no quintal do lado direito, havia uma mangueira, cujo cheiro, ar fresco, brisa leve me vêm à memória e me alegria o coração essa lembrança dos tempos em que lá passei. Ao lado, havia também uma goiabeira que ficava ao lado da casa da Vó Belmira. Era como meus irmãos, primos e eu a chamávamos, devido à convivência com uma de suas netas, que era nossa companheira de brincadeiras daquela época. Ir à casa da Vó era o meu maior passatempo. Por várias vezes minha prima e eu íamos para lá e, quando nossas mães percebiam, já estávamos voltando para casa.

Chegando à casa da Vó Belmira, a primeira porta a que tínhamos acesso era a da cozinha, onde logo avistávamos o fogão vermelho, no qual sempre havia, em cima, uma panela com bolinhas de carne no óleo. O sabor das “armonquinhas”, como ela mesma dizia, era divino, de modo que nunca mais provei igual. Do lado esquerdo, havia uma prateleira de madeira, onde eram guardadas louças e vasilhas. Deste mesmo lado, ficava a porta que dava acesso ao banheiro, onde sempre encontrávamos a Vó Belmira tomando um de seus vários banhos diários. Ao lado dessa mesma porta ficava também a geladeira. A porta do seu quarto ficava próxima à porta de entrada da cozinha. De lá, podia-se ver um armário, a sua cama, um cabide cheio de vestidos pendurados e o seu altar de oração. Passando pelo quarto, chegávamos à sala da casa, um lugar simples, com uma TV em preto e branco, que alegrou várias tardes minhas e de minha mãe. Assistíamos, com a Vó Belmira, à novela da tarde e, alguns dias, à Sessão da Tarde. Era maravilhoso o dia quando minha mãe deixava ficar e assistir ao filme. Havia ainda na casa, um sofá macio que me serviu de suporte durante alguns cochilos. Mas a imagem da sala que mais me marcou e ficou na minha lembrança, foi a de um quadro com uma imagem de São Jorge. Lembro-me de que eu adorava ver aquela imagem, achava-a linda, bem colorida e, segundo a Vó Belmira, ele era o seu protetor. Naquela época, minha família e eu éramos católicas, e havia muita devoção aos santos. Com a D. Belmira essa fé nos era reforçada todos os dias, pois ela rezava e nos ensinava também a rezar. Ela falava dos “santinhos”, assim ela os chamava como se fossem pessoas reais que moravam no céu e cuidassem de nós o tempo todo, incansavelmente.

Quase sempre que chegávamos à casa dela, encontrávamo-la no banho, rezando seu terço diário ou ouvindo à missa pelo rádio. Lembro-me de ir à sua casa e por várias vezes encontrá-la diante do seu altar, que era uma cadeira azul, cheia de santos e divindades, com um terço pendurado, uma vela acesa e um copo de alumínio com água. Este, ficava do lado da sua cama, onde ela fazia suas orações, de joelhos, e sempre com o terço na mão, rodando-o com os dedos. A água do copo estava sempre fresca e saborosa. Segundo ela, aquela seria

uma “água benta”, sagrada, da qual nos eram dados alguns goles para beber. Foi nessa casa, e com a Vó Belmira, que tive o meu primeiro contato com a religião, com o sagrado, por meio da sua crença, suas rezas e terço. Era por meio da religiosidade, da crença e da reza da Vó Belmira que a maioria das pessoas também buscavam alívio e conforto para os seus males físicos e espirituais. Seja na prática da benzedura, no aconselhamento ou mesmo na doação de algum mantimento e/ou material, ela estava pronta para ajudar ao próximo. Era aposentada, tinha como lema a caridade e, na medida de suas posses, sempre procurou "fazer o bem sem olhar a quem". Na época, sua casa era bem frequentada, seja por familiares, conhecidos ou populares, pessoas de todas as idades que lá compareciam para receber os seus cuidados religiosos. Eu fui uma das crianças da vizinhança que, certamente, foi a que mais recebeu as suas benzeções, pois em mim eram corriqueiros uma dor, um cobreiro ou algum outro mal estar que carecessem dos cuidados de Vó Belmira. Recordo-me perfeitamente de quando me benzia de cobreiro, ela apanhava três talos pequenos de mamão e um a faca, e exercitava a sua rezava com os seguintes dizeres: “__ O que eu corto?” e eu lhe respondia: “__ Cobreiro bravo!” e assim ela ia benzendo. Tais perguntas e respostas eram proferidas por três vezes. Todos lá de casa recebíamos suas benzeções, seus conselhos e ensinamentos, e tomávamos chás quando receitados por ela. Como não tínhamos sempre acesso ao médico, e minha mãe dizia que nem tudo era caso de procurar médico, porque "há males que os médicos não curam, só benzendo mesmo”, então o ato de benzer fazia parte não somente do meu cotidiano, da minha infância, mas da vida, da formação religiosa de todos da minha casa na época. Sem dúvida, ela exerceu uma influência e uma importância muito grande na minha família.

Lembro-me de quase todas as suas ações, desde me chamar pela fresta que havia no muro que separava nossas casas, para oferecer-me quitandas ou para cumprimentar-me pelo meu aniversário. Não sei se para o bairro ela teve o mesmo significado, mas acredito que sim, já que sua casa era bem frequentada naquela época. Aos meus dez anos fui morar junto ao meu avô paterno, em outro bairro, deixando a Vó Belmira, suas rezas e ensinamentos. Outra vida, outra família, outros ensinamentos e outras crenças. Nesse novo período da minha trajetória de vida, vivenciei outras experiências que me fizeram esquecer ou adormecer em minha memória esse passado tão remanescente em minha vida. Lembro-me de que a vi mais algumas vezes, porém, de maneira informal, de modo que nunca mais recebi as suas rezas. Aos meus treze anos quando estava em viagem a uma cidade vizinha, à casa de meu pai, Vó Belmira veio a falecer, com mais de 60 anos idade e eu sinto até hoje não ter podido prestar-lhe o último adeus.

E assim segui minha vida, até que no ano de 2014, aos meus 29 anos, ingressei na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, no Curso de Pedagogia. Cursando o primeiro ano, tive contato com a Disciplina "Infância, História e Escolarização", ministrada pelo Professor Ademilson Batista Paes. Por meio dessa disciplina, pude adquirir conhecimentos sobre a História da Primeira Infância no Brasil Colonial, tema para o qual não havia ainda me atentado. No decorrer daquele ano letivo, me chamou a atenção um estudo sobre a importância do resgate e preservação da memória cultural de um povo e, com isso, a necessidade da busca por maiores conhecimentos que foram se efetivando por meio da pesquisa científica, que deu origem ao Projeto de Iniciação Científica intitulado Infância e escolarização de rezadores/benedores em Paranaíba (MS). E na efetivação cujo objetivo consistiu em localizar as/os benzedoras/benedores (detentores do patrimônio cultural imaterial) que atuassem ou tivessem atuado na cidade de Paranaíba/MS, e a partir disso, desvelar aspectos do hibridismo cultural, acerca do ofício da benzeção. Tal trabalho buscou resgatar e tornar público, por meio de narrativas das benzedoras, o construto cultural e religioso transmitido ao longo dos tempos. Com isso, me veio à memória as práticas de benzeção de Vó Belmira e, conseqüentemente, a indagação de qual seria o meu entendimento em relação ao ato do benzer, agora, após todas as transformações e relações vividas por mim, na minha trajetória de vida. Como seria reviver e conviver em meio a todo esse passado que agora se faz tão presente.

O projeto intitulado **Infância e escolarização de rezadores/benedores em Paranaíba (MS)**, tinha como objetivos, geral: contribuir para a preservação do Patrimônio Cultural e Imaterial da cidade de Paranaíba (MS) e, específicos: identificar rezadores e benzedores na cidade de Paranaíba; recuperar a memória da infância e da escolarização desses sujeitos; conhecer e registrar a herança cultural de suas práticas; catalogar o ritual, tipo de clientela, usos de plantas. A metodologia utilizada na pesquisa, foi o aporte teórico-metodológico da Nova História Cultural (NHC), também vinculado a História oral (HO). Com isso, foram feitas entrevistas semiestruturadas, para a realização da coleta de dados, elaborou-se um roteiro focado em três eixos temáticos: **infância, escolarização e suas práticas e ofícios**, buscando deste modo desvelar a relevância das benzedoras e suas práticas culturais e religiosas.

Elaborado o projeto e, este após ter sido aprovado, foi submetido ao edital FUNDECT/CNPq/UEMS N°01/2015- PIBIC-UEMS, por meio da Seleção Pública de Projetos para o Programa Institucional de Iniciação Científica, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. O presente trabalho esteve vinculado ao projeto de Iniciação Científica

(PIBIC/FUNDECT/UEMS) com vigência de julho de 2015 a julho de 2016, e fora por mim desenvolvido ao longo do ano de vigência da bolsa. No estudo em questão, ocorreram inúmeras entrevistas com três sujeitos (mulheres), perfazendo um total aproximado de quatro (04) horas de gravações, desenvolvidas ao longo de três (03) meses, nas residências das entrevistadas. Posteriormente, foram feitas as transcrições das mesmas, totalizando cem (100) laudas de depoimentos transcritos, as quais passarão a compor o acervo do Centro de Documentação e Memória da Educação Sul-mato-grossense (CEDOC-MS), em dispositivo USB, sediado na Unidade Universitária de Paranaíba (UEMS), com a finalidade de contribuir para estudos referentes ao tema e, principalmente, preservar o patrimônio cultural imaterial existente no município de Paranaíba, que é o objetivo maior deste presente estudo.

É válido esclarecer que, as benzedeadas sendo cada uma delas donas dos seus discursos e possuidoras de total autoridade sobre os registros de suas memórias, todas aceitaram participar da pesquisa de livre vontade, de modo que todas assinaram o Termo de Cessão Gratuita de Direitos sobre Depoimento Oral, Termo de Cessão de Direitos para Uso de Imagem. Nos quais constam os registros sobre o direito de utilizar-se dos seus depoimentos, bem como de suas imagens em: estudos; pesquisas; eventos acadêmicos; artigo; dissertação; livro; monografia; trabalho de Conclusão de Curso; revistas; projeto de Iniciação Científica; teses; e outros.

Ao chegar no quarto ano do curso de Pedagogia, esse projeto de Iniciação Científica já havia sido concluído conforme os objetivos previstos, no entanto, decidi aprofundar os estudos referentes ao tema, objeto também de pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Contudo, para este novo projeto, intitulado **MEMÓRIAS DE BENZEDEIRAS NO LESTE DE MATO GROSSO DO SUL**, decidimos que seria importante entrevistar mais um sujeito, seja ele benzedor ou benzedead. Desta forma, novamente utilizamos de toda metodologia da HO desenvolvida no projeto de IC, fomos a campo localizar este novo sujeito para entrevistá-lo e assim coletar maiores informações. Nesse percurso, também na cidade de Paranaíba/MS, encontramos uma benzedead com a qual mantivemos contato e explicamos sobre os objetivos da pesquisa e sobre a importância deste trabalho para as futuras gerações, sobretudo pela pretensão de se preservar as contribuições religiosas e culturais deixadas pelas benzedeadas na comunidade paranaibense. Assim as entrevistas se deram em abril de 2017, em apenas dois encontros, e aconteceram na residência da entrevistada, perfazendo um total de 90 minutos de gravações, resultando em um relatório de 19 laudas transcritas.

É interessante deixar registrado que, este trabalho aqui apresentado, encontra-se vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Diversidade (GEPEGEDI) e tem como objetivo salvaguardar a memória das benzedadeiras da cidade de Paranaíba/MS, como uma fonte de coleta de dados, cujo material não é, por hora, objeto de análise, interpretação e compreensão do então relatado. Nesse sentido, assim como Ecléa Bosi na sua obra **Memória e sociedade: lembranças de velhos**, livro editado pela primeira vez no ano de 1979, que teve sua 18ª edição no ano de 2012, apresenta entrevistas com oito pessoas idosas, maiores de 70 anos, que viveram desde a infância na cidade de São Paulo. O objetivo deste seu trabalho foi o de registrar as vivências do passado destes sujeitos, resgatando suas memórias, tanto individuais, coletivas, sociais, culturais, políticas, como também familiares. Conforme Bosi (1994, p. 37) “[...] nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida.” Sendo assim, durante as entrevistas com as benzedadeiras, procurou-se registrar, sem interrupções e ao mesmo tempo deixando-as à vontade para relatar suas memórias e trajetórias de vida, conforme objetivos já mencionados anteriormente. "Fomos ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito enquanto indagávamos, procurávamos saber. Objeto enquanto ouvíamos, registrávamos, sendo como que um instrumento de receber e transmitir suas lembranças”. (BOSI, 1994, p. 38)

O presente estudo foi dividido em três partes, a saber:

Na primeira, será apresentada uma breve discussão acerca da consolidação do Patrimônio Cultural Imaterial como um bem intangível, que faz parte da cultura de um povo, dos símbolos deixados por este como um legado para as suas futuras gerações. Dessa maneira, primeiramente passamos a contextualizar o significado de Patrimônio Imaterial, segundo a UNESCO e o IPHAN. Fizemos nessa perspectiva um apanhado histórico de sua conceituação, de seus salvaguardadores, perpassando pelas leis que garantem, em nosso país, o direito de preservação.

Na segunda, apresentamos um mapeamento da produção científico-acadêmica produzida no Brasil, acerca do tema pesquisado. Para tanto, foram feitas buscas por artigos, dissertações e teses, em alguns catálogos eletrônicos tais quais: banco de dissertações e teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e no Scientific Electronic Library Online (SciELO) e na Empresa Multinacional Norte Americana, prestadora de serviços online Google.

Na terceira e última, consta o registro da pesquisa de campo realizada na cidade de Paranaíba/MS, sendo as entrevistas concedidas, na íntegra, pelas quatro (04) benzedadeiras,

fotos e uma breve identificação das entrevistadas e suas contribuições para a preservação do patrimônio cultural imaterial do município de Paranaíba. O capítulo fora construído com os depoimentos orais das participantes da referida pesquisa.

Espera-se que este trabalho possa contribuir com os estudos e reflexão por parte de acadêmicos, pesquisadores, profissionais da educação e demais interessados nesse tema, tão relevante para a sociedade, dada a diversidade de crenças religiosas existentes nos últimos tempos.

1 PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL

Todo povo, grupo ou indivíduo tem a necessidade de uma identidade própria que os diferencie dos demais. Por conseguinte, cada um traz consigo características particulares que os identificam como únicos em uma determinada sociedade. Esse fato não se difere quando tratamos da identidade cultural de um povo ou grupo. Dessa maneira o que diferencia as diversas identidades culturais são: as tradições, a cultura, a religião, a música, a culinária, o modo de vestir, de falar, entre outros, que representam os hábitos e costumes de um dado povo. Em termos gerais, podemos entender a identidade cultural como um conjunto dinâmico de relações sociais e patrimônios simbólicos historicamente compartilhados entre membros de uma dada sociedade, ou seja, que são passadas de geração em geração, estabelecendo assim relações que compreendem a constituição de uma identidade.

[...] identidade é a fonte de significado e experiência de um povo [...]. No que diz respeito aos atores sociais, entendo por identidade o processo de construção do significado com base num atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras formas de significado (CASTELLS, 2002, p. 22).

O homem é um ser histórico por natureza. A partir de suas constantes relações estabelecidas com outro, proporciona a construção de um legado, o qual é deixado para as suas futuras gerações. Fato esse que possibilita a construção da sua identidade e do seu sentimento de pertencimento em uma dada cultura, sociedade ou povo. Porém sabemos que essa identidade, assim como o legado deixado pelo indivíduo sofre transformações o tempo todo, uma vez que o homem ao entrar em contato social, atua dinamicamente na sua constituição imprimindo sentido e intenções ao mundo que o cerca, construindo assim sua história.

[...] nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes (GIDDENS, 1991, p. 37-8).¹

Os símbolos e as tradições deixados por determinados povos ou indivíduos são passados aos seus sucessores, garantindo a perpetuação de suas descobertas e de suas identidades culturais. Por conseguinte, há uma preocupação mundial com a preservação dos

¹ Anthony Giddens (1938) é um sociólogo, conferencista e professor britânico, reconhecido por sua Teoria da Estruturação e por sua visão holística das sociedades modernas. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/anthony_giddens/>. Acesso em: 04 maio 2017.

Patrimônios Históricos, por meio de leis internacionais e nacionais de restauração e proteção que possibilitem a manutenção e salvaguarda das características originais. Os patrimônios deixados por uma dada sociedade podem ser de natureza material e imaterial. Logo, atualmente, o conceito de patrimônio histórico está subdividido em duas categorias: o Patrimônio Cultural Material (PCM) e o Patrimônio Cultural Imaterial (PCI).

Entende-se o Patrimônio Histórico como um testemunho do passado, que está expresso em grande parte pela herança cultural deixada como legado para as futuras sociedades, nos bens que materializam e documentam a sua presença e sua marca no fazer histórico de um povo. O Patrimônio material está voltado para os testemunhos físicos do passado, possuem características tangíveis e visíveis, do tipo arqueológico, paisagístico e etnográfico, histórico, belas artes e das artes aplicadas. E o patrimônio imaterial está voltado para os testemunhos do passado, não sendo de dimensão física, uma vez que possuem características intangíveis, elementos simbólicos que se mostram perceptíveis nos saberes, tradições orais, modos de fazer, ritos, etc.

Toda criação tem suas origens nas tradições culturais, porém se desenvolve plenamente em contato com outras. Essa é a razão pela qual o patrimônio, em todas as formas, deve ser preservado, valorizado e transmitido às gerações futuras como testemunho da experiência e das aspirações humanas, a fim de nutrir a criatividade em toda sua diversidade e estabelecer um verdadeiro diálogo entre as culturas (UNESCO, 2002, artigo 7).

A preocupação em salvaguardar os bens culturais imateriais, por vários agentes internacionais, culminou na aprovação na 32ª Convenção da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Cultura, Ciência e Educação), realizada no período de 29 de setembro ao dia 17 de outubro, na cidade de Paris, em 2003, intitulada de "Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural e Imaterial", documento traduzido e publicado pelo Ministério das Relações Exteriores, em Brasília, no ano de 2006. Naquela ocasião, surgiu uma definição específica do PCI, que posteriormente influenciou as políticas de outros países na busca por garantir em suas localidades a preservação de seus patrimônios culturais, tendo em vista que a UNESCO é o órgão responsável pela definição das regras de proteção do patrimônio histórico e cultural da humanidade.

Entende-se por 'patrimônio cultural imaterial' as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas

comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. Para os fins da presente Convenção, será levado em conta apenas o patrimônio cultural imaterial que seja compatível com os instrumentos internacionais de direitos humanos existentes e com os imperativos de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos, e do desenvolvimento sustentável. (UNESCO, 2006, artigo 2º).

A definição de Patrimônio Cultural Material e Imaterial, difere-se pelo o que é tangível e intangível. Com a interferência da mundialização da cultura juntamente com o advento do fenômeno da globalização, esses patrimônios tendem a estar propensos a se perderem ao longo dos anos. Os patrimônios imateriais são mutáveis e, tais mudanças são motivadas pela influência da cultura mundial, haja vista que o PCI é transmitido entre gerações, por meio da oralidade. Há muitos casos de deslocamentos de pessoas e grupos que saem de seus locais de origem, fato esse que pode contribuir para a transformação ou extinção de tais Patrimônios Imateriais. Com isso, as medidas para salvaguarda dos Patrimônios Culturais Imateriais se fazem muito importantes, pois garantem e asseguram, na forma da lei, a obrigatoriedade de que cada país ou estado contribua com a preservação e manutenção das práticas culturais do seu povo.

A Convenção da UNESCO, de 2003, instrumentaliza e normatiza a política de preservação do PCI mundial, tornando-a mais efetiva e eficaz. Segundo Gonçalves (1996, p.13-15 apud SONCINI, 2012, p.10):

[...] enquanto no patrimônio material analisa-se o reconhecimento como um processo de ‘objetificação’, ou seja, o valor atribuído é considerado anterior e imanente à coisa, então reconhecida, no PCI o valor atribuído pelo Estado é efetivamente fruto do ‘reconhecimento’, por parte do Estado.

Dessa forma, entende-se que o Patrimônio Cultural Imaterial possui um valor preexistente, atribuído coletivamente pela população (grupo detentor do bem), ficando a cargo dos gestores públicos e da população produtora dos bens culturais, diferenciarem e definirem o valor dado pelos mantenedores dessa manifestação cultural e também o novo valor dado pelo Estado como patrimônio.

Conforme a Convenção da UNESCO, de 2003, o Patrimônio Cultural Imaterial, se manifesta, particularmente, nos seguintes campos:

- a) tradições e expressões orais, incluindo o idioma como veículo do patrimônio cultural imaterial;
- b) expressões artísticas;

- c) práticas sociais, rituais e atos festivos;
- d) conhecimentos e práticas relacionados à natureza e ao universo;
- e) técnicas artesanais tradicionais. (UNESCO, 2006, artigo 2).

Neste sentido, procuramos trazer uma breve elucidação dessas manifestações do Patrimônio Cultural Imaterial, com base na Convenção aqui anteriormente mencionada, usando como exemplo a cultura brasileira.

No que se refere às tradições e expressões orais, incluindo como veículo do patrimônio cultural imaterial, é cômico que a língua necessita ser protegida como um dos condutores do PCI, uma vez que grande parte das tradições culturais são passadas de gerações em gerações, por meio da oralidade. Tomemos como exemplos: as lendas, os mitos, as histórias, as canções de embalar, as rezas, os cânticos, os provérbios, a variação linguística, entre outros. A maior parte do conhecimento cultural de um povo é transmitido de forma oral, mesmo porque existem comunidades que não fazem parte da cultura ágrafa, como no caso de algumas etnias indígenas.

Quanto às expressões artísticas, como um dos elementos que compõem o Patrimônio Cultural Imaterial, estas estão presentes nas artes do espetáculo, incluindo-se em grande diversidade das manifestações culturais, testemunhando a criatividade humana, as quais são expressas na música (clássica, sertaneja raiz, funk, axé, etc.), nas danças (frevo, catira, capoeira, forró, samba e etc.) e também nas peças teatrais.

Em relação às práticas sociais, rituais, e atos festivos, estes são compartilhados por determinadas comunidades como atividades cotidianas que representam e reafirmam as identidades dos membros de um determinado grupo. Nessa categoria, podemos destacar as festas tradicionais que fazem parte de determinadas sociedades, como: as festas agropecuárias, festas Juninas, festivais folclóricos, carnaval etc.

Já no que se refere aos conhecimentos e práticas relacionadas à natureza e ao universo, são particularidades que também compõem parte importante do Patrimônio Cultural Imaterial de uma dada cultura. Esse elemento imaterial se manifesta no conhecimento, no saber-fazer, nas práticas e nas representações que perpetuam nas comunidades por intermédio das relações e interações que são estabelecidas pelos seus membros. Essas manifestações acontecem por meio da linguagem, das tradições orais, da memória, da espiritualidade, das cerimônias, das crenças, das rezas, dos valores, da medicina popular, etc, abrangendo ainda os conhecimentos indígenas, rituais, ritos de iniciação, hábitos alimentares, cosmologias, etc. Como exemplo de PCI, que compartilha de tais manifestações e conhecimentos, podemos citar o ato de benzer,

cujos detentores deste patrimônio carregam, de forma híbrida no seu saber/fazer, todas essas representações em suas práticas e ofícios.

Há também a manifestação do Patrimônio Cultural Imaterial no campo das técnicas artesanais tradicionais. Neste tipo de manifestação, o elemento de salvaguarda não é o artesanato como objeto, mas os conhecimentos e competências necessárias para a produção do mesmo. Os esforços de preservação do artesanato tradicional se concentram não só no incentivo, na produção dos seus artefatos como também na transmissão do saber-fazer entre os membros da comunidade, com intuito de perpetuação dessas técnicas artesanais. Esse saber-fazer envolve a prática do bordado, tecelagem, rendas, entalhes em peças de madeira, peças de cerâmica, viola de cocho, etc. Esses objetos fazem parte de um trabalho feito manualmente, pois são produções de peças únicas, as quais são frutos de uma criação individual, ou seja, o artesanato é o ofício e o saber-fazer dele é o objeto a ser preservado pelo PCI.

[...] o conjunto das manifestações populares, tradicionais e populares, ou seja, as criações coletivas, emanadas de uma comunidade, fundadas sobre uma tradição. Elas são transmitidas oral e gestualmente, e são modificadas através do tempo por um processo de recriação coletiva. Integram essa modalidade de patrimônio as línguas, as tradições orais, os costumes, a música, as danças, os ritos, os festivais, a medicina tradicional, as artes da mesa e o 'saber fazer' dos artesanatos e das arquiteturas tradicionais. (ABREU, 2003, p. 81-82 apud DUTRA, 2016, p.78).

É notório que o Patrimônio Cultural Imaterial, conforme se pode constatar, é fornecido pela presença marcante da oralidade e, a priori, só é valorizada na categoria da tradição popular. Todas as categorias de manifestações desses patrimônios, citadas anteriormente, formam um repertório discursivo, manejado e remanejado a partir da diversidade das relações estabelecidas. A tradição cultural de um povo necessita ser preservada diante do avanço da globalização e das transformações sociais, as quais podem provocar o desaparecimento ou até mesmo a destruição dessas manifestações culturais (patrimônios). Com isso, a UNESCO (2006) afirma sobre “a necessidade de conscientização, especialmente entre as novas gerações, da importância do patrimônio cultural imaterial e de sua salvaguarda”.

O patrimônio cultural de um povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade desse povo. A preservação do patrimônio cultural significa, principalmente, cuidar dos bens aos quais esses valores são associados, ou seja, cuidar de bens representativos da história e da cultura de um lugar, da história e da cultura de um grupo social, que pode, (ou, mais raramente não), ocupar um determinado território. Trata-se de cuidar da

conservação de edifícios, monumentos, objetos e obras de arte (esculturas, quadros), e de cuidar também dos usos, costumes e manifestações culturais que fazem parte da vida das pessoas e que se transformam ao longo do tempo. (BRAYNER, 2007, p. 12).

A cultura brasileira é constituída de uma grande diversidade, sendo esta uma de suas marcas primordiais, uma vez que o povo brasileiro é fruto de uma grande miscigenação, pois em nosso território, na nossa construção e formação histórica, houve a participação de vários grupos étnicos, cada qual com as suas contribuições culturais. Nas relações estabelecidas com essas culturas e com seus diferentes costumes, fomos aos poucos nos constituindo e nos transformando ao longo dos anos. A memória trazida por esses povos foi a grande responsável pela diversidade de formação cultural ocorrida na sociedade brasileira e que a tornou uma e diversa ao mesmo tempo, ou seja, esses saberes-fazer, as expressões, os costumes, as práticas e as criações dos povos que nos ajudaram na construção e constituição de nossa sociedade e de nossa identidade como um povo, fazem parte de seus patrimônios imateriais que os identificam e os caracterizam como detentores de uma determinada cultura. Esses bens culturais são guardados e trazidos em suas memórias, transformando assim ao longo do tempo a partir das relações estabelecidas, as culturas a que têm contatos, inclusive as suas próprias.

Quando ocorre uma hibridização cultural entre os detentores de uma dada cultura, é preciso considerar que nesses processos de globalização e hibridização, podem acarretar não só em ganhos, mas também em perdas de bens culturais imateriais, haja vista que alguns costumes, por exemplo, podem ser perdidos devido às relações plurais sofridas por determinados povos, com diferentes culturas, com o advento de contatos culturais novos, o que somente será percebido a longo prazo. Com isso, a UNESCO propõe a salvaguarda dos bens culturais imateriais, levando também esses argumentos em consideração, ou seja, precisa-se preservar para não perder.

Reconhecendo que os processos de globalização e de transformação social, ao mesmo tempo em que criam condições propícias para um diálogo renovado entre as comunidades, geram também, da mesma forma que o fenômeno da intolerância, graves riscos de deterioração, desaparecimento e destruição do patrimônio cultural imaterial, devido em particular à falta de meios para sua salvaguarda. (UNESCO, 2006).

Para entender e aprender a valorizar algo, é necessário conhecer e respeitar sua importância e suas contribuições na agregação de valores para a cultura e/ou para a identidade de um local, de um país, de um povo. É preciso reconhecer que todos os povos produzem cultura, seja qual for a sua origem, crença, costumes e que cada um tem uma forma diferente

de se expressar e aceitar a sua diversidade cultural. É preciso entender também que todas as manifestações culturais possuem patrimônios materiais e imateriais que precisam ser respeitados e preservados, ou seja, não existe cultura melhor ou menor, mas culturas diferentes que necessitam ser salvaguardadas como um bem cultural.

No Brasil, existem cerca de 220 povos indígenas diferentes, com costumes, tradições, línguas e histórias também diferentes. Quanto mais se conhece e aprende sobre esses povos, mais se aprende a identificar e valorizar as diferenças entre eles. (BRAYNER, 2007, p. 7).

Em nosso país, por um longo tempo, não se preocupou em cuidar e nem valorizar essa variedade cultural do seu povo. Essa situação só começa a mudar com o advento do Movimento Modernista², por meio do qual surgiram as primeiras referências ou iniciativas em prol da preservação do patrimônio cultural brasileiro, sendo na década de 1930, no primeiro governo da Era Vargas. No ano de 1938, Mário de Andrade, então diretor do recém-criado Departamento de Cultura da cidade de São Paulo, organiza uma Missão de Pesquisas Folclóricas. Nesse mesmo período, Andrade presta serviço para a constituição do SPHAN (Serviço Histórico e Artístico Nacional), criando assim o órgão de defesa do Patrimônio cultural brasileiro, que seria o antecessor do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), criado em 1970, e que continua até a presente data responsável por preservar, proteger, fiscalizar e divulgar o patrimônio histórico e cultural brasileiro.³

Nesse período, começavam a entender uma maior necessidade de preservar o patrimônio cultural brasileiro e de políticas públicas que se comprometessem com essa causa, garantido no âmbito legal a preservação. Com isso, surgiu o primeiro decreto nº 24.735, de 14 de julho de 1934⁴, o qual instituiu oficialmente a Inspetoria de Monumentos Nacionais (SPHAN). A princípio, este órgão tinha como objetivo apenas a preservação das obras de arte e históricas do país, sobretudo aquelas obras arquitetônicas construídas no período colonial. Os bens culturais materiais já tinham suas proteções asseguradas e garantidas em leis

² No Brasil o Modernismo foi um movimento de grande importância, pois os artistas brasileiros ansiavam por uma libertação estética, ou seja, deixar de "sugar" as vanguardas que surgiam na Europa e criar um modelo novo e independente de arte. O ponto de partida do Modernismo no Brasil é considerado a Semana de Arte Moderna, que aconteceu entre os dias 11 e 18 de fevereiro 1922, em São Paulo. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/modernismo-no-brasil>>. Acesso em: 18 maio 2017.

³ KLAMT, Valdemir. **O intelectual Mário de Andrade e suas políticas culturais**. 2003. Dissertação (Mestrado em teoria literária) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br>>. Acesso em: 04 maio 2017, essa obra facilita entender a atuação de Mario de Andrade nas instituições culturais brasileiras.

⁴ Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-24735-14-julho-1934-498325-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 26/04/2017.

específicas desde o Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937⁵. Porém, ainda tinha-se a preocupação em salvaguardar somente o patrimônio material, já que os PCIs não existiam para as legislações vigentes no país até esse período.

Na Constituição Federal de 1988⁶, também conhecida como a Constituição cidadã, nota-se uma grande mudança em relação à proteção e preservação do patrimônio construído pelo homem, não só o tangível, mas também o intangível, uma vez que a definição trazida em seu artigo 216 é bastante abrangente ao estabelecer que o Estado, juntamente com a sociedade, ambos têm o papel de proteger e promover o patrimônio cultural brasileiro. O que nos leva a crer que a importância da preservação do patrimônio material tanto como do imaterial seria contemplada. Tal legislação ao longo dos anos foi sendo modificada e se adequando à algumas especificidades que necessitariam de proteção. Observe-se o Artigo 215 que postula que “o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais” (BRASIL, 1988). Neste artigo, é cobrado do Estado assim como de suas futuras políticas públicas que garantam à população o exercício e o direito ao acesso à cultura como um direito constituinte inerente a todos.

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

§ 2º Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem.

§ 3º A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.

§ 4º Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

§ 5º Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos (BRASIL, 1988).

⁵ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/De10025.htm. Acesso em 28/04/2017.

⁶ Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html> Acesso em: 26/04/2017.

Mesmo com o advento da Constituição que assegura, de fato e legalmente a proteção do patrimônio histórico brasileiro, na prática não existiam órgãos específicos ou pessoal qualificado para garantir a preservação desse patrimônio. O IPHAN como único órgão responsável por preservar, divulgar e fiscalizar os bens culturais brasileiros, além de garantir a utilização desses bens pelas atuais e futuras gerações, não conseguia distinguir e garantir essa proteção do Material e Imaterial, por mais que na Constituição abarcava a proteção do PCM e PCI. Somente com o Decreto 3.551/2000, de 04 de agosto de 2000⁷, instituiu-se em nosso país o Registro dos Bens Culturais de Natureza Imaterial e criou-se o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI), e com isso, o PCI passou a fazer parte das políticas públicas e da legislação vigente no país.

Com a criação do PNPI, programa esse que preza pela consolidação das políticas e de registros que assegurem a salvaguarda dos bens culturais, sejam estes de natureza imaterial ou material, tem como objetivo a preservação da diversidade cultural e étnica existente em nosso território nacional.⁸Dessa maneira, a criação deste programa possibilitou aos patrimônios imateriais o reconhecimento e o registro, ações essas que garantem a disseminação da sua existência como bem cultural e a sua manutenção, ou seja, esse bem passa a ter um valor como patrimônio cultural brasileiro. Segundo o IPHAN (2006), o PNPI “[...] viabiliza projetos de identificação, reconhecimento, salvaguarda e promoção da dimensão imaterial do patrimônio cultural”.

Esse registro do PCI funciona como um instrumento legal, ou seja, oficializa, reconhece e identifica como bem cultural, valorizando-o, assim com o tombamento faz com os bens materiais. Conforme o IPHAN, 2006:

[...] corresponde à identificação e à produção de conhecimento sobre o bem cultural. Isso significa documentar, pelos meios técnicos mais adequados, o Patrimônio Imaterial no Brasil: legislação e políticas estaduais, passado e o presente da manifestação e suas diferentes versões, tornando essas informações amplamente acessíveis ao público – mediante a utilização dos recursos proporcionados pelas novas tecnologias de informação.

No mesmo ano de criação do PNPI, o IPHAN também consolidou o Inventário Nacional de Referências Culturais, o INRC - é um instrumento de conhecimento de bens culturais de qualquer natureza. Com a criação desse inventário, “o IPHAN acaba por criar sua própria metodologia de estudar e registrar um bem cultural como parte do patrimônio cultural

⁷ Disponível em: <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/279736.pdf>. Acesso em: 11/05/2017.

⁸ IPHAN. Disponível em: <http://iphan.gov.br>. Acesso em: 11 maio 2017.

brasileiro”, conforme (GIMENES, 2011). Assim o INRC servirá como um levantamento dos bens culturais existentes, pois ao se inventariarem esses bens, os identificariam como pertencentes a um determinado grupo social. De acordo com Brayner (2007, p. 18), “o primeiro passo para se preservar alguma coisa é conhecê-la. O INRC é um instrumento para conhecer e documentar bens culturais, como também para conhecer o valor atribuído pelos grupos sociais a esses bens.”

O fundamento do INRC é a noção de Referência Cultural. Segundo este conceito, os atributos que definem que um determinado aspecto da cultura de um grupo social seja considerado patrimônio são os sentidos e significados que o próprio grupo- que compartilha uma história coletiva e um modo de viver – atribui a certas práticas sociais, tornando-as referenciais. E elas, são referencias justamente porque articulam sentidos de pertencimento, de identificação, porque dizem respeito à memória e à identidade das pessoas que nelas, de alguma forma, se reconhecem. (IPHAN, 2006).

Feito o levantamento e mapeamento dos bens culturais imateriais, estes devem ser inventariados para que assim possam servir de referência cultural, no sentido de efetuar a transmissão e reprodução de sua existência. Com o INRC, o bem cultural é pesquisado e identificado para que, posteriormente, possa ser reconhecido e registrado, de fato e legalmente, perante as leis que regem a sua proteção, facilitando perceber qual a melhor maneira de preservação deste. É fato que, o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial é um dos mais importantes instrumentos na preservação PC. O registro do bem garante o seu reconhecimento como “Patrimônio Cultural do Brasil”, assim como o efetiva no ato da inscrição em um ou mais dos quatro (04) livros responsáveis por registrar essas riquezas, conforme disposto abaixo:

Livro de Registro dos Saberes – para a inscrição de conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;

Livro de Registro das Celebrações – para rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, a religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;

Livro de Registro das Formas de Expressão – para o registro das manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas; e

Livro de Registro dos Lugares – destinado à inscrição de espaços como mercados, feiras, praças e santuários, onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas. (BRAYNER, 2007, p. 21).

Conforme se observa, até aqui o processo de reconhecimento do PCI é longo, sendo conduzido por diversos órgãos competentes que têm como objetivos: identificar, registrar e garantir a transmissão, a manutenção e a preservação dos bens culturais encontrados. Dessa maneira, cabe ao IPHAN a responsabilidade de fiscalizar e conduzir todo esse processo, e por

fim de fazer a avaliação final, podendo ser favorável ou não quanto ao registro do bem como PCI. Optando pela avaliação positiva do bem, cabe a este órgão, ainda, registrar o bem e buscar por ações específicas de salvuardá-lo. Como afirma Brayner:

[...] esse ato contribuiu para estimular o envolvimento da sociedade na tarefa de preservar esses bens, e para criar condições para um apoio efetivo na sua salvuarda por parte de instituições públicas e privadas, em nível federal, estadual e municipal. (BRAYNER, 2007, p. 22).

Em Mato Grosso do Sul, o IPHAN também se faz presente. Sua sede está localizada em Campo Grande, capital do Estado de MS. Em nossa região foram encontrados vários patrimônios imateriais e materiais, de forma que pudemos observar no portal do IPHAN⁹ como se deu esse mapeamento documental, bem como as características desse inventário. A descoberta dessa documentação ocorreu a partir do desenvolvimento de um projeto, que teve como objetivo fazer o levantamento, o mapeamento e a identificação desses bens culturais sul-mato-grossenses. O projeto conforme consta no site do IPHAN se desenvolveu de forma multidisciplinar, por meio de uma pesquisa documental que, posteriormente, possibilitou o registro de suas referências encontradas em nosso território. A equipe responsável pelo projeto e pelo seu desenvolvimento no nosso Estado foi composta por dez pesquisadores pertencentes a municípios distintos, sendo cinco deles assistentes de pesquisa, cinco estudantes de graduação e um coordenador. Dentre eles, havia representantes das áreas de Antropologia, Arquitetura, Artes Visuais, Letras, História, Música e Sociologia, possibilitando assim várias aproximações e concepções dos bens culturais a serem encontrados.

O projeto estendeu-se por todo o território sul-mato-grossense, devido a grande expansão territorial e, para maior domínio de área, necessitou que o estado fosse dividido em cinco regiões, tais como: Campo Grande, Bolsão (Três Lagoas e Paranaíba), Fronteira (Ponta Porã), Grande Dourados e Pantanal (Aquidauana e Corumbá). Conforme consta no portal do IPHAN, seguidamente após seis meses de atividade de campo, foram referenciados mais de 294 bens, sendo eles 244 fontes documentais (227 escritas, 11 iconográficas e seis audiovisuais), dos quais são 136 formas de expressão, 42 celebrações, 92 ofícios, 17 lugares e sete edificações. Dentre as categorias encontradas temos: aboios, acalantos, bênçãos, cerâmicas (Guató e Kadiwéu), cestaria terena, as danças chamamé (Siriri e Cururu), a charqueada, a matula, as comitivas de gado, a lenda do Curupira, a doma de cavalos, a erva-

⁹Todas as informações acerca do IPHAN e do seu projeto de levantamento e registro, bem como dos bens culturais sul-mato-grossenses salvuardados, encontram-se disponíveis no Portal do IPHAN *online*: <<http://portal.iphan.gov.br>>.

mate (tereré) e suas diversas formas de preparo e consumo, várias festas religiosas e de origem agrícola, a guarânia e a polca-paraguaia e etc.¹⁰

Em síntese, o homem é um ser que se constitui cultural e socialmente a partir das relações sociais que estabelece ao longo de sua vida. Com isso, essa interação social pode modificar e influenciar seus costumes ao longo dos anos, porém seus patrimônios imateriais culturais construídos ao longo do tempo, tendem a passar de geração em geração, por meio da oralidade, encontrando-se na memória dos indivíduos um dos seus maiores meios de veiculação e transmissão, ou seja, a memória funciona como guardiã dos tesouros patrimoniais dos detentores desses patrimônios. Os diversos órgãos exteriores, ao se preocuparem com a salvaguarda dessas manifestações culturais da humanidade, pressionaram a UNESCO a pensar em um modo de preservar os bens culturais mundiais e, ao mesmo tempo, garantir sua perpetuação. Igualmente, definiram recomendações que, por conseguinte, culminaram em leis em diversos países, influenciando no caso do Brasil a legislação, assegurando esse direito de salvaguardar, preservar e garantir a transmissão dos bens culturais imateriais a toda população brasileira.

¹⁰ Todos os dados citados acima foram retirados do portal do IPHAN. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/955/>>. Acesso em: 21 maio 2017.

2 MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO ACADÊMICO-CIENTÍFICA

O Estado da Arte ou o Estado do Conhecimento são pesquisas que apresentam características bibliográficas, tendo como objetivo sistematizar, descrever, compreender e listar a produção de uma determinada área ou tema da produção acadêmica. Atuando assim, como um facilitador na evolução da ciência, uma vez que cataloga as informações e resultados já alcançados, possibilita aos novos pesquisadores um novo ponto de partida. Segundo Soares e Maciel (2000, p. 9 apud CARVALHO; GAMBOA, 2014, p. 171) essas pesquisas apesar de serem recentes no Brasil:

[...] são, sem dúvida, de grande importância, pois pesquisas desse tipo é que podem conduzir à plena compreensão do estado, atingindo pelo conhecimento a respeito de determinado tema – sua amplitude, tendências teóricas, vertentes metodológicas.

O levantamento da produção científica feito por alguns pesquisadores, por meio do estado da arte, é de suma importância, uma vez que traz o mapeamento da produção científica e acadêmica, podendo justificar assim a relevância ou não do desenvolvimento de determinado trabalho científico, já que a partir desse levantamento é possível conhecer a totalidade de estudos e pesquisas acerca de determinada área do conhecimento. Apresenta tanto o crescimento quantitativo quanto o qualitativo, sendo ainda possível levantar reflexões e indagações outrora feitas pelos pesquisadores, e também aprofundar as pesquisas por eles realizadas. Ademais, o estado do conhecimento propicia ainda a valorização da produção existente acerca de um tema, pois nem sempre o pesquisador está partindo de algo novo e inédito.

Assim sendo, Norma Sandra de Almeida Ferreira em seu artigo intitulado **As Pesquisas denominadas “Estado da Arte”**, publicado no ano de 2002, conceitua o estado da arte ou estado do conhecimento:

Definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em anais de congressos e de seminários. (FERREIRA, 2002, p. 258).

Vale salientar que, para o bom andamento e desenvolvimento de pesquisas que têm como objetivo realizar o estado da arte, é imprescindível determinar como se darão essas

buscas pelas produções acadêmicas, pois os pesquisadores ao fazerem esse levantamento da produção ou o levantamento bibliográfico, precisam ser segundo Ferreira (2002):

Sustentados e movidos pelo desafio de conhecer o já construído e produzido para depois buscar o que ainda não foi feito, de dedicar cada vez mais atenção a um número considerável de pesquisas realizadas de difícil acesso, de dar conta de determinado saber que se avoluma cada vez mais rapidamente e de divulgá-lo para a sociedade, todos esses pesquisadores trazem em comum a opção metodológica, por se constituírem pesquisas de levantamento e de avaliação do conhecimento sobre determinado tema. (FERREIRA, 2002, p. 259).

Com isso, a compreensão da produção acadêmica implica em observar de vários ângulos, os pontos que podem ser identificados com o levantamento bibliográfico, como o volume em um determinado período e a localização de uma produção. Ou seja, cabe ao pesquisador fazer um balanço do conhecimento encontrado, identificando assim o que ainda necessita de maior desenvolvimento, quantificando e qualificando a produção existente, delimitando períodos, em anos, locais de produção, identificando dados, etc. “O objetivo desse tipo de trabalho é descrever o estado atual de uma dada área de pesquisa: o que já se sabe, quais as principais lacunas, onde se encontram os principais entraves teóricos e/ou metodológicos” (LUNA, 1997, p. 20). Conforme afirma Sérgio Vasconcelos de Luna, em seu livro **Planejamento de pesquisa: uma introdução**.

Esses estados da arte realizaram um balanço das respectivas áreas de conhecimento, com a finalidade de diagnosticar temas relevantes, emergentes e recorrentes, indicar os tipos de pesquisa, organizar as informações existentes bem como localizar as lacunas existentes (ROMANOWSKI; ENS, 2006, p. 41).

No texto **As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte em educação”**, escrito por Joana Paulin Romanowski e Romilda Teodora Ens, publicado em 2006, as autoras salientam a importância desses trabalhos. Em termos gerais, o estado do conhecimento acaba se tornando a peça fundamental na construção do trabalho científico, uma vez que esse levantamento prévio da produção propicia a descoberta de possíveis questões não levantadas anteriormente, bem como do que já tem produzido sobre a temática em questão, o que permite que seja feita referência aos pioneiros ou aos pesquisadores que abordaram anteriormente o assunto pesquisado. Impedindo deste modo que se perca tempo com reflexões, investigações e indagações outrora já realizadas, cooperando assim no avanço, progresso e na aquisição de novos postulados, conceitos, axiomas e paradigmas.

No trabalho intitulado **Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções**, as autoras Marília Costa Morosini e Cleoni Maria Barboza Fernandes, afirmam que:

No entendimento, estado de conhecimento é identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica. Uma característica a destacar é a sua contribuição para a presença do novo na monografia. (MOROSINI; FERNANDES, 2014, p. 155).

O estado do conhecimento ao registrar, analisar, localizar, quantificar e qualificar a produção científica sobre uma determinada temática, proporciona ao pesquisador, além de uma boa justificativa da relevância da sua obra e escolha do tema para a academia e para a comunidade científica, acaba por oportunizar a este a construção de uma pesquisa nova, podendo ser essa de caráter único. Esse levantamento ou mapeamento do conhecimento possibilita ao pesquisador partir do que foi ocultado em pesquisas anteriores, sendo capaz de mostrar um rumo novo para a sua, partindo deste modo de um novo ponto. Conforme afirma (MOROSINI; FERNANDES, 2014, p. 156) “[...] a construção de uma produção científica está relacionada não só à pessoa (pesquisador) que a produz, mas às influências da instituição na qual está inserida, do país em que vive e de suas relações com a perspectiva global”.

Nesse sentido, a construção do Estado de Conhecimento, fornece um mapeamento das ideias já existentes, dando-nos segurança sobre fontes de estudo, apontando subtemas passíveis de maior exploração ou, até mesmo, fazendo-nos compreender silêncios significativos a respeito do tema de estudo. Acredito que o Estado de Conhecimento deva ser o movimento inicial de toda pesquisa, uma vez que localiza e norteia os passos da investigação, a partir do conhecimento e da compreensão da produção intelectual que aborda estudos relacionados ao objeto de nossa pesquisa. (MOROSINI; FERNANDES, 2014, p. 158).

Partindo da importância que o estado da arte tem para a construção de um novo trabalho científico, é preciso que o pesquisador estabeleça critérios rigorosos na análise do levantamento bibliográfico, feito a partir do mapeamento da produção acadêmico-científica sobre o tema existente. Diante disso, é preciso entender qual a melhor maneira de se fazer o estado do conhecimento, pois existem teóricos como Ferreira (2002, p. 259) que relatam sobre a utilização de catálogos por grande parte dos pesquisadores, “[...] principalmente os catálogos de faculdades, institutos, universidades, associações nacionais e órgãos de fomento

da pesquisa”. Ou seja, valem-se destes catálogos como fonte documental, por meio dos quais são coletados os dados e, posteriormente, feita a análise do material encontrado.

Toda a comunidade acadêmica, bem como as universidades necessitam dar satisfação de suas produções acadêmico-científicas não só para a comunidade científica, mas também para toda a sociedade, haja vista que todo o conhecimento produzido por esses órgãos carece de ser disseminado com o intuito de trazer benefícios para a sociedade no geral, uma vez que as indagações, investigações e reflexões levantadas, primam sempre pela melhoria da vida humana e da vida em sociedade. Levando isso em consideração, Ferreira (2002) afirma que a sociedade, por sua vez, ao ver na universidade uma prestadora de serviços, se vê no direito de avaliar sua produção, ou seja, as universidades produzem a ciência e prestam contas para a sua empregadora, a sociedade.

Segundo Chauí (1999, p. 6 apud FERREIRA, 2002, p. 260), “a avaliação de toda e qualquer universidade passa a ser caracterizada por uma qualidade que traz como definição”:

[...] ‘qualidade’ é definida como competência e excelência cujo critério é o atendimento às necessidades de modernização da economia e desenvolvimento social; e é medida pela produtividade, orientada por três critérios: quanto uma universidade produz, em quanto tempo produz e qual o custo do que produz [...].

De acordo com esta autora, as universidades precisam trazer a público a prestação de contas da sua produção, pois a quantidade de trabalhos acadêmicos produzidos é que definiram seu êxito na comunidade acadêmica e perante à sociedade. Dessa forma, os catálogos atuam como os propagandadores da sua produção acadêmico-científica, pois como bem explicita Ferreira (2002, p. 260) “Os catálogos são organizados pela ideia de acumulação – reunir tudo o que se tem de avanço da ciência em um único lugar; pelo fascínio de se ter a totalidade de informações-”. Esta fonte funciona como um documento de prestação de contas do que se tem produzido, quando foi produzido e onde está sendo produzido, ou seja, atuando como o grande jogo de marketing da academia.

Os catálogos trazem os títulos das dissertações de mestrado e teses de doutorado, mas também os dados identificadores de cada pesquisa quanto aos nomes do autor e do orientador, do local, data da defesa do trabalho, da área em que foi produzido. Os dados bibliográficos são retirados das dissertações de mestrado e das teses de doutorado para serem inseridos nos catálogos. [...] O *resumo* é, então, incluído com a finalidade de divulgar com mais abrangência os trabalhos produzidos na esfera acadêmica. (FERREIRA, 2002, p. 261- 262).

Como bem descreve a autora no trecho anterior, os catálogos trazem informações importantes para os pesquisadores acerca das dissertações e teses pesquisadas no levantamento do estado da arte, pois até mesmo os resumos das obras foram incorporados nestes, com o intuito de proporcionar mais informações ao leitor, facilitando a sua decisão pela leitura ou não da obra na íntegra. Mesmo com a complexidade maior e uma melhor elaboração feita pelos catálogos, estes apresentam cuidados por melhorar seu conteúdo, no intuito de trazer dados mais rigorosos e detalhados das obras ali submetidas, as quais funcionam como fonte de consulta da produção existente. Alguns teóricos e pesquisadores questionam a autenticidade das informações contidas, principalmente nos resumos dessas dissertações e teses.

Os resumos apresentados nos catálogos são considerados informativos, atuando assim como propagandadores, proporcionando, portanto, uma rápida aproximação do pesquisador ao material produzido “[...] para que desempenhem este importante papel é necessário, no entanto, que sejam objeto de elaboração cuidadosa” (GARRIDO, 1993, p.5 apud FERREIRA, 2002, p. 262). Porém, os resumos apresentados nestes bancos de dados nem sempre são os originais, uma vez que são reeditados no intuito de satisfazerem as normas dos mesmos, que tem como maior função a de possibilitar a divulgação dos trabalhos acadêmico-científicos produzidos. Nos catálogos, os resumos apresentados necessitam ser modificados para serem divulgados conforme o formato exigido pelo novo suporte, “[...] que os tornam diversificados e multifacetados, resultados de diferentes operações (cortes e acréscimos) feitas a muitas mãos, por diferentes motivos totalmente desconhecidos do leitor” (FERREIRA, 2002, p. 263). Isso quer dizer que, uma mesma pesquisa pode apresentar vários resumos distintos, os quais apresentam modificações tipográficas e textuais, dependendo das regras das instituições a que estes estão inseridos.

Para garantir que os dados fossem apresentados de forma correta e completa, a versão original apresentada pelos próprios mestrados ou encontradas no corpo das dissertações nem sempre foi mantida. Os resumos foram elaborados, revisados e reunidos especialmente para o catálogo e seguiram critérios definindo o limite de linhas e determinando os elementos informativos mais relevantes. ‘Universidade Federal Fluminense, 1975 – 1995’. (FERREIRA, 1996, p. 7 apud FERREIRA, 2002, p. 263).

Dada à complexidade de se fazer um *bom* estado da arte ou estado do conhecimento, que contemple todas as exigências de uma boa abordagem, reflexão e análise da produção científica produzida acerca da temática a ser pesquisada. As dificuldades em realizar uma boa investigação perpassam desde a não confiabilidade dos dados apresentados nos catálogos, à

dificuldade de se acessar a obra na íntegra, uma vez que uns não se encontram cadastrados nos sites de suas instituições de fomento ou mesmo em outros sites de divulgação.

Neste trabalho acadêmico optamos por fazer somente um levantamento quantitativo da produção científica existente, que aborda o tema Benzer/Rezar, ou seja, foi feito apenas um mapeamento do material encontrado, serão apresentados apenas, o título da obra, ano e programa ao qual está vinculada e a instituição de fomento. Foram realizados o levantamento e a quantificação da produção de teses e dissertações que retratam sobre a temática "Benzedeiras/rezadeiras", em formato eletrônico, e no âmbito nacional, pois acreditamos que tal mapeamento da produção científica possibilita, à comunidade acadêmica, disponibilizar cada vez mais e melhor a pesquisa produzida. Os recursos midiáticos utilizados são uma das formas de facilitar e melhorar a divulgação dos conhecimentos autorais produzidos nas instituições de ensino.

Com isso, durante a realização deste trabalho, foi feito um mapeamento da referida produção científica, obtendo-se como fontes e referências os artigos, teses e dissertações constantes no banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e no *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). As buscas foram realizadas por meio de consulta aos sites, onde constam o banco de dados com informações sobre as teses, dissertações e artigos publicados e/ou defendidos no Brasil no período de 1983 a 2017, cujo levantamento possibilitou constituir o corpus documental, que culminou na construção de três quadros.

A princípio, foram realizadas buscas dos trabalhos nos referidos endereços eletrônicos, das fontes acima citadas, utilizando-se das seguintes palavras-chave: **Rezadores/Rezadeiras, Benzedores/Benzedeiras, Benzer e Rezar**. Por meio da utilização destes descritores, foi possível a localização de 63 trabalhos, sendo 53 dissertações, 9 teses e 4 artigos científicos. Feito o levantamento da produção científica, observou-se que não fora encontrada nenhuma que abordasse essa temática no Estado do Mato Grosso do Sul e, por este motivo, foi feita uma busca no site das três instituições públicas presentes no Estado, quais sejam: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) e na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). A busca teve como base os mesmos descritores anteriormente citados, e foi feita nas bibliotecas online das referidas instituições. Com base nessa consulta, verificamos que as páginas dos respectivos sites não eram frequentemente atualizadas, fato que pode ter impedido a localização e a quantidade de postulados sobre o tema no estado e que poderia compor o

acervo documental nas Bibliotecas das Unidades Universitárias aqui mencionadas. Nesse sentido, houve a preocupação no que diz respeito à negligência, pelo fato de não ser possível a localização de produções acadêmico-científicas que tratassem sobre o tema aqui em estudo.

Dado o fato de que o trabalho em questão tem como instituição de fomento a UEMS- Unidade de Paranaíba, optamos pelo contato com as bibliotecas das demais unidades universitárias presentes no estado, ou seja, decidiu-se buscar no acervo documental destas unidades, sendo feito o contato somente com aquelas que oferecem os cursos de História e/ou de Pedagogia. Feita essa pesquisa de caráter mais intrínseco, foi localizado, na unidade de Amambaí, um trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que trata sobre o tema. A obra é intitulada **A ARTE DE CURAR: MEMÓRIAS DE BENZEDEIRAS DE AMAMBAI – MS**, autoria de Marinete Ferreira Rodrigues, no ano de 2007.

O quadro a seguir foi construído com base nos dados encontrados nos sites da CAPES e do IBICT. Dessa maneira, foram localizadas 53 dissertações, as quais foram produzidas e/ou publicadas no período de 1983 à 2016 em território brasileiro.

Quadro 01 – Dissertações

Instituição	Título	Ano	Programa
UNICAMP	Doença, cura e benzedura: um estudo sobre o ofício da benzedura em Campinas.	1983	Antropologia
UNAERP	Mal de Simioto: o saber das benzedoras.	1993	Enfermagem
UFSM	As benzedoras e os benzedores de três barras: a concepção do homem sagrado.	1996	Extensão Rural
PUC/SP	Ramos, Rezas e Raízes - A Benzedura em Vitória da Conquista.	1999	Ciências Sociais
FFC	As benzedoras de Vera Cruz - cultura popular e a escola pública no Oeste Paulista.	2001	Educação
UFSM	Com ervas dos montes e água das fontes: um estudo sobre benzedoras e benzedores na zona rural de Santa Rosa do Sul e Sombrio-SC.	2003	Extensão Rural
UFMG	Rezas e Benzeções: a apropriação desses saberes populares em Barra do Dêngoso.	2003	Educação
UFPB	Prática de Rezadeiras sob o Olhar de uma Enfermeira, à luz da história oral de vida.	2004	Enfermagem
UFPE	Sagradas mulheres: mistérios, rezas e bênçãos: uma história de benzeção em Caruaru – PE.	2005	História
FIOCRUZ	Prática curativa: um saber sonogado?	2005	História das Ciências e da Saúde
PUC-SP	As benzedoras da cidade de Irati: suas experiências com o mundo e o mundo da benzeção.	2006	História
UFPE	Saberes de cura e hibridismo: relações entre ciência, magia e saúde no Morro da Conceição, no Recife.	2006	Sociologia
UFRRJ	Entre a ciência e a reza: estudo de caso sobre a incorporação das rezadeiras ao programa de saúde da	2006	Desenvolvimento,

	família no município de Maranguape-CE.		agricultura e sociedade
UFBA	O espaço de rezar: A religião católica doméstica na casa rural do recôncavo baiano - Séculos XVI a XIX.	2006	Arquitetura e Urbanismo
UNICAP	Saúde e salvação: o sagrado das rezadeiras em Paulista.	2007	Ciências da Religião
UNB	Velha do Cerrado: a personificação de um arquétipo em busca da sustentabilidade cultural no cerrado.	2007	Desenvolvimento Sustentável
UFRN	O Ofício das Rezadeiras: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em Cruzeta/RN.	2007	Antropologia Social
UFU	Uma análise do feminino artes e ofícios de cura: benzedeadas e parteiras de Ituiutaba 1950/2006.	2007	História
UFMG	Conhecendo a vida das mulheres Xakriabá: gênero e participação.	2008	Educação
UNIR	A palavra e o lugar da cura: História Oral com Rezadeiras.	2008	Geografia
MACKENZIE	Benzedeadas no sistema oficial de saúde do Ceará: relações entre religiosidade e medicina popular.	2009	Ciências da Religião
PUC-SP	Entre ramos e rezas: o ritual de benção em São Luiz do Paraitinga, de 1950 a 2008.	2009	Ciência da Religião
UEL	A voz feminina afrodescendente e a manifestação do sagrado: narrativas de Dona Cândida, uma benzedeadas do Norte do Paranaense.	2010	Letras
UFPB	Tradições Discursivas Oraís: mudanças e permanências nas rezas de cura e benzedeadas populares da região de Itabaiana.	2010	Linguística
UFPR	Retratos da benção: usos da fotografia entre as benzedeadas de Campo Largo.	2010	Antropologia Social
UFMG	Entre os ramos de poder: rezadeiras e práticas mágicas na zona Rural de Area-PB.	2010	História
UNB	Irmãs de almas: rituais de lamentação na Chapada Diamantina.	2011	Antropologia
UFPR	Retratos da benção.	2011	Antropologia
UFAM	Ainda se Benze em Parintins: rezas e simpatias nas práticas das mulheres benzedeadas.	2011	Sociedade e Cultura
UFPI	SENHORAS DA FÉ: histórias de vida de rezadeiras do Norte do Piauí.	2011	História
UFG	As transformações da prática de benzimento em Anápolis 1979-2004.	2012	História
UFBA	Rezadeiras/rezadores de preceito de São Francisco do Conde: itinerário de fé e cura nas práticas etnomédicas.	2012	Estudos étnicos e africanos
UNEB	“A lei deles é uma, a do povo é outra”: experiências e impasses com o catolicismo vivido por rezadores em Santo Antonio de Jesus-BA (1940-1970).	2012	História
UFSC	O poder na e da voz delas: benzedeadas da ilha de Florianópolis/SC.	2013	Antropologia
UFRN	Crenças e quebraças de um corpo que dança: poéticas do benzimento na criação cênica.	2013	Artes Cênicas
UFRJ	Mulheres e artes de cura: o saber-fazer cotidiano de rezadeiras de Lumiar, Nova Friburgo.	2013	Psicossociologia de Comunidade e Ecologia Social
UEL	A construção do sagrado: benzedeadas e práticas religiosas em Cambe/Paraná.	2014	História

UFES	Benedeiras de Maruípe: uma prática de cuidado humano em extinção.	2014	Saúde
UFRN	Práticas populares de cuidado à criança: o saber/fazer de cuidadoras.	2014	Enfermagem
UFS	Rezadeiras de Itabaiana/SE: entre herança cultural, a modernidade e os rituais de cura.	2014	Antropologia
UEPA	Mulheres Benedeiras em Belém/PA.	2014	Ciências da Religião
UFAL	“Eu te benzo, eu te curo: saberes e práticas de benedeiras de Maceió-AL.	2014	Enfermagem
UEPG	Rezar e benzer: rituais sagrados e identidade étnica em Prudentópolis – PR (1990-2014).	2014	História
UFPEL	Benzimentos: estudo sobre a prática em São Miguel das Missões (RS).	2014	Memória social e patrimônio cultural
UFC	Marcadores das africanidades no ofício das rezadeiras de Quilombos de Caucaia/CE: uma abordagem pretagógica.	2015	Educação
UNICAP	O uso da linguagem como instrumento terapêutico: Rezadeiras e ato de fala.	2015	Ciências da Linguagem
UFPEL	A palavra é que Voga: concepções de cura e saúde entre benedeiras no Município de Pelotas.	2015	Antropologia
UFBA	Preparar, Rezar e Sambar: a Reza de Brejões/BA sob a perspectiva da etnocologia.	2015	Artes Cênicas
UNB	Matronas afropacíficas: fluxos, territórios e violências: gênero, etnia e raça na Colômbia e no Equador.	2016	Antropologia
PUC-GOÍAS	A inserção das benedeiras no meio popular (Pires do Rio e Palmelo).	2016	História
Escola Superior Dom Helder Câmara-MG	Tempo, narrativa e memória: o registro do ato de benzer como patrimônio cultural imaterial de Minas Gerais.	2016	Direito Ambiental
UMC	Patrimônio cultural imaterial: as rezadeiras da festa do divino em Mogi das Cruzes.	2016	Políticas Públicas

Organização: Simões, 2017.

Dentre as dissertações localizadas, foi passível constatar que estas são ou foram produzidas em todas as regiões do nosso país, porém a maioria dos trabalhos encontra-se na região nordeste. A julgar pelos títulos das obras, nota-se que há uma busca por enaltecer as práticas e o ofício utilizados por estes sujeitos, no intuito de salvaguardar e imortalizar a importância desse conhecimento para a comunidade, qual esses benzedores/Rezadores estão inseridos. O ato de benzer/rezar é considerado como um Patrimônio Imaterial, e os detentores desse ofício e práticas, na sua maioria são mulheres, conforme se observa o quadro acima. Outro fato que deve ser levado em conta, é que essas temáticas são estudadas não somente pelos programas de História, uma vez que se tratam de narrativas de vida em que, na maioria dos casos, utilizam-se de metodologias de pesquisa da História, Nova História Cultural e da História Oral. Pode-se observar que os programas de fomento vão desde os da História, até

aos mais diversos, como: Políticas Públicas, Antropologia, Ciências da Linguagem, Educação, Ciências da Religião, Enfermagem, Linguística, Arquitetura e Urbanismo, Artes Cênicas etc.

Com o quadro das produções feitas, ainda se pode observar que a primeira dissertação produzida sobre a temática em questão foi publicada no programa de Antropologia no ano de 1983, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), recebeu o título “Doença, cura e benzedura: um estudo sobre o ofício da benzedura em Campinas”, e teve como autora Elda Rizzo de Oliveira, sendo essa produção acadêmico- científica a pioneira na abordagem desse tema. A obra, de acordo com as bibliotecas eletrônicas aqui pesquisadas, é a precursora, no Brasil, ao trabalhar com essa temática. Após este trabalho de Oliveira, é possível constatar que ocorreu um intervalo de dez anos para a produção da próxima dissertação, que também utilizasse dessa temática. Esta, por sua vez, foi publicada no ano de 1993 pelo programa de Enfermagem da Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP), intitulado **Mal de Simioto: o saber das benzedeadoras**. Pode-se observar uma abordagem mais específica neste caso, pois o trabalho traz a especificidade do saber das benzedeadoras com relação a uma das mazelas que são passíveis de receber a benzedura destas, ou seja, a busca pela cura.

No ano de 2014, conforme se verifica no quadro acima, ocorreu um pico de produção de dissertações que abordassem a temática benzer/rezar, perfazendo um total de oito produções, sendo dois trabalhos produzidos no Paraná, pelos programas de História (UEPG – UEL), e o restante foi produzido apenas um por estado e programa, os quais se localizam no Rio Grande do Sul, pelo Programa de Memória Social e Patrimônio(UFPEL); no Pará, pelo programa de Ciências da Religião (UEPA); em Alagoas, pelo programa de Enfermagem (UFAL); em Sergipe, pelo programa de Antropologia(UFS); no Rio Grande do Norte, pelo programa de Enfermagem (UFRN) e no Espírito Santo, pelo Programa de Saúde (UFES).

Este quadro, bem como os demais que serão apresentadas neste capítulo, foram organizados pela autora com base em informações disponibilizadas nos sites de busca aqui já mencionados. No entanto, pode haver mais produções que não se encontram publicadas nesses catálogos eletrônicos, ou que não foram contempladas nas buscas feitas pelos descritores (Rezadores/Rezadeiras, Benzedores/Benedeadoras, Benzer e Rezar) utilizados. Existem também as produções publicadas antes da implantação da Plataforma Sucupira¹¹, as

¹¹ O nome dessa ferramenta que proporciona aos pesquisadores coletar informações, realizar análises e avaliações, sendo ao mesmo tempo à base de referência do Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG) é uma homenagem ao professor Newton Sucupira, autor do Parecer nº 977 de 1965, documento este que definiu, normatizou e institucionalizou a pós-graduação brasileira nos moldes como é até atualidade.

quais, na sua maioria, não se encontram divulgadas nestes sites e catálogos de busca, pois não foram cadastradas nessa ferramenta, tendo em vista que foram produzidas e/ou publicadas anteriormente.

O quadro que será apresentado a seguir, teve sua elaboração baseada nos dados e informações disponíveis nos sites da CAPES e do IBICT. Para tanto, utilizou-se dos mesmos descritores anteriormente mencionados. Nessa consulta, foram identificadas nove (9) teses, as quais foram produzidas e/ou publicadas no período de 2007 à 2016, em âmbito nacional.

Quadro 02 – Teses

Instituição	Título	Ano	Programa
UFRGS	Paradoxos da modernidade: a crença em bruxas e bruxarias em Porto Alegre.	2007	Antropologia
UFMG	Modos de participação nas culturas do escrito em uma comunidade rural no norte de Minas Gerais.	2009	Educação
UNB	Ainda-não: potencialidade e possibilidades do cuidado humano.	2009	Ciências da Saúde
UFC	Trajetórias de espiritualidade de mulheres rezadeiras: o que a vida lhes ensinou?	2011	Educação
UNESP	Nós, os degredados filhos de Eva: angústia religiosa e alteridade entre rezadeiras do terço.	2011	Ciências Sociais
PUC-SP	Mulheres negras da montanha: a religiosidade das benzedeiros de Rio de Contas.	2012	Ciências Sociais
UFPB	Vozes e performances de rezadeiras e rezadores da Paraíba: uma abordagem linguístico-antropológica das tradições discursivas.	2013	Linguística
UNICAP	Terapêutica popular: A “cura” pelas benzedeiros enquanto modo de cuidado.	2016	Psicologia
UNEB	O Rezar e o Festar na Comunidade Mulungu: dinâmicas de sociabilidade educativa.	2016	Educação

Organização: Simões, 2017.

Conforme se observa nesse quadro, a maioria das produções no sentido de resgatar e salvaguardar o patrimônio imaterial do ato de benzer encontram-se na região Nordeste; o que é possível também a verificação de que as rezadeiras/benzedeiros são as praticantes que mais se ocupam deste ofício, ou seja, pelos títulos dos trabalhos citados acima, pode-se observar que no ofício da benzeção e da rezação, as mulheres têm um papel de destaque. Este evento pode se elencar como hipótese, uma vez que somos frutos de uma sociedade patriarcal, oriunda da cultura ocidental judaico-cristã, a qual foi constituída e é até hoje aprimorada pelo nosso sistema capitalista em vigor.

Nesse modelo de sociedade patriarcal em que vivemos, a mulher cumpre um papel específico de submissão ao homem, e ao próprio sistema social, ficando assim subordinada ao trato do lar, ao cuidar dos filhos e da família, sendo esse o único papel especificamente

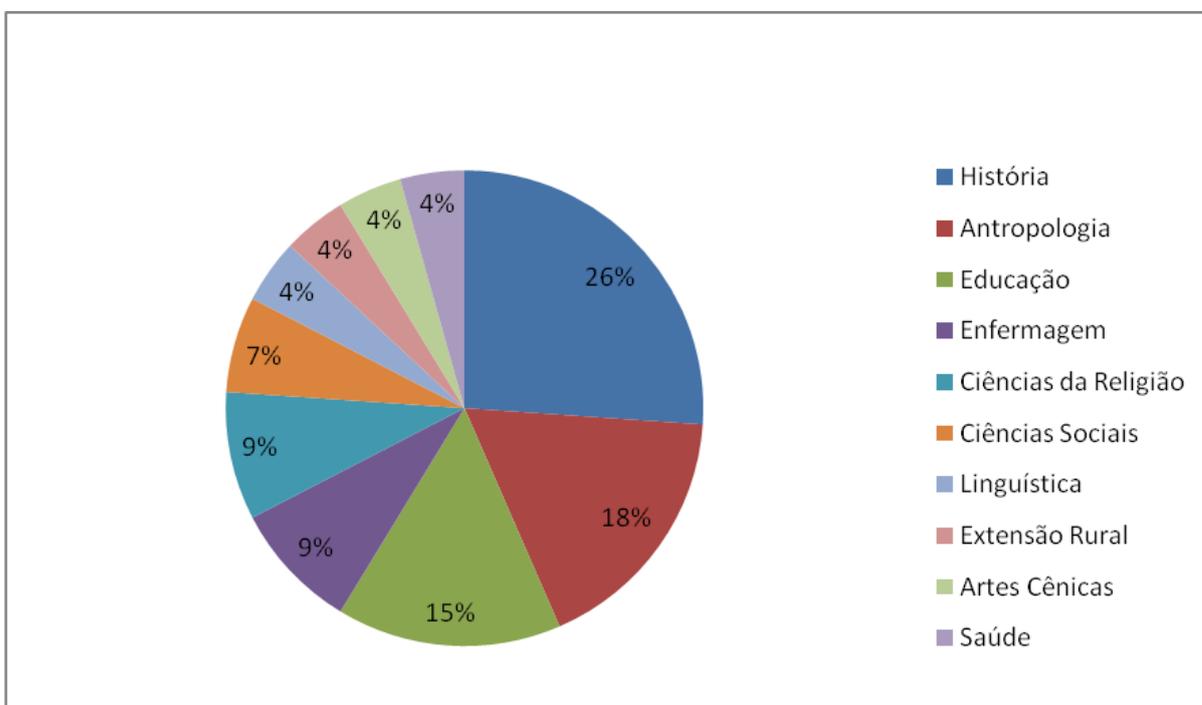
pesando para elas, como sendo o ideal. E, por conseguinte, parece-nos que a mulher com o ofício da benzedura, apenas externaria sua função no lar para o social ao cuidar da sua clientela com presteza e zelo, pois antes eram dedicadas aos seus entes, agora também atuam como benzedoras, como mais uma forma ou ato de cuidado, e ainda continuam nos seus lares, cumprindo os seus papéis na sociedade patriarcal. Neste ofício, conforme apontam as pesquisas, independem de gênero, porém as mulheres têm uma presença mais significativa em relação ao homem. Fato este que foi constatado a partir do mapeamento da produção realizada, isto é, as mulheres têm um papel de destaque, comprovando que elas têm aprendido estas práticas ao longo dos anos. As mulheres exercem, deste modo, uma função importante na *cura* do corpo e da alma da sua comunidade, e são de grande relevância cultural e social para o seu povo.

[...] A cura procurada e exercida pelos pobres que não podiam arcar com os custos da medicina alopata será o principal motor pelo qual surgem, firmam-se e crescem as práticas religiosas que, mais tarde, se afiguram com sua feição abertamente afro-brasileira. Estas têm, em seus primórdios, as benzedoras, em geral mulheres das classes baixas e médio-baixas da população, que possuíam grande prestígio pelo poder a elas atribuído e cura espiritual e física, com o auxílio de rezas e ervas, em uma clara mistura de terapêutica corporal e espiritual. (TRAMONTE, 2012, p. 272).

As teses encontradas pertencem a programas de pós-graduação distintos, como: Antropologia, Educação, Ciências da Saúde, Ciências Sociais, Linguística e Psicologia. Podemos observar a grande diversidade em torno do trato com essa temática, uma vez que diferentes áreas do conhecimento se interessam em sua pesquisa, no intuito de entender como essas práticas e ofícios se constituem, bem como no objetivo de preservar a riqueza desse patrimônio imaterial produzido pelo nosso povo, uma vez que esses sujeitos atuam de forma importante na sociedade na qual estão inseridos, pois detentores de um saber único, no cuidado do corpo e da alma de sua clientela.

A produção realizada e publicada nos catálogos eletrônicos da Capes e IBICT, que tem como objeto de estudo o ato de benzer e/ou os detentores deste saber, propiciaram a construção de dois (02) quadros, nos quais constam os programas de pós-graduação responsáveis por tais elaborações científicas por meio das quais estes trabalhos acadêmicos estão vinculados. Nesse sentido, o gráfico construído a seguir aponta em que área de estudo está localizada a maior concentração destes trabalhos.

Gráfico 1 – Programas de Pós-graduação



Fonte: Simões, 2017.

Ao observar o gráfico acima, percebe-se a grande diversidade de programas de pós-graduação que se interessam pelo assunto aqui em estudo. O programa de História tem o maior aglomerado de trabalhos submetidos em suas linhas de pesquisas, totalizando 26% desta produção. Em segundo lugar o campo da Antropologia que possui 18% de suas construções sobre esse tema; na terceira posição a Educação com total de 15% das suas pesquisas destinadas a essa temática, sendo esses três programas os maiores impulsionadores dos postulados escritos, já que os demais programas que aparecem no gráfico dedicam menos de 10% de suas produções a esta área de pesquisa.

Vale ressaltar que ao analisar, as quais programas de pós-graduação estão vinculados os trabalhos que se utilizam da temática do ato do rezar, bem como das práticas e ofícios de benzedoras/benedores, o fato de encontrar essas pesquisas sendo realizadas em programas de Enfermagem e Saúde nós chamou bastante atenção. Uma vez que a área da saúde prioriza pelo empirismo e o cientificismo, que por sua vez acredita na superioridade da ciência sobre todas as outras formas de compreensão humana da realidade, inclusive da religião. Nesse sentido encontrar trabalhos desse cunho em áreas tão objetivas, de matrizes positivistas, que acreditam no conhecimento que provém unicamente da experiência, funciona como uma espécie de validação do benzer e dos ofícios de rezadores/rezadeiras. Estes sujeitos parecem

terem suas práticas e ofícios legitimados, posto que a ciência psicológica vem conferindo cada vez mais destaque aos estudos que consideram a espiritualidade como importante elemento de saúde e bem-estar. Nestes trabalhos é possível notar que a benzeção acaba por ser caracterizada como uma atividade principalmente terapêutica, a qual se realiza por meio de uma relação dual entre cliente e benzedor.

A seguir, será apresentado o quadro constituído a partir dos artigos científicos localizados no SciELO. Este site foi lançado em 1997, funcionando desde então como uma biblioteca virtual utilizada para a publicação de periódicos científicos na Internet. Assim, por meio de procura na sua *home page*, foram encontrados quatro (4) artigos. Estes, por sua vez foram publicados entre os anos de 2006 e 2017. Dessa forma, optou-se por trazer os seguintes dados: periódico, título da obra e ano de sua publicação.

Quadro 03 – Artigos do SciELO

Periódico	Título	Ano
Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas	Um olhar sobre as benzedeiras de Jurueña (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e cura.	2006
Escola Anna Nery	As práticas populares de cura utilizadas por rezadores no povoado Brejinho, município de Luiz Correia – PI	2007
Revista de Saúde Coletiva	Na simplicidade a complexidade de um cuidar: a atuação da benzedeira na atenção à saúde da criança.	2013
Psicologia: Ciência e profissão	Desfazendo o “mau-olhado”: Magia, Saúde e Desenvolvimento no Ofício das Benzedeiras	2017

Organização: Simões, 2017.

Na rede de internet aberta, em uma busca rápida e menos criteriosa, é possível localizar vários artigos sobre o tema aqui em estudo, mas que não estão cadastrados no SciELO, cuja função específica é a divulgação da produção da comunidade científica. Dessa maneira, como por exemplo, utilizando-se de uma pesquisa rápida em sites de buscas, como o *google*, é possível localizar vários artigos, mas que não estão cadastrados em catálogos específicos que tem a função de divulgação da produção da comunidade científica. Alguns se valem do procedimento de entrevistas, acessando as memórias dos sujeitos detentores deste saber-fazer.

Sabe-se que o SciELO é uma biblioteca eletrônica, a qual tem seu acervo composto por periódicos científicos brasileiros, e em sua *home page* são encontrados somente artigos científicos. Este site é parte de um projeto FAPESP/BIREME/CNPq, tendo por objetivo a

preparação, o armazenamento, a disseminação e avaliação da produção científica em formato eletrônico. Muitos autores talvez considerem trabalhoso e desgastante o processo de adequação dos trabalhos às normas dos suportes eletrônicos, para fins de publicação. Diante disso, poucas foram as publicações encontradas nesse tipo de fonte de pesquisa, durante o nosso mapeamento da produção acadêmico-científica. Ressalta-se que, o nosso objetivo foi a busca por pesquisas e trabalhos científicos produzidos pela comunidade acadêmica, que estivessem cadastrados em sites e catálogos de maior acesso público. Dessa maneira, optamos por buscar somente os trabalhos que estão cadastrados no SciELO, dada a sua relevância no ambiente acadêmico. Com isso, foram encontrados somente quatro artigos científicos que a julgar pelos seus títulos, buscam compreender as práticas utilizadas pelas (os) benzedoras/benedores no ato de benzer. Conforme constatado nos quadros apresentados anteriormente, neste também podemos perceber a importância e o papel de destaque das benzedoras na prática desse ofício.

Deste modo, devido à escassez de artigos publicados no SciELO, decidimos fazer também uma busca por artigos científicos que estão disponíveis na rede de Internet aberta, e os descritores utilizados foram os mesmos que propiciaram a construção dos quadros anteriores. Assim, localizamos um total de 22 artigos, publicados entre os anos de 2006 e 2016. O resultado da busca compreende: revista/evento de publicação do postulado, título e ano.

Quadro 04 – Google

Revista/Evento	Título	Ano
VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom	Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé	2006
XIX Encontro Regional de História: poder, violência e exclusão	As benzedoras e a representação da mulher	2008
Revista Mineira de Enfermagem (REME)	O modo de cuidar na benzeção: saber popular e racionalidade divina	2008
Revista CPC, São Paulo	O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural: religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região do Seridó Potiguar	2009
V ENECUL - Encontro de Estudos Multidisciplinares em	Rezadeiras: guardiãs da memória	2009

Cultura		
Revista Nures	As benzedoras do Rio de Contas e os desafios às Ciências Sociais	2009
X encontro Nacional de História Oral	SER REZADEIRA: Saberes e práticas culturais de mulheres no Recôncavo. Gov. Mangabeira - Recôncavo sul da Bahia (1950-1970)	2010
I Encontro de História do CAHL – Cachoeira-BA	Memórias e Curas: a benzedura em Caetitê – 1930 a 1950	2010
João Pessoa –PB	Reza e tecnologia leve no diálogo entre os saberes científicos e populares	2011
MNEME – Revista de humanidades	Eu te benzo, eu te livro, eu te curo: nas teias do ritual de benzeção	2011
Caos – Revista Eletrônica de Ciências Sociais	Representações de Doença e Cura no Contexto da Prática Popular da Medicina: estudo de caso sobre uma benzedora	2011
Revista de Ciências Humanas	Um olhar antropológico sobre as benzedoras, cartomantes e videntes na Zona da Mata mineira	2011
Revista Brasileira de História das Religiões, ANPUH	As benzedoras e a renovação carismática católica: o surgimento da benzedora renovada	2012
DOSSIÊ – O final da vida no século XXI	Velhas Benzedoras	2012
Contemporâneos- Revista de Artes e Humanidades	Poetas da benzeção – ramos, santos, velas e benzimentos na criação cênica	2012
Ateliê de História UEPG	Benzedoras e benzimentos: práticas e representações no município de Ivaiporã/PR (1990-2011)	2013
Intercom–Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação	O Estudo das Benzedoras em Parintins: uma abordagem Folkcomunicacional	2013
Estúdios Históricos – Uruguai.	Os benzedores de São Miguel das Missões-RS: aspectos de memória e identidade	2013
X Encontro de Regional Sudeste de História Oral	A arte de benzer e uso das plantas medicinais: práticas e representações orais de benzedores e raizeiros acerca do saber fazer em João Pinheiro (MG)	2013
29ª Reunião Brasileira de Antropologia	Um diálogo sobre as práticas de cura das Rezadeiras da Cidade de Cachoeira (BA)	2014
Universidade Estadual	Pra curar tem que ter fé: Curandeiros, Benzedoras e	2014

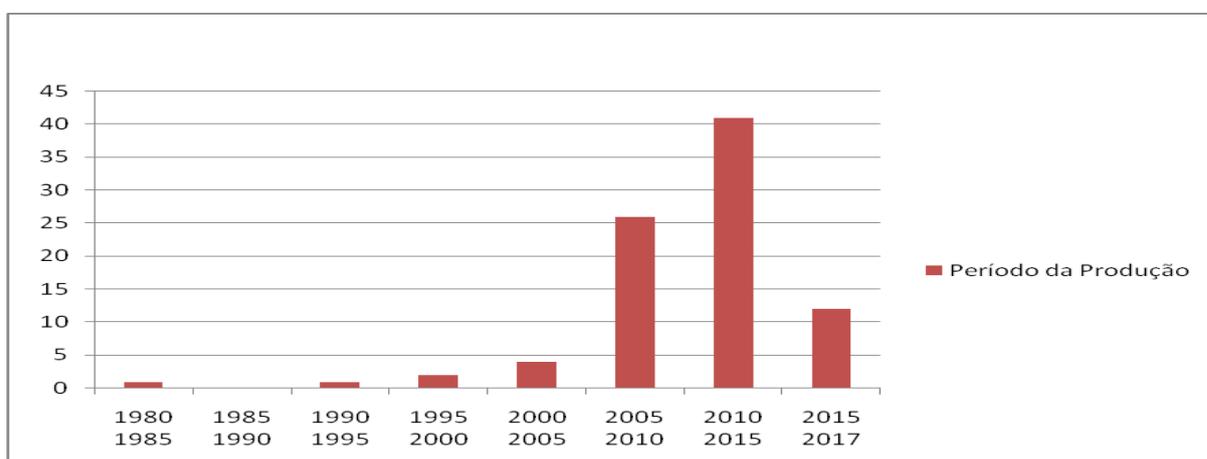
do Ceará (UECE)/ Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM)	Rezadores – memórias de indivíduos numa perspectiva Histórica	
Congresso Internacional de História - Jataí – GO	As benzedeiros do oeste goiano: resgatando uma história	2016

Organização: Simões, 2017.

A busca por estes artigos acima apresentados foi feita na Empresa Multinacional Norte Americana prestadora de serviços online Google, a qual tem como objetivo principal a **publicidade**, tornando assim acessível e útil as informações mundiais. Milhares de usuários utilizam-se dos serviços dessa empresa na busca por pesquisas sobre as mais variadas informações. Nesse sentido, podemos salientar que esta empresa não preza pelo mesmo rigor que os veículos de divulgação de trabalhos acadêmicos, como os catálogos aqui já citados. Mas mesmo não sendo tão *rigorosos* com os materiais que disponibilizam ao público, nestes sites de buscas como o Google, também são localizados vários artigos que se utilizam destes como meio de divulgação. Os trabalhos encontrados fazem parte das mais diversas instituições de ensino e, na maioria das vezes, foram apresentados em eventos científicos.

Ao final do levantamento mapeamento da produção acadêmico-científica produzida, os dados coletados culminaram na construção de quatro (04) quadros, nos quais constam os anos de publicação destes postulados e que, de algum modo, tratam do ato de benzer ou dos sujeitos que detêm esse ofício. Para melhor elucidar o período em que ocorreram essas publicações, construímos o gráfico logo abaixo.

Gráfico 2 – Período da Produção



Fonte: Simões, 2017.

Podemos perceber que os estudos sobre esse tema começaram a surgir após o ano de 1980, sendo que nos anos entre 1985 e 1990 não houve nenhuma produção. No período entre 1990 a 2000, as produções foram um tanto tímidas. A partir dos anos de 2005 as pesquisas referentes a este tema passaram a ter crescimento significativo. Porém, o seu ápice se deu entre os anos de 2010 e 2015, totalizando mais de quarenta (40) produções e publicações neste período. Logo, podemos observar que tivemos vários estudos nesse sentido, perfazendo um total bastante expressivo nessa área de conhecimento, contudo nos anos seguintes houve uma queda nas pesquisas relacionadas ao tema em questão.

A construção desse mapeamento ocorreu entre os meses de abril a julho de 2017. Desta forma, os trabalhos que foram elaborados posteriormente, não foram contabilizados nessa coleta de dados. Não se tem a pretensão de acreditar que, de fato, a totalidade de pesquisas realizadas a respeito do tema, estão dispostas neste trabalho, pois conforme é sabido, alguns periódicos não se encontram em formato eletrônico. Diante disso, acabaram por não ser contabilizados aqui, neste presente estudo. Em que pese tais considerações, pedimos a compreensão dos possíveis autores, cujas obras não foram aqui registradas.

3 A CONSTRUÇÃO DO ATO DE REZAR

Sabemos que as práticas do rezar sempre fizeram parte da nossa cultura, desde os tempos de Brasil colônia, permanecendo até nos dias de hoje na sociedade brasileira e em nas práticas sociais do seu povo. Segundo Francisco Wellington Rodrigues Carvalho (2014, p. 27-28) em seu artigo, com o título: **Rezadores e as Práticas de Cura no Itinerário da Religiosidade Popular em Sobral**, “[...] não se sabe ao certo como surgiu estas práticas de rezas, a informação é que as mesmas eram práticas dos negros nos seus rituais de candomblé, assim como práticas dos índios em seus rituais de pajelanças.” Sendo a oralidade a grande responsável por salvaguardar esse patrimônio imaterial tão rico presente na nossa cultura, pois graças aos seus praticantes e usuários essas práticas e ofícios foram passados de geração para geração.

[...] a compreensão do universo mágico religioso presente nas benzeções requer que tenhamos a sensibilidade de pensar tais práticas culturais atreladas ao seu principal veículo de propagação: a oralidade. A fala possui dupla funcionalidade nas benzeções, na qual pode ser referenciada como metodologia necessária para compreender as práticas de cura, bem como principal responsável em resguardar receituários e benzeções para as gerações futuras, pois assegura sua propagação. (CONCEIÇÃO, 2012, p. 5).

Os ofícios das práticas de benzer são mais comuns em cidades do interior, mesmo em meio ao mundo moderno e suas tantas tecnologias, ainda existe lugar para tais rituais. Antes, a fragilidade da medicina e a distância do sagrado fazia com que as pessoas procurassem alternativas para o alívio de suas mazelas, ou seja, na atualidade percebemos que o ato de benzer ainda é procurado por algumas pessoas, que creditam aos sujeitos detentores desse *dom* um espaço de destaque nas suas vidas e de entes queridos. O ato de rezar praticado por estes, é formado a partir de uma pluralidade de relações sociais, culturais e religiosas estabelecidas por estes sujeitos detentores deste saber/fazer do povo. Ou seja, “Todas as religiões são fruto de contatos culturais e o rezador é fruto das múltiplas relações, estes sujeitos e seus fazeres são caracterizados pelas relações sociais e carências locais, bem como pela hibridização cultural”. (SILVA; MARCHI; SILVA, 2013).

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman em sua obra **Modernidade Líquida**, do ano de 2001, traz o conceito de “modernidade líquida”. Relata a existência de um novo conceito de cultura vivido na atualidade, na pós-modernidade, para o qual existe uma nova finalidade para o conceito de cultura, ou seja, vivemos um período denominado por ele de *liquido-moderno*. A modernidade é líquida, de maneira que nenhuma das formas consecutivas de vida

social é capaz de manter seu aspecto por muito tempo. A cultura é vista por ele como um constante *devenir*, desvalorizando sempre o antigo, deixando-o no passado, sempre substituindo por algo novo. Mesmo em meio a essa nova concepção cultural, as práticas e o ofício dos rezadores resistem e permanecem quase que inatingíveis por essa nova reestruturação social, tendo assim como sua única ferramenta de preservação desse construto tão rico, o portador deste ofício, o guardador do saber/fazer, os rezadores/benedores.

Com isso, para a fim de resgatar e salvaguardar o construto cultural presente nas práticas do ato de benzer e do receituário fitoterápico de senhoras que se intitulam benzedoras/rezadoras na cidade de Paranaíba (MS). Que tem seus *dons* transmitidos, sobretudo, por meio da oralidade de geração em geração, sendo essa uma das formas de perpetuação e continuidade de seus ofícios. No estudo em questão, ocorreram inúmeras entrevistas com quatro (04) sujeitos (mulheres), perfazendo um total aproximado de seis (06) horas de gravações, desenvolvidas ao longo de três (03) meses, nas residências das entrevistadas. Para a realização da coleta de dados, elaborou-se um roteiro temático, que teve como eixos: a infância, escolarização e religiosidade dessas senhoras, buscando desvelar a construção dos seus ofícios e de suas práticas culturais, sociais e religiosas que permeiam o ato de benzer.

Quando utilizamos da metodologia da HO, temos em mente a clareza de que precisamos ter certo cuidado em não simplificar este método fazendo entrevistas jogadas. Como bem postula Verena Alberti (2007, p. 29) no seu livro **Manual de História Oral**, “[...] como se o simples fato de deixar registrados depoimentos de autores e/ou testemunhas do passado eximisse o pesquisador da atividade de pesquisa”. Mas sim, tomando a história oral como um método privilegiado de investigação, que tem um modo peculiar próprio de trabalho, assim como todos os métodos o tem. Conforme ressalva José Carlos Sebe Bom Meihy, na sua obra **Manual de História Oral**, do ano de 2002:

Não se deve confundir *história oral* como entrevistas simples, isoladas, únicas e não gravadas. Também não cabe chamar entrevistas comuns de *história oral*, pois em muitos casos elas se orientam por procedimentos e práticas diferentes, respeitáveis e legítimas, mas em outras chaves explicativas ou outras necessidades. O que caracteriza a entrevista em *história oral* é a sistematização dos processos organizados pela lógica proposta no projeto inicial. (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 13).

Nessa proposta de pesquisa, recorreremos à História Oral, a qual segundo Matos e Senna (2011, p. 96) “[...] centra-se na memória humana e na sua capacidade de rememorar o passado enquanto testemunha do vivido”. Na memória do sujeito não há espaço só para suas

lembranças, mas para todas vividas em coletividade/sociedade. No intuito de se contemplar aspectos ou pontos que não devem ser negligenciados, como o planejamento na condução das gravações; respeito aos procedimentos do gênero escolhido e adequado da HO; tratamento de passagem do código oral para o escrito, no caso da elaboração de um texto final para a pesquisa ou confecção de um livro, por exemplo; conferência de gravação e validação; autorização para o uso; arquivamento e/ou eventual análise; publicação dos resultados em catálogos, relatórios, textos de divulgação, sites, documentários em vídeo ou exames analíticos como dissertações e teses.

Desta forma, os sujeitos foram localizados, identificados. Posteriormente, foi definida uma amostra, haja vista que na cidade foram localizadas mais que quatro (04) benzedoiras e, nesse sentido, optou-se por realizar a pesquisa com apenas quatro (04) destas localizadas, pois de certa forma, cada uma delas tinha certa proximidade comigo, ou por alguém próximo a mim. Seguidamente, aconteceram as aproximações com as fontes, sendo realizadas as entrevistas e as gravações respectivamente, as quais são compreendidas como o meio e não fim, embora a proposta da HO não se esgote com a constituição do arquivo ou de um acervo. Como postula Alberti (2007, p. 29) “Sendo um método de pesquisa, a História Oral não é um fim em si mesma, e sim um meio de conhecimento”.

O entrevistador deve, primeiramente, ouvir, atentar à psicologia da testemunha, conhece-la e respeitá-la. [...] o sucesso da entrevista depende da relação de amizade – conquistada através de encontros anteriores ao dia marcado para a entrevista – entre a testemunha e o pesquisador. (TOURTIER- BONAZZI, 2006 apud MATOS; SENNA, 2011, p. 104).

Desta forma Paul Thompson (1992 apud MATOS; SENNA, 2011, p. 102) afirma que “nenhuma fonte está livre da subjetividade, seja ela escrita, oral ou visual, todos trazem em seus depoimentos suas impressões e marcas pessoais.” E ainda, argumenta que “a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história. [...] transformando os ‘objetos’ de estudo em ‘sujeitos’”. Fato esse que se dá pela maior proximidade que o pesquisador tem para com seu objeto de pesquisa, no qual ambos são envolvidos por um laço maior de afetividade, sendo essa relação de proximidade entre sujeito-pesquisador um importante aliado na pesquisa.

Não obstante, estão apresentados a seguir, os sujeitos da presente pesquisa, sua identificação e suas narrativas, sendo as entrevistas registradas, na íntegra, com algumas

pequenas intervenções nas correções das marcas da oralidade e nos vícios de linguagem¹² nelas contidos. Seus discursos foram preservados na sua totalidade, já que a intenção não é, de modo nenhum, alterar o sentido de suas falas. As entrevistas foram realizadas com quatro (04) benzedeadas residentes e domiciliadas na cidade de Paranaíba/MS, e que com certeza colaboraram com a pesquisa de forma bastante significativa. Em termos gerais, as entrevistas têm como objetivo recuperar as memórias destas senhoras, como uma forma de recuperar o passado vivido e vivenciado por elas. Sendo este, portanto, um Patrimônio Cultural Imaterial, deve fazer parte do conhecimento por parte da comunidade paranaibense, haja vista que se trata de uma prática cultural e religiosa inserida na sociedade. Optamos por entrevistas temáticas, já que tal abordagem, conforme Alberti (2007, p. 38) “a escolha de entrevistas temáticas é adequada para o caso de temas que têm estatuto relativamente definido na trajetória de vida dos depoentes, como por exemplo, um período determinado cronologicamente, uma função desempenhada [...]”. Já que nosso objetivo neste trabalho é resgatar as memórias das benzedeadas, a fim de salvaguardar suas vivências, práticas e ofícios por meio de entrevistas temáticas.

3.1 Memórias de Benzedeadas de Paranaíba/MS

A primeira entrevistada foi a senhora Nair Peralta Russafa, com setenta e seis anos (76), em setembro de 2015. A segunda, foi a senhora Araci Porto Alves, com oitenta e oito anos (88), em outubro de 2015. A terceira foi a senhora Catarina Alves Ferreira, com setenta e sete anos (77), em novembro de 2015, e a quarta foi a senhora Creusa Maria de Souza Silva, com sessenta e dois anos (62), em abril de 2017.

¹² Na fala, ou seja, na oralidade, é frequentemente encontrado elementos que não são previstos nas gramáticas normativas da língua portuguesa, tais como os denominados ‘marcadores discursivos’. Nesse sentido, na falta da norma gramatical, estes são considerados ‘vícios de linguagem’.

Foto 1 – Nair Peralta Russafa (76 anos)



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Meu nome é Nair Peralta Russafa Barbosa. Meu pai Antônio Russafa Dias e minha mãe Maria Peralta Russafa. Eu nasci em Guararapes, no dia 19 de março de 1941. Nós moramos lá um tempo e depois meu pai resolveu mudar para o sítio do meu avô, em Andradina, e eu era pequena e nós moramos lá um tempo. Eu me lembro bem até da minha bisavó, que nós chamávamos ela de vózita, a vó do meu pai. Então nós íamos de manhã à casa da minha avó, da mãe do meu pai, buscar ela, eu e meu irmão, meu irmão que era um ano e meio mais velho do que eu. Nós íamos lá e chagava lá e falava: “vózita, vamos para casa”! Ela gostava de passar o dia na casa da minha mãe. E à tarde minha mãe dava banho em nós dois e nós dois íamos cada um segurando na mão dela, porque ela era muito velhinha. Nós a chamávamos de vózita porque ela era muito pequenininha, no sítio.

Aí, depois minha mãe teve um filho, que se chamava Russafa. É Antônio Russafa o nome dele, mas nós chamávamos de Toninho, mas depois que cresceu foi trabalhar, e tinha muito Antônio, e passaram a chamar só pelo sobrenome. Então, ele não se dava com o clima de Andradina. Aí meu pai falou: “Não, vamos voltar para Guararapes”. Lá ele sarou, sem médico, ele sarou. E lá eu cuidava dos meninos, das crianças que foi vindo depois dele, outros

né? Mais quatro. (risos) Mais três, e aí eu cuidava pra minha mãe ir para a roça trabalhar com meu pai. Eu fazia comida, ela ia para o córrego lavar roupa, e eu ia para o fogão fazer o almoço para ela levar para roça, para ela e meu pai, bem de manhã, mais tardar nove (09) horas o almoço já estava lá na roça. Aí ela vinha, e eu ia estender as roupas, cuidar da casa, cuidar dos meninos. Eu fazia tudo, eu me sentia a dona da casa, passava roupa a ferro de brasa.

E o poço era de manivela, de sarilho, até uma vez eu dei uma cacetada que ficou cicatriz (risos). E foi assim, e depois nós mudamos para cidade, o sítio era de um senhor japonês, e nós mudamos para cidade. Aí alugou uma casa na cidade e nós mudamos para cidade. Aí quando eu tinha oito anos, e já tinha que pagar aluguel e tudo, e meu pai era pobre. O pai dele era rico, mas nós éramos pobres e meu pai já estava doente.

Na escola, a professora... teve uma professora de outra classe que veio ver se alguém queria trabalhar na casa dela, assim pra varrer quintal e molhar planta. Se alguém quisesse no outro dia era para dar a resposta para ela. Aí eu cheguei em casa e falei pra minha mãe e para o meu pai. Olha foi uma professora, dona O, foi lá na minha classe e perguntou se alguém queria ir trabalhar. E eu queria ir mãe, para ajudar a senhora e o pai. Porque até então minha mãe lavava roupa para [...] para ajudar meu pai. Meu pai ficava muito [...] tinha úlcera, o pai dele não confiava que ele tinha úlcera e era rico, nunca pagou uma consulta para o filho, espanhol [...].

Então, é... eu fui trabalhar nessa casa. Aí fui varrendo, varrendo, de repente a faxineira dela saiu. Aí eu falei: “dona O eu queria tanto apreender limpar casa de gente rica, porque casa de pobre era só tijolo rejuntado né, eu queria apreender, se a senhora tivesse paciência de me ensinar pelo menos uma vez, eu aprendo”. Ela se prontificou e me ensinou. Eu fiquei lá 2 anos e meio na casa dela. O marido dela era dentista. Ela era professora na escola que eu estudava. Então eu ia de manhã, 6 horas eu já estava no serviço. E ela me ensinou. E as meninas dela tiravam sarro: “mãe o quarto nosso que a senhora limpou ficou mais sujo do que a Nair limpou, é o capricho né (risos). Então ela sempre correndo, porque eram muitos cadernos para corrigir e consertava roupa em casa, tudo era ela que fazia. E fui indo assim, fui trabalhando, depois eu queria aprender a cozinhar, porque eu ia ganhar mais. Eu falei: “Comida pra gente pobre eu sei fazer, de rico eu não sei”. Aí ela falou assim: “olha, Nair, eu não tenho tempo de te ensinar, mais tem uma vizinha minha aqui, que a empregada dela que ela criou desde pequena, vai se casar e eu vou falar com ela.” E ela falou, chamava dona I, eram filhos de Italiano, e falou com ela. E ela falou: “ah, Nair, eu aceito”, “ah, Nair, eu conheço ela”. Ela me ensinou a cozinhar. Eu fui para casa dela, só que a filha caçula da dona

O ia comigo. Abandonou a mãe e vinha comigo. Só vinha na hora de ir para escola, ficava onde eu estava. Onde eu estava, ela estava atrás. Fui aprender a cozinhar com a vizinha. Era meio quarteirão de casa de distância da casa da dona O. Dia de domingo eu ia pra casa e deixava a menina na casa dela, e ela queria ir comigo. Ai ela falou: "*vai, Nair, leva ela com você!*". Ela ia comigo, não perturbava, ela queria estar perto de mim. E eu ia, levava e depois de tardezinha eles vinham buscar ela, e ela voltava chorando, e aquilo me matava de dó. Ela era mais nova que eu. Aí depois meu tio comprou uma fazenda aqui, meu pai resolveu mudar pra cá, e eu fui obrigada a sair. Fiquei dois anos e meio nessa casa. Aprendi cozinhar, fazer de tudo. Eu tinha onze (11) anos quando fui para casa dela. Quando eu comecei a trabalhar eu não tinha nove (09) anos ainda. Aí meu pai falou: "*você vai ter que sair do serviço, minha filha!*", e eu respondi: "*está bom, pai.*" Naquele tempo a gente não respondia para pai e mãe, aliás, nunca respondi. Nenhum de nós de casa nunca respondemos, era a educação, a educação era assim né.

Sobre a escola, lá em Guararapes, eu estudei o primário lá. Eu comecei a estudar quando morava no sítio. Eu tinha que atravessar como daqui lá no "trevão". Minha casa, vamos supor era aqui (rodoviária) e a escola era lá no "trevão", era à distância do sítio na escola. A escola era na cidade, só tinha aquela escola, todos iam nessa escola. Então eu entrei no primeiro, a professora se chamava Guilhermina, era descendente de holandês, mas era uma ótima professora, foi minha professora no primeiro e no quarto ano. Foi até ela que descobriu que eu não enxergava com um olho. No sítio do meu avô ele podou as laranjeiras e os netos iam para lá brincar de esconde-esconde, e eu também fui, eu era pequenininha, mas eu também fui, e eu me machuquei. Quando eu chorei todo mundo correu, e tiveram que levar eu para a cidade lá em Andradina, nem oftalmologista tinha na cidade nessa época, então levaram na farmácia, eu tomei injeção contra tétano.

Na farmácia viram que eu tinha machucado o olho. Tenho uma cicatriz branca na pupila do olho, no olho direito, eu não enxergo com ele nada, eu enxergo com o esquerdo. Então dos dois (02) anos que eu tinha quando machuquei, até os sete (07) anos quando entrei na escola, ficou forçando somente essa vista. Então ela era curta demais, ela foi encurtando a visão. E eu precisava encostar a cara na lousa para ver o que estava escrito, a professora me colocou em todas as carteiras que tinha na frente, e em lugar nenhum eu enxergava. Colocou-me na mesa dela e não dava pra ver, lugar nenhum eu enxergava. Essa já tinha perdido quando machucou. Talvez se tivesse ido ao oftalmologista, se tivesse, mas como eu já falei meu avô era assim (... risos), só me levou na farmácia. Aí a professora mandou um bilhete para o meu pai, para ele me levar num médico em Araçatuba, que era quinze (15) minutos de

ônibus, que era lá que tinha serviço de oftalmologista, que em Guararapes não tinha naquela época.

Ele levou e quando o médico dilatou a pupila do olho, ele viu, e falou: "*esse olho já foi machucado*". Meu pai falou: "*não doutor*", e ele disse: "*foi, esse olho foi machucado*". Meu pai não lembrava mais, já tinha cinco anos né, eu tinha dois, e eu já estava com sete né, não lembrava mais. Aí ele falou: "*ah, doutor, machucou sim, ai explicou para o médico como que foi*". E ele falou: "*então essa visão dela é para o resto da vida, tá perdida*". Não sei se foi espinho, o que foi, ninguém sabe o que foi, nem eu brincando nos galhos, todos agachavam no meio do mato e eu me agachei também né, menino pequeno é xereta demais, né! Com dois anos (02) não tem ideia nenhuma. Então [...] aí eu passei a usar óculos a partir desse dia. Com sete anos de idade, logo no começo das aulas, eu já comecei assim, aí eu enxergava da minha carteira, porque da carteira eu não enxergava, só com esse porque o direito estava perdido. Entendeu? E ficou para sempre assim. Então para mim é normal, mas até hoje eu andando na rua ou até mesmo andando em casa assim eu trombo nas portas. Se eu for virar depressa para esse lado, eu esqueço e trombo, porque esse olho eu enxergo até aqui.

Então eu fiquei nessa escola o primeiro, o segundo, o terceiro. No terceiro ano eu bombei em Matemática, porque eu tinha que trabalhar e não tinha tempo para estudar em casa. Eu fazia as tarefa à noite, ia dormir lá para as dez (10) horas da noite. E aí eu reprovei. Lá na escola, eu tinha cartilha, e tinha os cadernos para a gente escrever, né. E depois da cartilha, tinha o primeiro livro. Tinha merenda na escola. Como eu era pobre, então eu tinha direito da merenda. Então todas as crianças que eram pobres tinham direito do lanche. Era uma sopa feita com carne, macarrão e tudo. Outro dia tinha arroz, macarrão [...]. Todo dia tinha merenda. O nome da escola era Grupo Escolar Adelmo Almeida. A escola tinha o nome do pai do prefeito da cidade, e foi o filho quem fundou a escola. A cidade, na época, já era bem grandinha. Agora hoje já é enorme, uma cidade plaina sabe. E depois no quarto ano, eu estudei com a minha primeira professora, que eu estudei o primeiro ano, com descendente de Holandês.

Lá eu fiz, fiz até o quarto ano, e foi bem feito, pois eu consegui ensinar meus netos da sexta série que estudou aqui no Antônio Garcia, até a sexta série eu os ensinei, Matemática, Português, tudo. Quando mudamos aqui para a região de Paranaíba, eu já tinha terminado o quarto ano, eu queria estudar o ginásio, mas não fiz nem a admissão, porque eu não tinha dinheiro para comprar o livro. Então, a cunhada do prefeito morava em frente da nossa casa. Dia de domingo eu chegava do serviço, ela vinha trazer os sapatos dela para eu engraxar. Meu irmão era engraxate. Então eu engraxava os sapatos dela. Ela falou: "*Nair, você tem vontade*

de estudar, seguir estudando?" Eu falei: *"Eu tenho"*, ela falou: *"Eu te dou o livro de admissão"*. Naquele tempo não mudava os livros. Tinha que comprar o livro. *"Eu te dou do primeiro ano, segundo, terceiro, quarto, do ginásio que tinha, eu te dou tudo os livros"*. Aí eu falei com minha mãe toda empolgada, falei com minha patroa, ela falou: *"Não, Nair, eu te dou tudo, te dou uniforme colegial, eu te dou material escolar tudinho que você precisar, caderno, borracha, lápis, tudo que você precisar, eu te dou, e dou o uniforme completo para você, dois uniformes, e deixo você sair mais cedo, para ir para escola"*. Mas essa escola era tão longe da minha casa!

O ginásio era à noite que eu tinha que estudar, pois eu trabalhava durante o dia. Então meu pai falou: *"minha filha eu não posso deixar você ir"*. E eu falei: *"por que pai?"*, ele falou: *"minha filha como você vai sozinha?"* Como daqui lá no "trevão" quase mais ou menos. Já morava na cidade, ele falou: *"você tem que ir sozinha à noite, e voltar a pé."* Era na saída para Araçatuba, o ginásio, muito longe, escuro. Então ele falou: *"eu não posso deixar você ir sozinha, e eu não posso te levar, você sabe que eu fico direto ruim, e a mãe tem que cuidar dos meninos menores."* Mas eu chorei porque não podia estudar, eu tinha loucura para estudar, fazer o ginásio. Eu pensava depois do ginásio vem mais alguma coisa, né. Mas que decepção que eu tive na vida, foi essa! Mas passou [...]. Meu irmão mais velho reprovou o primeiro ano, o segundo, o terceiro, quando ele passou para o quarto, ele não quis ir mais à escola, desistiu. Então não tinha quem ir comigo, e eu não podia mesmo andar aquele tanto. Está certo que era um lugar plaino, mas à noite é perigoso, sozinha, saía tarde da escola, e não podia ir. Eu reconheci que meu pai [...], mas fiquei decepcionada, mas sabia que ele estava com a razão também. A gente entendia isso aí. Ele explicava não na brutalidade com a gente, mas com carinho. Eles eram muito humildes, mas eram carinhosos com nós, com todos os filhos.

Eu nunca levei nenhum tapa do meu pai. Da minha mãe eu apanhava por causa do meu irmão mais velho. Ele era muito arteiro. Um dia ele falou para um menino, colega dele: *"você come galinha morta?"* E o menino vinha: *"Aí, Dona Maria, o Patrício falou que eu como galinha morta!"* (risos). A minha mãe falou: *"Uai, você come viva, então?"* (risos). Aí ela pegou o Patrício e deu uma surra nele, e ele falava: *"a senhora vai me matar, vai me matar!"* E eu comecei a chorar e falava: *"larga mãe, pelo amor de Deus, a senhora vai matar ele!! Ela o largou e pegou eu. Ele falou: "toma, tonta!", porque a gente tinha dó um do outro. Ela estava com sangue quente esse dia, estava uai, trabalhando que nem, não sei o quê, lavava roupa de quatro casas por dia. Eu buscava à noite. Quando eu chegava do serviço, eu chegava em casa, eu ia e deixava meu material escolar em casa, e ia lá, pegava a roupa na casa da dona*

lá. Morávamos na cidade. Eu trabalhava de manhã e depois do almoço eu ia para escola. Saía da escola cinco (05) horas, voltava para o serviço na casa da Professora e saía do serviço. Depois que todo mundo tivesse jantado, lavava a louça tudinho, passava um pano na cozinha, deixava tudo limpinho, aí eu ia embora. Chegava em casa oito (08) horas. E ia buscar a roupa para minha mãe lavar no outro dia cedo. Quando chegava ao outro dia à noite, eu já ia entregar a roupa lavada. Ela não deixava as crianças levarem com medo de derrubar né, ali era tudo terra naquele tempo.

Recebia, o salário era a conta certinha de pagar o aluguel da casa. A casa era simplesinha, mais pagava. Eu sei que era um, mas eu não sei explicar como era o dinheiro naquela época, acho que era no tempo de réis mesmo. Não era cruzeiro não. Cruzeiro eu já estava bem velha, era tempo de mireis, de mireis, isso eu me lembro bem. Então nós viemos embora pra cá né. Eu já tinha quinze (15) anos, quando nós mudamos para cá. Trabalhei dois anos e meio numa casa e na outra também dois anos e meio. Fui trabalhar bem nova (risos). Não foi brincadeira não. Então, nem infância eu não tive, porque eu tinha que cuidar da casa, das crianças né, para minha mãe ir para roça com meu pai. Meu pai trabalhava na roça, na lavoura, de tudo: arroz, feijão [...]. Mas ele não tinha terra. Meu avô tinha muita terra, mas era só cafezal que ele fazia para vender, em Andradina. Ele não repartiu com os filhos. Meu avô era da Espanha. Meus quatro avôs eram da Espanha, eram todos espanhóis, os avôs e as avós.

Ele morava em Andradina, depois ele vendeu lá. Ele achou melhor lá em Dracena e mudou para Dracena. Em Dracena, ele continuou, comprou um sítio maior lá e continuou com o café dele. Ele guardava dois, três anos o café dele, para dar um preço bom, para dar preço bom ele guardava. Tinha o lugar de guardar, o barracão dele guardar. Eram os pais do meu pai. Eu conheci só meu avô paterno, porque quando minha mãe casou, a mãe dela já tinha morrido, minha mãe é Peralta. Peralta era meu avô materno, todos espanhóis, os quatro espanhóis. Não, não conhecia a mãe da minha mãe, porque ela era solteira quando a mãe dela morreu, então eu conheci o meu avô, o pai da minha mãe. Ele chamava José Peralta. Meus avôs maternos também eram lá de Guararapes. Eles moravam lá também, sempre os irmão gostaram de morar por perto, não pertinho, mas na mesma cidade, costume, porque não tinha tios, os tios eram tudo da Espanha, então ficou tudo por lá, porque lá estava numa época difícil, então cada um foi para um lado. Tem no México espanhol, tem no Paraguai espanhol.

Na copa você não viu um jogador com sobrenome de Peralta? É dessa família, mais a gente nem se conhece. Aqui tem um Russafa. Aqui tem um senhor com o sobrenome de Russafa, às vezes é da mesma família, a gente não sabe. Na região de Jales tem Russafa, mas não, também não sei se é da mesma família, porque isso a gente nunca ficou sabendo, né. Na

firma que meu marido trabalhava, tinha no escritório um rapaz que assinava Peralta. Ele falou uai: *“sua mulher é da família Peralta?”* Ele falou: *“é”*. *“De que nacionalidade que é esse Peralta?”*, ele falou: *“é espanhol, e Russafa também é espanhol”*, ele falou. Ele falou: *“porque eu sou Peralta também”*. Agora eu não sabia de que tronco que era, às vezes era algum parente que veio também, né.

Aqui era Mato Grosso ainda naquela época. Nossa senhora, meu tio mandou o caminhão para buscar nós. Meu tio já estava aqui nessa região. Ele era irmão da minha mãe, Peralta. E a mulher dele era Russafa, irmã do meu pai. E eles vieram na frente. Meu tio se chamava V. Peralta. Vieram na frente, compraram fazenda, porque antes eles “boiadeirava” de lá para cá, ele e outro tio meu. Depois ele resolveu, ele fez aviação, lá em Birigui ele fez, tirou o brevê, comprou um avião e vinha para cá. Então ele precisava da família dele estar junto com ele, então ele comprou o terreno, fez a casa e trouxe a família. Aí depois ele trabalhou um tempo e comprou a fazenda. Ele falou: *“não, mas eu preciso buscar uma pessoa de confiança para trabalhar na fazenda né”*. Ele era aviador, taxi aéreo, naquela época levava gente para todo lado. Gente para Andradina direto, e foi juntando, comprou fazenda, comprou outra fazenda, comprou duas fazendas. E nós ficamos numa dele, depois daquela nós passamos para outra.

Vimos todos embora, o pai, a mãe e os filhos todos. Já quando ele foi e falou com o meu pai, e ele já falou que vinha, ele já trouxe meu irmão mais velho. Eu já tinha quinze anos. No município de Paranaíba, a primeira fazenda que nós moramos quando chegamos aqui, foi na Fazenda Barro Branco do tio V. A segunda fazenda era [...]. Na segunda, eu fiquei doente. Eu tinha dezesseis anos quando deu a febre. Eu tinha dezesseis anos, eu fiquei nove dias com febre e não cortava a febre. Meu pai e minha mãe disse que eu só delirava dia e noite, não comia, não bebia, e remédio só. Meu tio ia e levava remédio. Vinha gente das fazendas, perguntava se meu pai queria alguma coisa da cidade. Eu falo para o senhor V, e o meu tio ia levar. Ele ia levar os remédios, não deixou faltar hora nenhuma. Levava o remédio, sempre atento. Esses nove dias eu nem vi, esses nove dias eu nem vi passar, porque eu passei delirando dia e noite na febre. Ela só abaixava. Para mim, quando cortou a febre, minha mãe disse e meu pai disse também, que já ficou a falta de ar. Aí eu me afogava com a falta de ar, aí já veio, mandou um rapaz, um dos peões vim. Meu pai mandou vir avisar meu tio. Meu tio foi no médico, contou para o médico como eu estava, e meu tio mesmo foi para lá de avião, para levar [...], porque nas fazendas deles tinha campo né, para ele pode aterrissar.

Ele era aviador. Então ele já levou o remédio. Eu tomava remédio e tudo, mas isso aí foi uma sequela que ficou, e está até hoje, está aí tem 58 anos. Os médicos falaram que era

uma febre espanhola, que tinha passado por aqui. Eu tinha dezesseis anos. Eu nasci em 41, foi em 57. Aqui não tinha nada, não tinha conforto nenhum, nenhum. Para gente ir ao cinema, ia todo mundo com lanterna (risos), aqui só tinha uns risquinhos nas lâmpadas que vinha da usina ali, e eu sei porque eu fiquei muito tempo aqui na cidade, na casa do minha tia. E ele era irmão da minha mãe e ela do meu pai, é parente duas vezes.

Aqui era um ovinho desse tamanho, era tudo mato. Era fazenda, em volta tudo fazenda, tudo fazenda. Depois daquela fazenda que nós moramos por último, ele comprou outra, e aí ele fez uma chácara, perto do V. R. É aquela casona grande, a casa menor ele que construiu e fez depois lá. Fez uma casa para cidade, e nós tudo trabalhando para ele, todos nós trabalhando. Nas fazendas da F nós engordamos quinhentos porcos para ele, de uma vez, num mangueirão. Meu pai vinha de lá, aqui na cabeceira da vila (vila na saída para Cassilândia) de carrinho, buscar mandioca, porque ele comprava o mandiocal, saía cedo e chegava de lá de tarde com a carroça carregada. Não podia correr com o animal, né. E eu e minha mãe colocávamos cozinhar aquelas mandiocas, o dia inteiro trabalhando e os meninos espalhando milho.

Éramos três mulheres, mas a caçula era pequenininha. Todo mundo trabalhando na fazenda. Estudar, só quando viemos para cidade, os irmãos mais novos foram estudar. Minha mãe ia para a roça, na chácara ajudar, que meu pai plantava: arroz, feijão, milho. Colhia tudo para passar o ano na chácara. Ali tinha uma baixada, e naquela baixada ele fazia a plantação. Tinha de tudo, e tudo meu pai plantava. Na chácara ficou melhor, porque os meninos foram para a escola. Minha preocupação era que os meninos não iam estudar. Eles não estudaram em Guararapes, estudaram tudo aqui. No José Garcia, só tinha essa escola. Era aquele grupo antigo, aquele primeiro bem antigo ainda, e todos estudaram ali. Então quatro dos meus irmãos estudaram ali, minha irmã caçula trabalhou ali.

Morávamos na chácara e vinha para a escola, a pé. Não era muito longe não. Aquela subida que vai para lá, subia ela e ia, depois tinha o caminho que levava para a chácara. Fizeram o primário, todos eles. O ginásio a mais nova que fez de tudo. Fez inscrição para ela ir. Não, não tinha exame de admissão aqui, aqui não tinha nem pré, não tinha nada, no meu tempo também não existia o pré. Entrava cru na escola, sem aprender nada, por isso que a gente tinha muito boa vontade e aprendia muito. Estudava o que dava, né, e a gente aprendia. Tanto é que tabuada eu fiz meus netos tudo, meus sobrinhos tudo decorar e meus filhos também, e decorar a tabuada não tem segredo, é decorar. Quantas vezes tem que estudar a tabuada, 50 vezes alto, meio cantado, para gravar na cabeça. *"Vocês ficam lá na sala e eu fico aqui na cozinha"*. Meu sobrinho fazia isso. Tem um sobrinho meu que estudou cento e vinte

(120) perguntas. Ele precisava tirar dez (10,0) de geografia. Eu falei: "*quais são as matérias que vai cair*:", ele me mostrou. Eu falei: "Traz o livro", e eu fiz 120 perguntas, e fiz ele decorar 120, e ele decorou, tirou oito (8,0). Eu que ensinei todos da família estudar.

Acompanhávamos meus irmãos até chegar à estrada de ir para a escola. Tinha um matinho. A estrada que beirava o campo, tinha o mato dos dois lados. Então eu saía de lá e trazia-os até ali. E como passava condução toda hora, do lado de cá daquela rua que sobe, lá na vila rica tinha o campo de aviação e do lado de lá tinha o matinho. Tinha a estradinha, tinha um mato e depois do mato era a chácara dele, que nós morava lá. Lá ainda tem. Não é córrego, é uma mina, pouquinho coisa, pequenininha, e assim nós fomos vivendo.

Eu já era moça e conheci meu marido aqui. Quando meu tio foi candidato a prefeito, e ele falou que eu tinha que ajudar a trabalhar. Eu já trabalhava num açougue na cidade, porque nós já morávamos aqui na cidade, tinha saído da chácara. O açougue era em frente, onde era [...], tem o correio não tem? Aquele prédio grande e comprido ali era o cinema. O açougue era em frente. Eram dois cinemas que tinha. Eu trabalhava no açougue, de caixa, mas o homem gostava muito de beber café no barzinho que tinha do lado. Então chegava o freguês, eu mesma cortava a carne e vendia. Era pendurado no barbante. Só vendia carne de vaca. Eu não trabalhava no açougue do meu tio, não. O açougue do meu tio era outro. Era ali sentido Banco do Brasil, o primeiro prédio que tinha na esquina, no quarteirão do banco mesmo, mas do outro lado da rua. Então lá era o açougue dele. Meu pai trabalhava no matadouro, ele fazia o serviço da chácara também, porque o que nós comia era dali, tudo dali, tudo que plantava, tinha de tudo, de tudo que se podia pensar. Pé de fruta também, nós plantamos de tudo.

Então já tínhamos mudado para a cidade, arrumei emprego no açougue, estava trabalhando e quando ele foi candidato, ele me pediu que depois do serviço eu fosse para lá ajudar, dobrar votos e colocar no envelope. Eu pensei eu vou sim tio, a gente nunca falava não para os mais velhos. Eu tinha 17 anos já, olha como passou rápido. Ah, não me lembro de qual partido. Quem ganhou a eleição foi o Quedu Leal. Tinha o tal de Manda Brasa e eu não lembro o outro nome. Lembro que tinha a Arena, Arena e o MDB. Em 1958, os bailes que eram dos partidos, faziam os ranchos para dançar à noite. Eram os políticos que traziam o povo das fazendas, para no outro dia de manhã está tudo na cidade para voltar, e acabavam de voltar eles iam comer e depois os caminhões já iam levar para as fazendas. Era caminhão cheinho de gente. Era na véspera da eleição que traziam o povo, e meu tio tinha a máquina de benefício de arroz, e então ele fez, entre a casa e a máquina, aquele barracão enorme, e ali ficava a cozinha. O cozinheiro ali tinha dia e noite cozinhando, fazendo comida. As comidas eram mandioca, carne, [...]. Tudo nos tachos, tachadas enormes, arroz, feijão, macarrão, tinha

tudo. Só não tinha bebida de álcool que não tinha, isso não tinha. Tinha as mesas para jogar baralho. O povo que não queria dançar, queria jogar baralho, tinha, jogar truco né, tinha, e o povo se divertia. E nós íamos lá dobrar as cédulas e por no envelope para dar pra todo mundo. Lá no barracão mesmo a gente fazia isso. Meu tio foi candidato só uma vez, e ficou satisfeito (risos), não quis mais. Ele era muito atarefado! Muito trabalhador, muita ação porque [...].

E foi no baile de quando do meu tio foi candidato a prefeito, que eu conheci meu marido. Foi, foi amor à primeira vista. Aí veio uma colega minha, e falou assim: "*Nair, vamos tenta namorar aquele rapaz, ver quem consegue namorar aquele rapaz?*". Eu falei: "*que rapaz?*"?... "O que está tocando violão lá em cima". Eu falei: "*eu não vi rapaz nenhum, não. Eu vim aqui estou dançando(risos). Agora eu quero dançar*". Porque meu pai me ensinou a dançar. Ele me levava na fazenda, em todos os bailes, ele me levava. Então, eu falei, mas eu contrato, nós erámos em três, eu, ela e outra colega. Eu falei: "*aquela que ficar com ele, não era para ficar com raiva das outras e nem ficar fazendo "fusquinha" para as outras, e nossa amizade continua mesma, está bom assim?*" E todas concordaram "*está bom*". Eu falei: "*então está bom, vamos separar aqui*". Ela foi, e cada uma foi para um lado, e cada uma jogava seu charme.

Nós tínhamos um amigo, ele era boiadeiro e ele era amigo dele também, mas eu não sabia. Ele veio de Três Lagoas, que ele tocava na rádio em Três Lagoas, e eles iam passando aqui, porque eles iam para Frutal, a dupla ia para Frutal. E o cunhado dele falou não, o V. P. está fazendo baile aí, que naquele tempo até buscava o povo nas fazendas, nos ranchos. E nos ranchos de bambu tinha os bailes, para passar a noite dançando. Meu tio tinha máquina de arroz, então lá ele comprou bastante colchão, e esparramou tudinho no chão para trazer o povo da fazenda, para as mulheres e as crianças ter onde deitarem. E a "homaiada" ficava jogando truco, dançando e comendo a noite inteira, comida tinha dia e noite.

E então ele desceu de lá, e eu fui dançar com esse rapaz que era boiadeiro. Ele chamava B. Creio que deve estar vivo ainda. Ele falou: "*vamos dançar, Nair?*" Falei: "Vamos!". Aí nós fomos dançar, e ele falou: "*Você está vendo aquele rapaz que está dançando com a L?*" Ela era um das amigas que tinha me chamado para conquistar ele. Ela passava perto de mim, e fazia "fusquinha". Ele falou: "*ele quer dançar com você*". Ele já fez sinal para gente parar perto dele, porque aí nós vamos trocar de par. Eu falei: "*você está mentindo para mim B, e você sabe que eu não gosto de mentiras*". Porque meus pais não gostam que nós mentíssemos, de jeito nenhum, até hoje sou contra mentira. Aí ele foi, parou perto e apresentou ele para mim, a outra já fechou a cara. E assim nós fomos dançar. Começou a música, nós começamos a dançar. E ele já veio falar em namoro. Eu falei: "*cara,*

eu estou te conhecendo agora, eu não sei se é casado, se é solteiro, eu nunca te vi mais gordo, não, vamos dançar em paz, nada de namoro não".

Ele tocava violão, viola e cantava muito bem. Minha mãe foi embora. Ela falou: *"Nair, eu vou embora, os meninos querem dormir, então eu vou para casa"*. Eu falei: *"mãe a senhora não tem medo de ir?"* Porque aqui a luz vinha da usina, era a usina que gerava energia para cá. Sabe quando fica só aquele risquinho na lâmpada? Era assim a energia. A usina que tinha era ali no Rio Santana, gerava energia de água. A gente morava subindo a esquina do José Garcia. Morava um, dois quarteirão. No segundo quarteirão, na esquina virava assim [...], perto da Santa Casa era. Pertinho, mais era escuro, era escuro, aí minha mãe foi. Eu estava ali dançando e não vi meu pai mais. Perguntei para minha tia: *"tia a senhora não viu meu pai?"* *"Não, deve estar jogando truco"*. E eu: *"não, tia, eu já fui a todas as mesas de truco e não vi meu pai"*. E lá dançando ele não estava, porque ele gostava de dançar. Ela falou: *"então ele foi embora"*. Eu falei: *"mas então ele me deixou para trás, então vou embora, se não ele vai ficar bravo quando eu chegar em casa"*. E eu já cortei por fora da festa e fui, e ele ó, atrás de mim.

O candidato a namorado (risos), foi amor à primeira vista. Aí ele foi e me acompanhou. *"Você vai aonde?"* Eu falei: *"para minha casa, meu pai já foi embora, porque minha tia não o viu, eu também não vi em lugar nenhum, então eu vou, minha mãe já foi. Eu vou embora, vou para casa"*. E ele foi do meu lado conversando. *"Você vinha sozinha nessa escuridão?"*. Eu falei *"uai, tem a luz aí na rua. O pouquinho que clareia já serve"*. Chegando lá na esquina que ia virar para o lado da minha casa, não, na escola José Garcia, ele foi pegar na minha mão. Eu falei rapaz pera lá, eu não sou moça de experimentar não, pode voltar para trás. Ele falou: *"não, você me desculpa, eu não vou mais fazer isso."* Ele falou para mim depois: *"sabe que dia que eu pensei em casar com você? O dia que eu fui pegar na sua mão, o primeiro dia que eu fui pegar na sua mão te levando para casa, lá perto do José Garcia e você deu um não na minha cara e me mandou voltar para trás."* *Aquele dia eu pensei que eu ia casar com você, essa me serve para casar.* Para você ver como são as coisas (risos). Nós namoramos dois anos. Ainda demorei mais uma porção de dias para resolver se eu ia namorar ele ou não, porque pai e mãe tinham que gostar dos namorados também, tinha que concordar, se eles achassem que aquele não servia, não precisa nem teimar. Ele era mais alto que eu pouca coisa. Eu tenho 1,49 cm, não chega nem a um e meio (1,50).

Eu sei que meu pai gostou do jeito dele, minha mãe gostou do jeito dele, e ele passou a frequentar minha casa, pediu para o meu pai. Mas eu e minhas amigas não ficamos inimigas, só na hora que minha amiga não gostou, porque ela estava fazendo "fusquinha" que ele

desceu e foi dançar com ela primeiro. E o amigo dele veio dançar comigo, foi isso daí né. Eu nem tinha visto ele lá em cima, porque era em cima de uma mesa, que eles ficavam (...). Eu sei que aí nós, ele resolveu casar. Ele tinha um revólver, eu tinha muito medo daquele revólver. Eu falei: *“olha eu não quero saber de você andar com esse revólver, não, de jeito nenhum”* Sair junto nem pensar, não deixava sair. Era costume da época, né. Ele era cinco anos mais velho que eu. Eu tinha dezessete (17) quando nós começamos a namorar. Eu casei com dezenove (19) e ele tinha vinte e quatro (24) anos quando nos casamos. Aí nós viemos para a cidade, fizemos o casamento na igreja, o civil foi em casa. Naquele tempo era assim, o civil ia a casa, e aí nós viemos depois para igreja, casamos e voltamos, depois teve a festinha.

O padre da cidade naquela época era o padre Pedro, Frei Pedro, foi ele quem fez o casamento. Ele vendeu o revólver, comprou um terreno nessa rua aqui, da esquina para lá, pertence ao Salomé. E nós fizemos uma casa de tábuas. Eu falei para ele: *“olha, o tio V tem a serraria, você vai lá e fala com ele que nós compramos nem que sejam os casqueiros, que nós fazemos nem que seja de casqueiro, mas para nós livrar do aluguel”*. Casqueiro é a parte de fora da árvore, que não é nobre, cortava e vendia para lenha. Então foi que eu falei, faz do casqueiro, a parte do casqueiro ficava para fora e a parte cerrada ficava para dentro. Falei dá bem para gente morar. Falei toda vida eu fui pobre, namorei com rapaz rico, mas não quis casar, porque não queria que ninguém jogasse na minha cara que eu casei interessada. Antes de namorar meu marido, esse também era daqui da cidade.

O rapaz virou um “pinhé” em cima. Eu falei *“não, não adianta, eu não vou casar, não vou casar de jeito nenhum com você. Vou casar com uma pessoa que eu goste”*. Não gostava dele, tinha muita amizade, mas eu não gostava. Assim, mas ele gostava de mim, e a família dele tudo queria que ele casasse comigo. Mas eu não quis, eu não ia ser feliz, eu queria uma pessoa que meus pais gostassem. E desse, eles gostavam, mas que eu gostasse também e que o rapaz gostasse de mim também. E nós casamos, vivemos muito bem, fizemos uma casinha de tábuas, ele foi lá à serraria do tio V que era lá no campo, a casa do tio era lá e a serraria era do lado de cá da casa, e o campo era do lado de lá assim, até lá do outro lado, atravessava a rodovia. E meu tio falou: *“não, tem essas tábuas aqui, esse monte de tábuas, você leva, o dia que você puder pagar, você paga, conforme você puder”*. Aí ele trouxe todo feliz. Outro meu tio falou assim: *“olha, eu tenho as telhas de quando eu morava na fazenda. Eu fiz a casa lá e deixei um monte de telha lá. Está amontoadinho lá, se você quiser eu vendo para vocês e vocês paguem quando puder”*. Ele arrumou logo uma carroça e foi lá buscar essas telhas e pagou, no fim pagou os dois direitinhos. E vamos nós dois fazer essa casa. Eu ia segurar as madeiras, casa de tábuas né, mas as tábuas eram tantas que trouxe, que deu para fazer até o

assoalho. Eu lavava com soda, água e soda, que as tábuas ficaram branquinhas, branquinhas. E ali que nós tivemos nossa primeira filha, que nós tivemos ela com cinco anos e três meses só e a gente perdeu ela. Ela era linda. Eu casei e ficava em casa, e ele trabalhava em uma tinturaria, ele era tintureiro.

Esse povo rico aí tudo [...]. Lavar e passar. Era ele e outro, que lavava as roupas, ternos [...] lavava e passava. Terno mesmo, eram as calças de linho, do dia a dia. Naquele tempo só usava linho. Era lavada e passada também na tinturaria. Fazia tudo, tudo certinho, era uns ferros enormes assim, na brasa. Tudo era a brasa, não tinha nada elétrico. As geladeiras que tinham aqui, meu tio tinha na casa dele, era a querosene. Então era pouca gente que tinha. Telefone não existia, de jeito nenhum. A luz era do jeito que eu falei, aquele risquinho só, era desse jeito aqui.

E o povo vivia bem, feliz. Eu voltava às vezes da fazenda, que eles vinham me buscar final de semana. O tio ia lá à fazenda me buscar de avião, aí vinha, no outro dia de tarde, domingo de tarde ele me levava de volta, levantava no domingo de manhã e ia lá para dona M. Ela tinha as canas e fazia garapa. Nós íamos lá beber garapa de manhã cedo. Aquele monte de gente ia para lá. Ela vendia, né, e por fim o que sobrava da garapa ela fazia rapadura e vendia para o povo também. Uma vida simples, gostosa, eu estou revivendo o que eu passei (risos). Uma vida que ninguém ofendia ninguém, todo mundo era amigo, todo mundo se conhecia. E eu vivo assim até hoje, do mesmo jeito que eu fui criada, estou vivendo até agora e passo a mesma coisa para os meus filhos, meus netos. Se eu vejo alguma coisa errada, que eles fazem, eu chamo atenção, chamo lá para a sala, fecho a porta do corredor e vou conversar com eles, com carinho, como eu fazia com os meus filhos e faço até hoje, se precisar. Meu marido também fazia, meu marido deu uma surra no menino e uma na menina, mereceu, mereceu (risos). Concordei com ele, porque quem batia era eu, porque ele sentia mal, então eles eram muito arteiros, mas muito arteiro, ô “racinha” ruim (risos).

Então casada, foram vindo os filhos, veio primeiro a R. L., aí nós mudamos para São Paulo. Ele quis mudar para São Paulo. Ele queria casar, depois de casar nós falamos vamos casar e mudar para São Paulo. Ele era daqui de entre Aparecida do Taboado e Corgo do Ouro. Ele é de beirando o Corgo do Ouro. Ele era sul-mato-grossense. O pai dele e a mãe dele era paulista, ele era sul-mato-grossense. A mãe dele morava em Três Lagoas. Aí depois que nós casamos, ele trouxe a mãe dele para cá. O cunhado dele que tinha casa e fez especialmente já para trazer a sogra, ela ficou muito tempo aí. Eu não queria ir para São Paulo, e solteira, eu falei então não me caso, não queria ficar longe do meu pai e da minha mãe não, da minha família, nossa família já é pequena, nós só conheceu pai, mãe e os irmãos. E os tios né, eram

cinco irmãos, era o tio A que morava em São Paulo, o tio V, minha mãe, a tia D e a tia N. então sobrou só eles. Eu falei eu não vou ficar longe da minha família.

Mas depois que tive a menina, ele quis ir, quis ir. Eu falei "*mãe eu não quero ir*". Mas ela disse: "*minha filha, você casou, agora tem que seguir o marido, para onde ele for você tem que ir*". Mas eu falei "*mãe, eu não quero ir!*". "*Mas você tem que ir, minha filha, é a vida, se você não tivesse casado não precisava ir, mas como você casou, tem que ir sim, seguir o marido*". Porque naquele tempo a gente casava sabendo que ia casar até que a morte os separasse, era assim. Aí vendemos tudo, encaixotamos as roupas, as louças, as coisas tudo que tinha, os quadros, e despachamos. O tio V mesmo tinha um caminhão que levava até Santa Fé. Em Santa Fé tinha o trem, pegava o trem. Tinha o rio, o Porto Taboado que eles falavam. Eu chorava para passar naquela balsa. Imagina o medo que eu tenho de água, só não do chuveiro, pode estar geando que eu estou debaixo do chuveiro (risos). E fomos embora. Chegou lá, ele foi primeiro, e achou a casa do meu tio, do irmão da minha mãe, que falou "*pode vir até você comprar um terreno, você fica aqui junto com nós*".

Meu tio trabalhava na indústria. No grande ABC, trabalhava em São Paulo mesmo e pegava três conduções para poder ir para o serviço, meu tio. Meu marido chegou já com dinheiro. Ele vendeu a nossa casa aqui e chegou lá, ele comprou um terreno. Não era muito grande o terreno, mas deu bem, nós fizemos uma casinha de tábuas no fundo, fez dois cômodos, fizemos um e já entramos dentro, para não pagar aluguel. Quando estava esperando a mais velha, a M, ele fez mais um [...]. Quando eu fui para lá, a mais velha já estava com seis meses. A primeira nasceu aqui, e os outros dois nasceram lá. E aí ele fez outro cômodo e ficamos com dois cômodos. Depois nós fizemos a casinha da frente de material, fogão, tudo direitinho. O médico me enganou. Ele estava com vinte e quatro anos. Na Santa casa, lá em São Paulo, o médico enganou, falou que eu iria morrer, que podia vir para perto da família, porque ia morrer. Era o coração, batia por dois, dava disparos, por causa dos remédios da bronquite, e arrebentava veia nas pernas e nos braços, em todo lugar, cheio daqueles hematomas grandes.

Eu já tinha os três meninos, aí nós viemos. Meu marido, lá em São Paulo, trabalhava nas fábricas. A última fábrica que ele trabalhou foi na Arno. Ele ia ser chefe de uma sessão na Arno, que eles gostavam demais dele. Ele era muito esforçado no serviço, qualquer serviço que ele pegasse, podia ser o pior que tivesse, ele dava conta de fazer. Eles gostavam muito dele e não queria mandar ele embora. Aí ele contou, o que o médico falou, que eu podia cair morta a qualquer hora, o que ele ia fazer com três crianças pequenas, lá sozinho, longe de família. Eu falei "*doutor eu tenho fé em Deus, que Deus vai me deixar criar meus filhos*". "A

senhora é muito otimista". Eu falei: "*em relação a Deus eu sou, confio cegamente nele e tenho certeza que eu vou criar*". Ajudei a criar até os netos. Não estou ajudando a criar bisneto, porque [...], porque não chegaram ainda.

Vimos embora. Nós chegamos aqui dia 24 de junho, dia de São João. Quando foi dia 25 de abril, minha menina morreu de meningite. Nós corremos com ela de avião para fora, a condução que tinha aqui para correr era o avião mesmo. Nós corremos com ela para fora, mas não teve jeito. Meningite, naquele tempo não existia vacina e nem nada para isso, era só aquela que dá aquela mancha no braço, era só aquela vacina que existia. Então foi desse jeito a nossa vida. Eu desesperei, já passei a tomar remédio controlado, porque eu fiquei desesperada com a morte da menina, saudável, sadia. Ela era linda, tinha os olhos verdes que nem meu marido. A única que nasceu de olho verde aqui foi ela. Mas nasceu uma neta, a J nasceu de olho verde igual o avô, só uma neta, para não perder a raça (risos).

Voltamos para Paranaíba. Nós compramos um terreno ali em cima, em cima ali da rua [...]. Eu tinha 24 anos, e cheguei aqui eu fui a outro médico, esse médico trocou o remédio e parou aquele disparo no coração. Era falta de tentativa deles. Então, na Santa Casa lá em São Paulo, eles me enganaram. E eu falava para o meu marido "*não desespera, eu não vou morrer, agora não, eu vou criar meus filhos primeiro*". "*Você é teimosa hein?*". "*Sou, nesse ponto eu sou teimosa, porque eu tenho fé em Deus, que ele vai me deixar criar meus filhos*". Agora quando nasceu a primeira, ele ficou muito empolgado. Eu falei Luizinho, eu o chamava de Luizinho, ele não gostava que chamava ele pelo nome de Brás, só a família dele chamava ele de Brás, era Luizinho. Até o nome da dupla era Luizinho e o outro eu não lembro mais. Aí eu falei "*Luizinho não fica empolgado não, essa criança é muito bonita, ela não é para nós, não é nossa*". Ele: "*de quem é então? Você está doida mulher!*". "*Não, essa daí é de Deus. Ela é muito linda, não é para nós, ela é de Deus*". "*Você está louca!*", ele falava para mim. Bom, eu falei porque eu tinha esse pressentimento comigo, logo que eu vi que ela nasceu, logo que eu vi o rostinho dela, eu falei não é nossa. Sabe aquele pressentimento, que dá assim dentro da gente, doloroso mesmo, eu sentia isso. Eu, todo dia, a primeira coisa que eu fazia era olhar lá no berço, com medo de ela morrer dormindo e eu não ver. Eu sei que ela morreu segurando em minhas mãos, chorando, porque o médico queria que eu saísse de perto. Eu falei "*doutor, eu não vou sair de perto!*". Meu marido tinha ido à farmácia, buscar mais remédios. E ela pegou na minha mão chorando e falou: "*não, mamãe, não sai de perto de mim, não!*" Eu falei: "*não, a mamãe não vai sair, não chora mais não*". Ela não chorou mais, morreu só soluçando, morreu assim.

E aí nós fomos levar nossa vida. Fizemos uma casa ali, que ele já tinha comprado o terreno, fizemos meia-água, depois nós fizemos a outra parte da casa e a casa ficou completa. Depois ele inventou de mudar outra vez para São Paulo. Vamos nós outra vez, fomos de novo. Os meninos já estavam grandes, eles foram fazer o ginásio lá, fizeram o primário aqui no José Garcia e o ginásio lá, na Escola Rodiziem, em Mauá. Ele voltou a trabalhar, trabalhava na indústria. Eu cuidava dos meninos. Depois os meninos já tiraram o ginásio, foram fazer o colegial, e aí o colégio era particular, lá em Mauá. Mas o nome do colégio eu não lembro não. Entre as duas vezes que moramos lá, foram onze (11) anos. Eles cresceram lá. Eles não queriam vir embora, no último ano, que nós íamos vir embora, eles no segundo semestre, eles matavam a aula e ficavam no pátio conversando, na rodinha de colegas. Meu marido e eu sempre tivemos costume [...], nesse eu não ia porque era de noite e eu tinha medo de andar de noite, uma mulher sozinha era perigoso. Então ele ia à noite. Ele bateu lá, o diretor era um japonês, e ele falou: *"ah, é o seu Brás, pode abrir, é seu Barbosa"*. Eles falavam Barbosa. *"Eu vim saber como estão os meus meninos"*. *Não vou mentir para o senhor não. Eles estão matando aula. Eles estão ali com os colegas, sentado no pátio, matando aula"*. Ele só olhou para os meninos e fez assim (risos). Eles perderam o ano por falta. E o diretor era tão bom que queria que ele arrumasse um atestado médico para eles passarem. *"Não!" Ele falou "não, castigo meu é esse, eles vão ter que fazer o último ano lá, o colegial"*.

Eles estavam fazendo Contabilidade, à noite, mas nós viemos embora, e eu fui fazer matrícula deles aqui. O colégio era aqui, nesse “subidão” que tem perto daquele salão de noiva, que vende, que aluga roupa. É subindo ali, era lá, o colégio. Só que eu falei o dia que eles matarem uma aula, eu quero saber, vocês podem dar um jeito de falar comigo, eu moro em tal lugar, o endereço é esse. Pode vir, que eu quero acertar eles. Não mataram uma aula e passaram, (risos), terminaram, terminaram o curso.

Quando eu cheguei de viagem de São Paulo, sempre eu ia visitar todos os tios, todos os parentes, eu e minha família nós íamos os quatro, minha tia falou: "olha, minha filha...", ela era irmã da minha mãe, chamava D, ..."estou à procura de uma pessoa e eu acho, que eu achei ela". *"Mas atrás do que, que a senhora está atrás de uma pessoa, o que aconteceu, alguém fez mal pra senhora?" Não, meus netos nenhum tem vocação, as minhas filhas também não tem, não tem dom para isso, a “sobrinhada” daqui é muita, mas nenhum tem o dom também, mas agora eu achei a pessoa que tem o dom"*. Eu falei "quem"? "Você". Eu falei *"ah tia, eu não tenho dom para isso não"*. Eu falei para ela, e ria té para ela. E ela falou *"é você sim minha filha, espera um pouquinho"* e já foi lá dentro, já buscou um caderno e uma caneta para eu escrever. Ela já começou a ditar, e ela já ditou umas duas ou três orações, e eu

escrevi. Ela já falou "*depois você compra uma caderneta e vai passar a limpo. E depois você decora e queima essas folhas todinhas, que não pode ficar espalhada, tem que queimar*". Falei "*tudo bem, eu faço isso, mas o tia eu não vou oferecer benzeção para ninguém*". Eu falei para ela, ela disse "*não precisa, minha filha, na hora certa você vai saber quem você vai benzer*".

Eu nem lembro mais a minha idade naquela época. Eu tinha voltado pela segunda vez de São Paulo, então é [...] eu fui copiando aquilo lá, todo mês a gente ia lá, eu mais a minha mãe, pelo menos umas duas vezes por mês. Ela e a minha mãe eram muito amigas. A primeira que ela me ensinou foi para quebranto, inveja e mau olhado. Depois ela me ensinou contra engasgado. Depois foi ensinando assim, para cada coisa uma doença, espinhela caída é uma oração, para dor de cabeça é outra, para coluna é outra, para cólica de criança é outra, para quebranto de criança é outra, e cada dor tem sua oração certa. Eu cheguei, comprei a caderneta, fui copiando aquilo e queimei as folhas tudo e guardei a caderneta. Acha que decorei, de jeito nenhum. Mas no dia que ela deu a última oração, ela deu duas, uma sobre queimada, quando vem pegando fogo em tudo, para gente rezar. Ela falou para mim: "*agora graças a Deus eu posso morrer em paz, que eu deixei nas mãos certas*". Falei "*tia, a senhora está muito confiante*". (risos)

Daí um mês ela morreu. Deu um problema forte de rins nela, e ela morreu. Eu não sei, não sei com quem ela aprendeu. O tio V também sabia benzer. Ela era irmã do tio V e da minha mãe. Não sei como ela aprendeu, sei que ela aprendeu. Nunca tive a curiosidade de perguntar. Da minha família, só os dois benziam, só eles dois, que eu me lembre. Meus outros tios nunca benzeram, meus avós também nunca benzeram. Tem, tem que passar. Quando a gente tiver passando para uma idade bem avançada, Deus vai iluminar a gente, ela falou "*foi Deus que me iluminou, do jeito que ele [...], tipo uma intuição, ele vai te iluminar também quando você tiver que passar para outra pessoa, uma pessoa que tenha o dom, não adianta passar para qualquer um*". Olha, o dom seria como se diz, tem que ter muita fé em Deus, muito católica, crer em Deus cegamente. Eu não tenho nenhum inimigo, mas se eu tivesse um inimigo e ele chegasse na minha porta, eu teria que benzer de bom coração. Então não pode ter inimizade com ninguém também, tem que ser limpa de coração.

Ela não me recomendou nada, só ensinou as fórmulas. Certo, que jeito que era e eu guardei. E quando ela morreu, daí um mês ela morreu. Quando foi certo dia, eu deitei boa e amanheci ruim. No pé, deu erisipela no tornozelo do pé esquerdo, eu chamei meu marido. Ele sempre gostava de aprender a fazer café de manhã, lá em São Paulo era muito frio, então por causa da minha bronquite ele falou "*você me ensina que eu faço o café, você não precisa*

levantar par tomar friagem". Então ele pegou esse costume de fazer o café, o resto da vida dele foi fazendo o café. Ele já tinha levantado, feito o café, quando eu fui descer da cama e baixei assim o pé, nossa senhora, parecia que ia arrebentar o osso do tornozelo. Olhei no pé, estava vermelhinho, coloquei a mão, estava queimando em febre o local. Eu falei "Luizinho, vem aqui, vem cá, olha meu pé!". Ele perguntou: "você não torceu o pé, tem certeza? Você não bateu pé em lugar nenhum?". Eu falei "não!". "Será que isso aí, não é a tal da erisipela que a tia D te ensinou? Eu falei "não sei, não sei". Como ela falou para mim, na hora certa você vai saber quem você vai benzer, olha só, isso é Deus me testando, testou em mim. Então eu falei assim, ela tinha me dado um pedacinho de lã de carneiro, porque naquele tempo tinha muita lã de carneiro, hoje em dia é raro. Eu falei para o meu marido está em tal lugar, assim e assim. "Pega a lã de carneiro e o óleo, o óleo de soja mesmo, óleo limpo, e falei traz que eu vou benzer. Vê se é isso, porque eu não sei".

A lã molhava no óleo para benzer, fazendo cruz, em cima. E a dor era insuportável. Era não, é. Quem tem isso é uma dor insuportável, porque não dá só na pele, dá no osso, na pele, no tutano, no nervo, na carne. Então isso tem que vir sarando de dentro pra fora. E tem as coisas que não pode comer, que ela não me ensinou, mas naquela hora, que eu benzi meu pé, veio tudo na minha cabeça, o que não podia comer. Deus não estava me testando? Aí eu falei, então tudo isso, eu não vou comer, eu tenho na minha mente isso. Eu benzi, e fiquei mais uma meia hora [...]. A minha primeira benzeção, (risos), foi em mim mesma. Deus estava me testando, para ver se eu tinha mesmo o *Dom*, decerto, né? Ou se ia aplicar o *dom*. Eu levantei. Depois de meia hora eu levantei, fiz todo meu serviço, melhorou a dor, estava doendo um pouquinho, mas eu fiz tudo o meu serviço. No outro dia, eu benzi novamente. No terceiro dia eu benzi por benzer, para benzer as três vezes, porque benzeção não pode pegar par, tem que parar impar. Eu sarei. Então meu marido começou a rir e falou: "*eu tinha medo de ter uma mulher parteira, agora eu tenho uma benzedeira*". Eu falei: *óh, vai encher outra, e me deixa em paz* (risos).

Uma semana mais ou menos depois, minha irmã veio da fazenda com a mulher do vaqueiro e uma criança desmaiada, de verme, lombriga, veio desmaiada de lá até aqui. Ela falou, vamos passar aqui na minha irmã, quem sabe ela não sabe benzer de lombriga. Ela passou aqui, entrou. Eu morava nessa casinha do fundo, porque essa daqui nós estávamos construindo ainda. Ela falou: "*Nair, tu sabes benzer de lombriga ou verme?* Eu falei "*por que você quer saber?*" "*É porque eu estou com a mulher do vaqueiro e com a criança que veio desmaiada de lá até aqui. E nós correr com ela para o hospital, vamos tirar as coisas do carro e vamos levar para o hospital*". Eu falei "*traz ele aqui*". Ela trouxe, deitamos ele

naquele banquinho lá, eu benzi ele de verme, quando chegou na casa dela, que é duas quadras aqui para cima, o menino chegou lá já pediu leite, já deram leite para ele com pão e bolacha. O menino comeu e foi brincar. Naquele tempo não se tinha telefone. A ela veio aqui e falou: "*Nair, você acredita que não precisou levar o menino no médico?*" *O menino está bom, brincando, parece mentira*". Eu falei "*louvado seja Deus!*". Ela falou: "*você sabia benzer mesmo?*" (risos) Eu falei: "*não interessa, o importante que a criança ficou boa*". E daí alastrou, alastrou, alastrou que agora eu benzo criança da cidade toda. É rico, é de pobre, é de doutor, é de todo mundo, eu benzo. Aí alastrou, vem gente de inocência, vem gente de Jales, de Fernandópolis que tem parente aqui, e vem para cá para benzer, ou telefona para a família, a família vem aqui para eu benzer de longe. Eu benzo de longe, tem benzeção que dá para benzer de longe, mas a pessoa melhora, mesmo de longe melhora. Espinhela caída dá para benzer de longe, mas não é igual pessoalmente, depende o tanto que está caída. De longe não chega, mas a pessoa melhora.

Eu benzo de muitas coisas, mas primeiro vou falar das crianças. O quebranto e cólica que dá na barriguinha das crianças. Depois já vem inveja, molhado, espinhela caída, dor de cabeça, dor na coluna, de sangramento, esgotamento, só não de menstruação, esse não pode benzer. Sangramento de nariz, de corte, se cortou uma veia e está sangrando demais, a gente benze e ameniza até chegar ao médico. Ou qualquer outra coisa, ou qualquer outro sangramento que [...]. Eu benzi o pé de uma mulher aqui, que ela tinha ido para tudo quanto é canto, uma senhora rica da cidade, e médico nenhum conseguiu estancar aquele sangue do pé dela. Ela veio aqui, eu benzi e coiso [...]. Mas não é eu quem cura, é Deus, eu sou apenas um instrumento na mão dele. Então se vem pessoas que está muito ruim [...]. Depois ela veio me agradecer, eu falei "*não, minha filha, agradece a Deus*". "*Mas foi através da senhora que ele me fez essa graça. Eu estava há uns dois meses*" [...]. "*Era um buraquinho de nada que tinha, é isso que sangrava direto. Foi só uma vez que benzeu. Como Deus é bom, né*".

Não são todas as benzeções que precisam benzer mais que uma vez. A única que pode benzer uma vez é espinhela que ela entra no lugar, se ela não chegar ao lugar, tem que benzer até chegar. As outras são três vezes. O cobreiro tem um cobreiro que dá no corpo da pessoa. Eu estou benzendo uma senhora e um senhor, que no senhor começou nas costas e veio assim [...], até a região dessa largura e na senhora pegou bem mais pra cima nela, veio aqui debaixo do braço e aqui em cima [...], que eu estou benzendo, mas já está bem seco, graças a Deus. E tem esses cobreiros que dá na boca, que tem cobreiros de vários jeitos. Eu benzo de ofendido de cobra também. Benzo de picada de escorpião também. De qualquer peçonhento ou

venenoso. Então eu vou benzendo assim, benzo de queimado, de queimadura. Tem muita benzeção que a gente sabe.

Não estudei, não decorei nenhuma fórmula, só dela ditar para mim lá e eu escrever no papel, e depois passar para a caderneta, eu não decorei, e não decorei até hoje. É por Deus mesmo. A pessoa chega e fala o problema e eu já sei a reza. Decorei, mas sem olhar no caderno, na caderneta, foi só organizando na caderneta, mas não memorizei, isso nem passou pela minha cabeça, a simplicidade foi muita. Quando chegou para mim, eu já consegui benzer, igual quando eu benzi meu pé e essa criança. Bem que a minha tia falou "*na hora certa você vai saber quem você vai benzer*". E fui eu. Arruda ajuda tirar os maus olhados, a inveja, as dores do corpo. Ela (a enfermidade) vem para a planta, a planta costuma puxar. E as folhinhas vão murchando. Eu só uso a arruda para benzer inveja, mal olhado e quebranto. Benzo com o terço, para dor de cabeça; a espinhela caída é com a mão; erisipela é com a mão. Agora hoje em dia não é mais a lã de carneiro, é algodão. Eu falo cada um traz o seu, porque é muita gente e eu não consigo comprar, eu vivo de salário mínimo, da pensão do meu marido. Então cada um tem, tem uma sacolinha, cada sacolinha tem seu nome, do paciente, do doente, aquele algodão é do fulano, aquele outro é de ciclano. Coloquei tudo numa sacola grande, quando chega aquele lá, eu vou e procuro o algodão dele, aí pego o algodão dele e molho com o óleo meu, e benzo.

Não, não é tudo que usa a arruda, mas a maioria do povo que benze, a maioria é quebranto, quebranto que é criança, e inveja e mau olhado. A maioria é isso. A pessoa chega para benzer, eu pergunto "*do que o senhor quer benzer*"? Quando é a primeira vez eu sinto, sinto se eu chegar perto da pessoa e ela tiver qualquer coisa ruim, eu me arrepio todinha. Quando eu benzo uma criança, as dores dos ossos da criança vão passando para o meu corpo. Daí um segundo não tenho mais nada. Por isso que eu benzo uma pessoa atrás da outra, mas Deus vai me tirando, do jeito que ele me deu o *dom*, ele me tira essas coisas que vai ficando. Não fica, graças a Deus não fica. Sinto, cada um é de um jeito. Sinto dores. Se a pessoa sente dores, eu sinto dores. Se for de cabeça, dói minha cabeça; de coluna, dói a coluna; no estômago, dá aquela dor enjoada no estômago. Benze muito de espinhela caída também, até criança, que começa a pegar peso, começa a pular muito.

Olha, vem quem vier aqui. A maioria vem desacreditando mesmo, duvidando de mim. A minha fé com Deus é grande. Eu creio nele cegamente. Então eu acho que está bastando a minha fé que eu tenho em Deus. Se quem vir aqui benzer tiver fé, ajuda mais, ajuda mais, mas não fé em mim, fé em Deus. Não é no benzedor, é em Deus, porque as graças quem faz é Deus, eu não faço nada, não sei nada, eu sei aquilo que me vem na mente. Eu benzendo uma

moça aqui um dia, ela já foi casada, mas divorciada, porque não podia criar. Eu benzendo ela, me veio na minha mente, vão bater no carro dela. E vai ser feio. Veio aquela voz dentro da minha cabeça, eu benzendo ela, eu acabei de benzer, ela falou que eu estava amarelinha. "*O que a senhora tem que a senhora está amarelinha?*" Eu falei "*um carro vai bater no seu carro e vai acabar com ele*". Ela ficou apavorada. Eu falei "olha, eu falei sem querer, eu não queria te falar isso, que eu não gosto de falar nada. É muita responsabilidade. Daí uns quinze dias, ela encontrou com a minha neta na rua, e ela falou "*fala para a sua Vó, a Dona Nair, que já bateram no meu carro*". Eu falei "*bateu, mas não é essa batida*". Minha neta "*mas eu não falei isso para a senhora. Eu falei, foi uma mobilete que bateu nela, não é isso. É uma batida forte que ela vai ficar a pé*". Passou mais dois meses, olha a batida feia. Naquela descida da Vila Rica para a cidade, ela foi para atravessar ali e um carro vinha e bateu nela, acabou com a caminhonete dela. Ela é um amor de bondade. Ela é professora também, só que hoje ela está morando em Rio Preto. Aí, ela encontrou minha neta, justamente na Pernambucanas e falou assim "*fala para sua vó que agora eu estou de a pé de tudo, o meu carro foi de reboque para Rio Preto*". Ela ficou dois meses andando a pé.

Eu falei para ela "você anda o mais devagar que você puder [...]". Avisei-a assim "você sabe que eu gosto de muito de você, muito boazinha, você é como uma filha para mim, mas você, cuidado, anda devagar". "*Mais devagar que eu ando, dona Nair?*". Eu falei assim "*se prepara, a batida é feia*". O aviso foi para prevenir, para não acontecer nada com ela, como não aconteceu nem um arranhão nela, graças a Deus. Mas não evitou, não teve jeito, sempre tem a pessoa imprudente, que corre demais, por isso que eu não gosto de falar as coisas para as pessoas. É muita responsabilidade. Ela falou "*dona Nair, se eu acreditava na senhora, agora muito mais*". Eu falei "*não acredita em mim não, menina, acredita em Deus. Tem que acreditar em Deus, não em mim*".

Eu sinto no corpo. Eu costume benzer e às vezes fechar os olhos, principalmente em adultos, eu fecho os olhos. Eu benzi um homem um dia, e eu vi as mãos sujas de sangue, eu abri o olho assustada e continuava benzendo, fechava o olho e via outra vez, por três vezes eu vi a mão dele sangrando, cheia, suja de sangue. Aí o senhor que trouxe ele aqui, que me contou, tem uns dias ele veio aqui, para mim benzer, eu estava benzendo a perna dele de erisipela, ele falou "*dona Nair, a senhora sabe aquele homem que eu trouxe aqui para senhora benzer outro dia aqui, a senhora conhece ele?*" Falei, "*não, nunca vi, foi a primeira vez*". A senhora sabe a profissão dele? Falei "*não, não sei de ninguém, sei do meu marido só*". Ele falou assim "*ele é matador profissional*". Por que eu vi as mãos sujas de sangue? Eu

fiquei preocupada com aquilo lá, fiquei encabulada, aquilo não saía da minha cabeça. E ele veio benzer, às vezes estava muito pesada a carga nos ombros dele.

Depois outra vez, teve um senhor aqui que trouxe um amigo dele, quando eu fiz o sinal da cruz nele para benzer, eu já senti que ele não estava bem, estava mal, mal, mal mesmo. Era coisa má que estava com ele. E eu comecei a rezar, a pedir para o divino pai eterno abençoar e mandar o anjo mais forte, que é o anjo Miguel, para tirar aquilo que tivesse aqui e não deixasse na minha casa, nem com nenhum de nós que estava ali. Que era o que trouxe, ele e eu. E não deixar nada aqui no meu quintal, para não pegar em ninguém. E eu fui benzer ele, ele deu um urro tão feio, mas forte mesmo, que a voz de homem é mais forte que de mulher. Três vezes enquanto eu estava rezando, ele deu três urros. Eu continuei rezando, não assustei. Deus me dá uma paz tão grande dentro de mim, e quando eu acabei de benzer ele, eu falei para ele *"o senhor faz tempo desse jeito, urra desse jeito?"* É claro que eu tinha que perguntar aquilo (risos). Ele falou *"não, a primeira vez que eu urrei"*. Eu falei assim: *"o senhor sabe por quê?"* Ele falou *"não"*. Eu falei: *"o senhor estava com demônio no corpo, é o diabo, dando urro para sair do corpo"*. *Não queria sair, é por isso que urrou, por isso que eu perguntei, pensei vou perguntar"*. Só pode ser, não era ele. *"Por que a senhora não me falou antes, que eu ia tirar a cinta e ia dar tanta cintada nele"*. Eu falei *"o senhor iria bater no senhor mesmo, e ele não iria sair, se não for através de oração, não sai"*. E o colega dele ficou pasmo, (risos) *"Zoiúdo"*, falou *"credo, dona Nair, existe isso?"* Eu falei *"está solto na terra. A bíblia fala, as coisas ruins estão tudo solto na terra, fazendo a cabeça do povo, tentando virar o povo contra Deus, e chamar tudo para o lado dele"*.

Sinto antes de começar a benzer, sinto, antes de fazer o sinal da cruz, eu já estou toda arrepiada na frente da pessoa. Eu arrepio todinha, parece que até os cabelos da cabeça ficam em pé, dos braços, tudo. Eu faço o sinal da cruz, primeiro o sinal da cruz em mim, depois eu faço na pessoa para começar a oração, então e aí que eu sinto, aí piora, porque aí eu tenho que rezar para Deus mandar o anjo tirar aquilo daquela pessoa, e levar para onde Deus determinar. Aí eu posso benzer, se não eu erro tudo. Não consegue, aquela coisa ruim não deixa rezar. Então eu tiro primeiro para depois benzer. Muita gente, até a irmã da mulher da batida do carro, veio aqui semana passada, eu até não conhecia ela, a mãe dela sim, veio ela e a mãe dela, eu falei as coisas que tinha que falar para ela. Ela falou *"a senhora falou para minha irmã, ela dava o nome nosso para a senhora benzer, o caderno está aí, os nomes que ela escreveu"*. Colocou com o sobrenome, mas eu risquei o sobrenome todinho, porque eu não quero o sobrenome de ninguém, porque se um me pega um caderno desse e as vezes não gosta de tal pessoa faz mal, pega aquele nome completo e faz para a pessoa. Eu vou me sentir

culpada, então eu coloco o primeiro nome. Só Deus sabe que Maria eu estou benzendo, que Pedro, que Paulo, seja quem for, Deus sabe a pessoa que eu estou benzendo.

Costumo que sempre antes de chegar o povo que chega, logo de manhã eu benzo os nomes. Tem vez quando é muito, no intervalo do meu almoço eu aproveito e benzo o resto. Tem muita gente que mora fora e pede para benzer, sabe, deixa o nome, tem família que mora aqui, mas deixa o nome, tem um japonês que mora no Japão, a vó dele morava aqui, ele ligava para a vó dele, para vó dele vir aqui pedir para eu benzer ele de espinhela caída que ele não aguentava. Eu benzia. Ele ligava para a vó e falava "*vó eu já melhorei, a dona Nair já me benzeu*". Gente dos EUA ligava para a irmã que trabalhava na escola junto com a minha irmã, e aí minha irmã vinha aqui e falava o nome das crianças e onde eles moravam nos EUA. E moram lá até hoje e eu benzia as crianças de verme que estavam atacadas demais.

Quando benze de vermes, acalma a dor que sente na barriga, provocam dores em volta do umbigo. Mal de Simioto eu não benzo, porque eu já benzo de muita coisa, e não tenho tempo para benzer, porque é muito mal de simioto. Mas eu indico uma benzedeira, que era filha de uma benzedeira muito famosa aqui na cidade. Essa benzedeira que eu indico, ela benzia de tudo também, mas ela virou evangélica e deixou para benzer só disso, mal de Simioto. Então, já me propuseram para eu aprender, mas eu não tenho tempo, é muita criança que tem mal de Simioto. Toma muito mais tempo, tem que passar o óleo e ir tirando até dar uma acalmada, e eu já benzo demais. Sou católica, o padre falou que do jeito que eu benzo, "*desse jeito que a dona Nair benze, a senhora pode continuar benzendo pelo resto da vida. Ela não está fazendo negócio, ela está fazendo uma caridade, é poucas pessoas que fazem isso, muitos cobram, então a dona Nair pode Benzer. Ela está fazendo o bem ao próximo*".

Não cobro, tem gente que me oferece dinheiro, eu não pego. Se não vira negócio. Se trazem [...] às vezes as pessoas trazem um leite, uma carne, uma mandioca, uma abóbora, uma fruta, [...]. Essa blusa mesmo foi ganhada, mas dinheiro não, que vira negócio. E aí quem vai fazer bênçãos, eu não sei fazer bênção, quem faz as bênçãos e cura as pessoas? Principalmente a erisipela que é uma coisa terrível, que a gente não aguenta por o pé no chão. Por isso eu não posso aceitar dinheiro, não, não, as pessoas tiram o dinheiro [...], mas qualquer lembrancinha que me trazem isso aí é outra coisa. Isso é um agrado que estão me dando, mas dinheiro, pode me dar todo o dinheiro do mundo que eu não pego, nenhum centavo. Já tive muitas ofertas, isso não tem preço. Deus me deu de graça esse *dom*. Então eu tenho que dar ele de graça para os outros. Mas têm pessoas, outros que vêm com carne, no Natal eu já cheguei até a ganhar uma leitoa limpinha já, é diferente. "*Dona Nair, isso daqui eu não estou pagando a senhora não, isso aqui eu me lembrei da senhora. Nós fomos limpar*

uma para nós e falamos, vamos limpar uma para a dona Nair". Trazem, o povo traz, cesta de alimento. Eles vêm e trazem. Tem uma família aí que, volta e meia, eles estão trazendo. Eu benzo eles aqui e benzo a filha deles que mora em Votuporanga/SP. Ela fica ruim da espinhela caída, eles vêm e falam para mim, e eu benzo na frente deles e mostro como está caída, porque benze com um carvão. Eu faço uma cruz assim, coloco meu cotovelo, estico o braço, risco no dedo e faço uma cruz, e depois faço outra no meio. E eu rezo aqui, aqui e aqui a oração, e ofereço para Nossa Senhora desmanchar, aliviar o que aquela pessoa está sentindo e voltar a espinhela da pessoa no lugar. E aí eu chamo a família para ver o tanto que está caída, porque as pessoas, às vezes, não acredita que eu benzo, então por isso que eu chamo para a pessoa ver.

Eu rezo pensando no Divino Pai Eterno, Santíssima Trindade, Divino Espírito Santo. Todas as benzeções são oferecidas para Deus. Para Deus curar aquela pessoa. Vou à igreja todos os domingos, falta o padre, mas não falta eu, como dizia minha mãe. *"Acho que o padre devia faltar na igreja, mas você não falta"* (risos). Vou todos os domingos desde a idade de 12 anos. Eu guardo Dia Santo. Na Semana Santa, por exemplo, eu não benzo. Eu não benzo nenhum dia na semana santa. Já aviso antes: *"gente, vocês trazem as crianças, porque depois só se for ofendido de cobra, porque esse não tem hora e nem dia, a hora que é ofendido tem que ser benzido"*. Aí eu não benzo nenhum dia. Agora, se for Dia Santo, grande, eu respeito também. Agora, se for Dia de Tiradentes, Dia de Proclamação da República, guardo dia santo, sou muita devota da Nossa Senhora Aparecida.

Eu não sei se vou ter herdeira da benzeção, por enquanto não tive dica nenhuma, (risos). Outro dia uma mulher falou assim para mim *"ai, dona Nair, eu tenho medo da senhora morrer"*, eu falei: *"não, reza um Pai Nosso e uma Ave Maria para mim, que já está bom demais, você está me ajudando muito para Deus dar saúde para mim"*. E ele me dá. Eu tenho certeza que ele me dá saúde, porque eu não me esqueço de rezar por ninguém, todos os dias nas minhas orações. Não conheço outras benzedadeiras, só essa do Mal de Simioto e outra que também benze de Mal de Simioto. Não recomendo que passe o prestobarba para benzer de simioto, os bichinhos começam a sair e se passa o prestobarba, corta os bichinhos no meio e eles vão procriar novamente. Eu sei porque benzi meus netos, as crianças vão aniquilando, fica fininho, cabeçudinho, ela não quer comer, não quer fazer nada. O próprio organismo gera o Mal de Simioto. O quebranto, se não benzer, ele vai aniquilando os ossos da criança, e aí já dá o mal de Simioto. Eu vi sair os bichinhos dos meus netos, vermelho, preto e branco. Eles eram redondinhos. A menina dizia *"vó está coçando aqui, vai sair, vai sair"*, e já saía com ele

na unha assim, no duro. Eu fiquei abismada. Eu acredito porque eu vi saindo dos meus dois netos. Sai pelos poros. Passa óleo de azeite de oliva, ele atrai, ele vem pra chupar o azeite.

Ele não aparece na pele, por fora não, mas sente quando ele está saindo. Coça, começa a coçar e sai, encaroça a pele parece que vem saindo uma areia, mas não é, é os bichinhos. Eu sei que eu vi nos meus dois netos mais novos. O menino era gordo, uma gordura fofa. A mulher falou "*esse menino tem!*". Falei: "*então benze ele*". Ela benzeu e saiu dos três e na menina também, dos três. Sai bastante. Sai nas costas, sai no corpo assim, na cabeça. Ela passava azeite até na cabeça deles. Ficava só de calcinha a menina que era pequena, o menino pequeno, só de cueca e passava no corpo inteiro. Qualquer lugar que tem poros estava saindo. Tudo que vem aqui para benzer de Mal de Simioto, eu recomendo ir nessa que eu te falei, que mora lá perto do objetivo.

Foto 2 - Aracy Alves Porto (88 anos)



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Meu nome é Aracy Alves Porto. Eu nasci em 1929, em primeiro de agosto. Fui criada sem minha mãe. Minha mãe morreu quando eu tinha 2 anos de idade. Quando eu tinha sete (07) anos, perdi o pai. Fui criada com os avós, com a vó, o vô também já tinha morrido, e aí eu cresci, fui para escola. Minha vó era muito vaidosa, pintava os cabelos, nós a chamávamos

de Aiaia, minhas primas falavam a Aiaia é muito vaidosa. Na chácara [...]. Primeiramente fui criada num sertão que você precisava ver, lá em Pereira Barreto. Minha cidade da infância foi lá. Com a vó materna, do lado do meu pai eu não conheci ninguém. Eles eram de Minas Gerais. Ela vendeu a fazenda e comprou uma chácara para poder colocar os filhos na escola, porque não tinha no sertão. A gente chamava lá na fazenda de sertão, e é sertão até hoje, tem luz, tem tudo, mas é o sertão, e meu avô é sepultado lá, na fazenda. Ainda essa semana eu passei lá. Nós éramos oito irmãos, minha vó criou os oito. Uma foi até quinze anos e morreu, a mais velha. Foi de sarampo recolhido, recolheu o sarampo. A minha vó ia dar o remédio para ela, mas ela não queria, jogava embaixo da cama. Era casa de chão, o chão embebia o remédio. Ficou nove doentes naquela época, e só morreu ela, ela tinha quinze anos. Ela era moça, ela era que ajudava minha vó.

Eu nessa época não tinha nem sete anos. Eu era a mais nova dos oitos irmãos. Eu e o meu irmão que era gêmeo. Já fez 25 anos que ele morreu. Entrei na escola com oito (08) anos, em Pereira Barreto. Era grupo escolar. Mas não vou contar, porque eu não lembro mais. Eu lembro assim como era o prédio, tudo [...]. Tinha quatro classes. Primeira, segunda, terceira e quarta. Mas era mais que hoje. O segundo ano colegial que eles falam. Muito mais que hoje. Eu estudei dois anos nessa escola. No primeiro ano e quando entrei para o segundo, sai. Mas eu aprendi a ler e escrever. Só hoje que não leio e escrevo mais por causa da idade, as vistas estão ruim. A minha vó casou pela segunda vez e viemos embora para fazenda. Todo mundo que estava na escola saiu, minhas tias. Só ficou uma que estava mais adiantada, a madrinha do meu filho. Aquela ficou, que era tia, nós éramos tudo igual irmão. Criamos tudo junto. Não tinha como tia, tinha como irmão.

Nós brincávamos de tudo na infância. Brincava de pular corda, brincava de boneca. Nós mesmos fazíamos nossas bonecas de pano. Naquela época, a minha irmã do meio que ficou, sem ser a mais velha, para cozinha, ela colocava um toco na beira do fogão e fazia a comida para nós. Aí, meu pai casou a segunda vez e tirou nós da minha vó. Depois de cinco anos que ele ficou viúvo, ele casou de novo. Pegou e apartou a gente de casa, pois morávamos todos na minha vó, o meu pai e os oito filhos. Então, nós fomos viver com a madrasta. Madrasta ruim que só ela, preguiçosa. Lembro como se fosse é hoje, como ela era. Padrasto e madrasta não vale nada. Ela colocava as minhas irmãs mais velhas que eu para trabalhar. Eu era pequena naquele tempo, era só pra brincar de boneca e sujar roupa, que a gente suja mesmo. Lavava roupa no córrego. O poço furava, mas não tinha tijolo, desbarrancava tudo. Então pegava água no córrego. Eu ia junto para não ficar em casa, fazendo arte. Nunca fui para a roça enquanto criança. Não tive uma infância feliz, não tinha nem pai e nem mãe.

Quando meu pai morreu, eu tinha sete anos. Quando minha mãe morreu, ele só viveu mais cinco anos e morreu. Viveu só mais um ano com essa mulher e morreu. Teve uma filha com ela, que eu não conheço essa irmã. Ela foi aqui para Aparecida do Taboado com a menina. Ela era de Aparecida. Chegou aqui, tornou casar de novo e foi embora para São Paulo. Ela foi viúva três vezes, e todos os três maridos, chamaram José. O primeiro, segundo e terceiro.

Com a morte do meu pai, voltamos para a casa da minha vó, ele acabou de nos criar. Com a vó éramos felizes, ela era brava, bastava olhar, nós tinha medo. Minha vó tinha 13 filhos, morreu alguns, mas com os netos, só dentro de casa nós éramos dezessete pessoas. Ela socava arroz no pilão para poder cozinhar para esse povão tudo. Era quatro litros de arroz cedo e quatro de tarde. Era fogão à lenha, folgazão e panela de ferro. Olha, ela batalhou, e costurava ainda para todo mundo. Eu tive que aprender costurar com ela, queira ou não queiria, mas eu não dava muita atenção para costura não. Depois que eu casei, que eu vi que iria precisar, aí eu recordei aquilo tudo. Nossa vida foi custosa. Com o segundo marido a vó viveu só vinte e um (21) anos, e ele largou dela. Quando ela separou, eu já tinha casado. Conheci meu velho na fazenda. Eu tinha dezenove (19) anos e foi até casar. Conheci-o, ele chamava Luiz, com quatro meses que conheci, nós casamos. Não tinha esse negócio de namorar não, era casar. Era um lá e outro aqui, era igual jacaré, só olhar. Continuamos morando na fazenda, mas Sertão ainda que nós fomos morar.

Fui para a roça depois que casei. Eu não queria que ele pusesse peão para nós ter mais renda. O tempo que ia pagar peão eu ia ajudar. Ajudava meu marido a derrubar pau com o traçador. Ia longe derrubar para limpar a roça, tirando aqueles que ele derrubava com o machado, trabalhei muito. Antes disso [...], antes de nós comprarmos o sítio, eu vim trabalhar depois que com compramos o sítio. Mas antes eu morava na fazenda do Almeida Prado. Só levava a comida na roça, voltava, tratava de capado, sentava na máquina e costurava. A máquina tá ali, se ela soubesse falar, ela falava também para você. A primeira vez que eu costurei, foi numa máquina de mão, era bem pequena, peguei emprestada de um homem que era viúvo, e costurei nessa máquina roupa de serviço. Lembro-me como se fosse hoje. Ah, mais me deu um trabalho aprender a costurar naquela maquininha!! Mas costurei. Costurei muito para peão: calça, camisa e cueca, tudo para os peões. Com um ano de casada eu já tinha um filho (risos). Eu tive seis filhos ao todo. A segunda morreu. Tive a primeira e depois a segunda, mas a segunda morreu com sete meses de vida. Depois eu tive mais quatro, graças a Deus estão os cinco vivos.

Minha vó benzia, e nós estávamos sempre ali e aprendia com ela. Tinha dia que ela benzia alto e tinha dia que benzia baixinho. Então ia gente longe para ela benzer, lá em

Pereira Barreto, na fazenda. Ela benzia de tudo, de tudo. E ela benzia e falava para nós, que era para nós aprender. Dos que ela criou tudo, só quem aprendeu fui eu. As outras... nenhum dos filhos dela, ninguém benzia, só uma que andou benzendo. Só eu e uma tia aprendemos. Eu estava com quinze anos quando eu aprendi a benzer. Toda a vida eu a via benzer, escutava ela benzer e ela ensinava, ensinava todo mundo. Todo mundo via, mas só eu aprendi. Mas eu só comecei a benzer depois que tive todos os meus filhos. Ela ensinava, né, para todo mundo que estava ali apreender. Para os filhos e os netos. Ela dizia "*olha, vocês precisam aprender, um dia vocês vão precisar*". Muitos falavam: "*isso não vale nada, não vale nada benzeção*". Ela ensinou as orações, cada benzimento tem sua oração. Minha vó benzia de tudo, perto ou longe. Mandava o nome da pessoa e ela benzia. Benzia de tudo, cobreiro, lombriga assustada, vento virado, dor de cabeça, dor de garganta, mal de simioto de tudo. Vinha gente de todo lugar para ela benzer. Eu aprendi a benzer com quinze anos, mas só vim benzer depois que eu estava velha, já tinha casado e já tinha os filhos tudo.

Eu não lembro quem foi a primeira pessoa que eu benzi. Eu benzia meus filhos de quebrante [...]. E aí fui benzendo, benzendo e benzo até hoje, graças a Deus [...]. Eu aprendi a benzer de memorizar, de ver e ouvir minha vó benzer e dela ensinar. Quando eu comecei a benzer, os filhos já estavam grandes. Tinha dia que o marido implicava, queria implicar quando eu morava lá no Estado de São Paulo. Ele não gostava. Tinha dia que ele implicava, nossa senhora! Eu dizia que ia parar de benzer, e parava. Ele falava, se eu chegar aqui, a casa estiver cheia de gente e você benzendo, você vai ver. E para nós não brigarmos, às vezes eu parava uns tempos. Depois continuava de novo. E aí nós viemos aqui para o Mato Grosso. Eu disse para ele "*olha aqui, lá em Mato Grosso eu não vou benzer nada, e você que conta que eu sei benzer viu!*"

Mudamos para cá nos anos 80. Meus filhos já eram tudo casados, tudo cheio de filhos, todos tinham filhos. Só veio um dos meus filhos com nós e com a família dele. Compramos fazenda aqui e eles vieram também. Chegando aqui, meu marido me conta que eu sabia benzer de mal de simioto, porque via aqueles meninos magrinhos, que vai à farmácia, toma remédio, vai num médico e vai a outro, e não sara. Porque eu morava na cidade, depois que eu mudei para a fazenda aqui. Ele vai e conta. Tinha dia que vinha de quinze (15) a vinte (20) meninos para eu benzer de mal de simioto. Naquela época eu benzia mais desse mal. Era muita criança que tinha de primeiro. Hoje eu benzo os meninos deles, dos que eu benzia, hoje eu benzo a criança. O mal de simioto é um bichinho que dá no corpo, a criança vai emagrecendo, não come e vai acabando a criança. Eu tenho um sobrinho que morreu disso daí, ninguém sabia que tinha. Não benzeu ele. Nós não sabíamos, era tudo novo, era bobo.

Quando morre fica magrinho, nem fecha os olhos e nem a boca. O meu irmão levou em tudo quanto foi médico e os médicos não sabem, não descobre, médico não cura, dá até em gente grande, em adulto. E eu benzia, vinha gente até de São José Rio Preto para eu benzer. Gente que tinha menino doente lá. Eu comecei a benzer [...]. Gente adulta eu não benzia não. Homem principalmente eu não gostava de está benzendo não, o bicho tem a língua cumprida. Meu marido não tinha dia que não falava nada não, se ele falasse eu dizia "*quem mandou você contar, eu falei para você, que não falasse que eu sabia benzer, agora você aguenta*". Hoje em dia eu benzo qualquer pessoa que chegar.

Naquela época eu só benzia criança. Depois adulto e hoje qualquer pessoa que estiver doente. Eu benzo de tudo. Benzo de dor de cabeça, ar nos olhos, de mau jeito, lombriga assustada de menino, quebrante (risos) [...]. Cada um desses tem uma reza e a gente precisa ficar pensando hora que chega para benzer, porque agente vai ficando velha esquece, mas eu não esqueci ainda não (risos). A pessoa precisa ter fé, senão, não sara. Tem gente que vem para ver o que é que a gente está fazendo, como que é. Vem ver que jeito que benze, não é todo mundo que tem fé. Eu conheço quem tem fé e quem não tem. Estou velha, mas não estou esquecida não. Tudo assim agente benze. Deus põe a bênção, agente benze e ele põe a bênção. Eu benzo com o terço e com o raminho. Dor de cabeça eu benzo com uma toalha e com uma garrafa de água no sol. Uma toalha branca ainda coloca na cabeça e coloca a água e benze. Essa água depois eu jogo fora. Tem tanta gente que vem aqui doente da erisipela, eu benzo com o fogo ou senão com a água. Cada mal é de um jeito, benzeção assim de bicho mal. Picada de cobra eu benzo daqui e fala o nome do bicho, sabe? Para cada coisa tem a oração. E no fim a gente fala: "*Deus que ajude que você sara*". Porque quem está curando é ele, não é a gente. Eu não curo, quem cura é Deus, por meio dos guias que leva até eles. Eles que vai lá, a gente pede e eles vão lá.

Com o raminho eu benzo quebrante, mau olhado, cobreiro, erisipela. Se tiver criança para benzer, eu ainda benzo de mal de simioto. Eu já benzi muito depois que eu estou nessa casa, mas é com o óleo de oliva. Aqueles que têm fé saram. Aqueles que não têm, não saram. Aqui vem um velhinho que é o único que não está sarando. O filho não tem tempo de trazer ele. Eles são muito bravos com ele, e ele também é bravo dentro de casa. E não vem todo o dia para fazer a benzeção. A benzeção pode ser uma vez ou três (03) vezes, conforme o mal é cinco (05) vezes. De mal de simioto é nove (09) dias, para tirar os bichinhos que tem no corpo, porque tem bichinho. Tem muito que tem que por "apreparo" neles para poder benzer, para poder sarar mesmo, quando está muito ruim e já está colocado nos ossos. É duro isso aí.

A gente às vezes sabe essas chazeiras de casa, mas hoje em dia não tem mais as raízes, porque é tudo do mato e tem muitos tratores que arrancam as plantas que são remédios. Então por isso que não tem mais essa “remediera” de casa. Eu fui criada sem ir à farmácia, sem conhecer farmácia, e médico também. Não conhecia, era tudo remédio de casa que tomava. Então a gente não conhecia médico. As mulheres tinham os filhos tudo lá para o mato, igual índio. Eu faço alguns remédios caseiros, mas eu já esqueci [...]. Eu faço xarope para a anemia. Ele é feito na panela de ferro, com a laranja da terra, mas é feito em simpatia, é nove laranjas, cortada em cruz e coloca para ferver, cozinha quase até ela desmanchar, aí coa e deixa apurar o mel. Esse da anemia o menino que não quer comer, está amarelo é só tomar ele. Eu tenho feito aí para bronquite, sara qualquer bronquite. Esse xarope de bronquite é feito na panela de alumínio com rosa, limão galego e açúcar. Pode ser qualquer cor de rosa, mas se tiver a rosa branca é melhor ainda. Se não tiver pode ser de qualquer uma. Não deixando tomar chuva para ela recolher, se tomar chuva, ela não presta, tem que recolher ela antes de chover. E para secar ela, não pode deixar onde a gente vai dormir, porque o aroma dela faz mal, tem que deixar fora [...], em outro quarto para lá, para ela secar. Numa vasilha esparrama ela, aí pode guardar ela seca. Gente adulta pode tomar 3 colheres de sopa ou meia xícara de café por dia do xarope. Agora para criança, é aquela colher de sobremesa. Uma colher cedo, uma meio dia e outra à tarde. Conforme está a anemia das pessoas, às vezes uma garrafa chega.

De primeiro eu fazia para mulher que dava hemorragia, mas é feito na cerveja preta. Esse aí precisa ter muito remédio. Eu fiz muito aí para essa mulherada. Eu aprendi com a minha vó. Minha vó fazia. Nós não tomávamos remédio de farmácia. Minha vó não tinha leitura, mas era muito inteligente. Se tivesse com anemia, com amarelão, ela fazia. E fazia também chazeira para lombriga, com hortelã e poejo. Quando estava muito gripada, ela fazia o xarope para ir tomando. Eu sabia fazer muito remédio. Ela fazia até remédio para a maleita, aquela maleita que não sara, que via aquela instrução. Para maleita eu não sei fazer. Os remédios eram feito em fogão de lenha, mas hoje não tem mais, não tem a lenha. Mas eu faço todos esses remédios, aprendi com ela, de menos para maleita. Anemia, bronquite, para lombriga. A lombriga não pode ser morta de uma vez, porque senão a pessoa começa dar vertigem. Tem que matar devagar. Eu vendo, é vendido, dá muito trabalho para eu fazer, esse é fora da benzeção. Eu dou assim... Se eu vejo que a criança não pode comprar, eu dou, leva. A benzeção eu não cobro. A gente não pode vender as palavras de Deus, não pode. Agora se a pessoa quer dar qualquer presente, às vezes a gente pega, mas fala que não precisa não. Se

quiser agradecer com alguma coisa, mas não cobrar, porque as palavras dele não ficaram para vender.

Eu sou católica, católica, graças a Deus, e não pretendo mudar não. Tenho que morrer nela. Eu não penso em muda em outra religião não. Eu tenho um filha que já mudou, é evangélica, e fala que eu também tinha que virar, mas eu falo que não viro. Elas não benzem, fazem oração, mas acreditam que a gente benze e sara. Porque Deus quando andou no mundo tinha os apóstolos, e ele pediu que cada um fosse fazer uma benzeção, que eles fossem que ele colocava a bênção. E lá eles benziam e ele colocava a bênção. Por isso que muitos sabem benzer, mas não querem cuidar daquilo. Sou católica só não vou à missa, porque eu não estou aguentando andar, porque eu caí e machuquei o joelho, mas eu ia, agora assisto aqui todo dia. Assisto na televisão, três missas por dia. Agora mesmo assisti uma. Estou sentada aqui de quando assisti a missa. Não passei para ninguém a benzeção. Eu falo para os netos aprender, mas se não tiver o *dom*, não aprende. Minha vó tentou ensinar para todo mundo, mas só eu e uma tia aprendemos. Eu tinha uma tia que depois de velha, ela recebia os guias e benzia. Ela fez muita benzeção. Eu não recebo os guias, mas eles estão perto, eles estão tudo ao redor. Quando eu estou benzendo eles já chegam. Eles só ficam perto. Quando chega uma pessoa aqui perturbada eu sinto, e tiro na benzeção a perturbação. Eu tenho visão, eu vejo as coisas, mas eu não gosto de falar que eu vejo, porque muitos não acreditam [...].

Eu benzo de longe também, pode estar lá em São Paulo se mandar o nome para mim, eu te benzo e Deus ajuda. Meu filho está lá com o menino ruim então ele me ligou. "*Mãe benze esse menino aqui, porque está ruim*". E falou o nome do menino sabe, a mãe estava no hospital. "*Mãe a senhora benze o menino para mim*", esqueci o nome do menino, falei "*está bom, pode deixar, ele vai ficar bom*". Benzi o menino. E aí pouco, no outro dia eu liguei para ele, depois de uns oito dias eu me lembrei de ligar para ele, e perguntei do menino, disse que tinha sarado. Eu já benzi criança que veio de São Paulo, desenganada dos médicos. Que veio de São José do Rio Preto, filho de farmacêutico. Já benzi criança de médico aqui. Essa criança que veio de São Paulo mesmo, a mãe era evangélica, chegou e perguntou se eu benzia, só que ela não acreditava, porque a criança dela estava em fase terminal, eu respondi "eu benzo", e benzi desse mal. Quando ela acabou os nove dias, porque são nove dias a benzeção desse mal, nove dias tem que ficar duas horas, com o óleo no corpo para depois lavar, dar banho. O dia que ela foi embora, você não falava que era a mesma criança, ela já tinha massa sabe?

Foto 3 - Catarina Alves Ferreira (77 anos)



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Meu nome é Catarina Alves Ferreira. Eu tenho setenta e cinco anos. Eu nasci em uma fazenda perto do Córrego Fundo, eles falavam fazendinha [...]. No tempo que eu nasci era do senhor A, e lá eu fui criada, naquele meio lá. Vivi lá até os doze anos, na fazenda do Córrego Fundo, das duas pontes. Meu pai era Alfredo Alves Ferreira e minha mãe Sebastiana Maria de Jesus. Nós éramos [...], minha mãe deu a luz a onze, mas que escaparam foi [...], nós éramos cinco, três mulheres e dois homens.

Então o meu pai trabalhava na roça mesmo, fazendo [...], roçando mato, plantando roça, trabalhando para o fazendeiro, fazendo acero, fazendo essas coisas [...]. Ele fazia todo tipo de serviço na fazenda, menos tirar leite, meu pai não fazia, só tirar leite que não. Então como se diz, era agregado e ele fazia tudo não é! Trabalhava por dia para poder nos manter, nos tratar, para nos criar. E nós fomos crescendo, não trabalhávamos porque fazer o quê!? Éramos criança [...], os meninos homens acompanhando meu pai e trabalhando. Os dois meninos homens trabalhando.

A escola nem se falava, e quando foi [...]. Quando os meninos foram crescendo, os mais velhos nunca estudaram. E como meu padrinho era o filho de seu B, do B, chamava J. B. A. M., ele me batizou. Quando eu estava com oito ou nove anos, não sei [...]. Ele foi lá e insistiu com meus pais e me colocou na escola, na fazenda do pai dele. O máximo que estudei foi um mês. O fazendeiro pagava o professor e colocava lá na fazenda, e lecionava para os

filhos do fazendeiro e os vizinhos. Eram os netos deles, conhecidos, os filhos de agregados, todos pagavam aquela comida, aquela pensão ali para eles. E nós ficávamos lá estudando. No final de semana, os pais buscavam para passar em casa. Era fazenda vizinha da que eu morava, era fazenda Córrego Fundo.

Era um professor, o senhor Jerônimo, mais do que eu não lembro. Já deve ter falecido, porque da época ele ficou só um mês, e por uma simples brincadeira o fazendeiro deu as contas para ele, porque ele brincou de namorar a moça mais velha do fazendeiro. E ele não gostou, e ele pegou e deu as contas para ele, e arranjou outro e nós tornamos voltar. Não teve nem vinte dias de aula, e o professor não ensinava as crianças, não ensinava nada [...]. Era o seu Augusto, era Augusto, mais do que também eu não sei. Então tivemos uns vinte dias e não fui mais, não me levaram mais. Tinha muitas crianças, muitas crianças. Aí ele arranjou outro lá, mas eu não fui mais e não participei mais. E minha irmã, e levaram minha irmã, e ela ficou lá uns tempos também, mas acabou tudo.

Ficávamos a semana toda na fazenda, estudava, lá comia, lá dormia [...]. Tratavam-nos muito bem, porque eles tinham muita fartura, a gente não sabia o que comer [...]. Os pais das crianças pagavam a pensão, que eles falavam, a comida. Agora eu não pagava, meu padrinho que era filhos deles que pagava, mas era muito bom, mas só que [...]. O professor que era bom, era o senhor Jerônimo, não o deixaram lecionar e ele foi embora, por essa brincadeira que ele fez. Ele era muito sistemático, era o inspetor da fazenda esse Homem. Era muito sistemático, as coisas tinha que ser certo com ele. Naquele tempo os professores iam para lá a cavalo, colocavam as malas, faziam aquelas malas em cima do cavalo. E lá ficavam. O dia de vir para a cidade, no final de semana, pegava o cavalinho deles e vinham. Não existia carro [...]. De jeito nenhum. O primeiro carro que andei (risos). Que eu entrei dentro, foi um caminhão velho do meu padrinho, que é o filho deles que comprou. Ele tinha negócios com a primeira eleição, não sei. Trouxe um povo aqui e eu quase morria de chorar e gritar nas estradas de medo. Para mim aqueles matos iriam vir tudo em cima do caminhão (risos). E eu chorava e gritava. Era uma moçada, irmãos dele que me seguravam e me agradavam, e viemos aqui e voltamos, mas eu quase morri de tanto medo, porque ninguém conhecia.

Não aprendi a ler e escrever. Esse mês que eu estive lá na escola, foi um mês que Graças a Deus, e meu padrinho que Deus [...], tenho fé em Deus que esteja na glória. Ele me colocou lá e eu aprendi a escrever o meu nome e a soletrar as coisas, se me entregar uma carta e deixar eu sozinha para lá, eu soletro ela (risos). Não precisa pensar que eu também vou ficar sem saber o que é [...]. Mas deixa-me sossegada, mas saber escrever e saber ler eu não sei, eu não tenho estudo.

Nós não viemos para cidade enquanto pequeno. Nós pegamos e ficamos lá e nós crescemos. E o papai adquiriu um gadinho e umas coisas lá. E ele pegou e vendeu aquilo tudo. Foi naquela época que os fazendeiros todos se invocaram de formar capim para ter gado. E nessa hora o papai já não podia criar. Na verdade, todos os agregados não podiam mais criar porcos, não podiam ter os gadinhos, porque já trouxeram o capim e os fazendeiros já não aceitavam mais. O papai então vendeu tudo. E pegou e comprou um sítio lá no Figueira, do J. A., um sitiozinho pequeno, ele e meu irmão. Então nós fomos para lá. E lá nós continuamos como agregados mesmo, casinha de capim. Meu pai o que tinha empregou lá, mas não podia trabalhar, não tinha dinheiro, tinha até uns pedaços lá, uma parte lá que era cultura mesmo, mas ele não podia fazer nada, não tinha dinheiro, não tinha mais nada, e foi indo, foi indo [...]. A primeira casa dele lá no sitio queimou, queimou todas as coisas.

Os meninos já estavam moços, uns já eram casados, e o filho desse primeiro patrão tinha matado o meu irmão. Então já tinha só um irmão homem e pequeno, o G que era pequeno. Eles pegaram e desgostaram com aquilo e venderam, e compraram uma casa aqui na cidade. Vieram embora, e meu pai pegou e como eu já tinha casado e tinha saído de casa. Mas antes disso, voltando no assunto de benzer, é porque eu desde a idade de onze (11) para doze (12) anos, parece que havia alguma coisa que me acompanhava [...], olha, se morresse uma pessoa eu não dormia, não podia nem ver, eu chorava dia e noite de tanto medo, bastava me contar. Isso desde quando eu tinha de onze para doze anos, e então foi multiplicando, foi multiplicando, e aquilo ali [...]. E essa coisa vinha era para me matar mesmo. Eu perdia o sentido. Aquela coisa vinha me dando choro, me dando medo, e eu ficava nervosa. Tinha dias que três, quatro homens não me seguravam. Eu era menina ficando mocinha, e vai, e vai e eles traziam no tempo de seu C e dona K, que é o pai do F que tinha um hotel lá. Então eles tinham um centro, aí precisava papai me pegar eu, trazer para cá com a mamãe e ficar uns dias recebendo passes para ir embora.

O centro era ali onde foi a santa casa lá em cima. Era ali a casinha deles, era ali. E vai, e vai, e vai e fui sofrendo, sofrendo e sofrendo. Então eu casei, mas não deu certo, não deu certo não, o primeiro marido me largou e foi embora, mas eu não fiquei com nenhum filho. Voltei para a casa do papai e depois passei um contrato com outro [...]. Passaram de papel passado para um ano e nós acabamos vivendo 12 anos juntos. No primeiro eu não tive nenhum filho. Eu era muito novinha, tinha apenas 15 anos quando me casei. E com pouco tempo nós separamos, sem mais nem menos. Então eu fiquei. Com esse outro, nós vivemos até Deus chamar ele, e dele eu tive oito filhos.

Então voltando no assunto do meu problema primeiro [...]. Então eu continuei sofrendo e sofrendo, até que me levaram no centro do C, da dona J e me disseram para eu desenvolver, mas tinha que beber aquelas pingas, tinha que fumar aquelas coisas lá, e eu não quis, eu não quis de jeito nenhum. E quando era para eu pegar a farda, eu disse: “*Eu não quero!*” *Eu não quero, porque eu não vou beber, eu não vou e fumar esse trem aí*”, e disse: “*eu não quero e não quero mesmo.*” E já era mulher, já era adulta e fui à igreja, ajoelhei, rezei e pedi a Deus que tirasse aquilo da minha cabeça e da cabeça do povo, porque eu não queria aquilo e não queria mesmo. E fiquei sofrendo e sofrendo, de vez em quando pegava, de vez em quando pegava, aí já pensava em suicidar e já era uma coisa e era outra. Eu desmaiava e caía, já ficava até quase 24 horas sem dar por mim, e foi indo [...]. Eu não percebia nada, por mim, podia [...]. Era como se eu tivesse dormindo, quando voltava, depois que bebia muita pinga, acordava e [...].

E pronto! E eu fui criando os filhos desse segundo marido. É que eu criei os filhos, criei oito filhos dele, morreu a menina e ficaram sete. Era aquela criança pequena, e ele morreu, morreu e eu arranjei outro, passado um ano e pouco, porque era muito filho para tratar e sem nada, nada e nada [...]. Eu não tinha nada, só a fé em Deus que eu tive. Então eu arranjei outro e foi me ajudando, fui criando [...]. Criei mais, criei mais uns filhos dos outros, morreu e escapou dois. E antes desse caçula que eu tenho, quando foi um dia eu saí, meu marido tinha saído, falou que ia não sei aonde, então falei “*eu vou*”. Eu tinha feito cesariana de outro, tinha perdido sangue, fizeram cesariana do menino, porque aquele menino eu nem vi [...]. Levaram para sepultar, batizaram o menino e eu nem o vi. Fiquei por morta lá na Santa Casa [...]. E sepultaram essa criança e eu vim embora, amarelinha [...], operada. E o marido falou que ia ver um serviço, de certo aquela coisa encostou-se a mim. E eu falei: “*você não vai*”, e ele respondeu: “*vou, eu tenho que trabalhar*”. Mas eu disse não vai, me falaram que eu saí atrás. Chegando ao córrego, ele viu que eu iria era cair, eu estava operada de pouco e ele me pegou nos braços e virou dois quarteirões de volta para casa. Então chegou uma de minhas filhas que estava esperando criança e já era casada.

É essa dali, esperando a primeira [...], a menina, a segunda menina dela. Trouxeram-me e de cá tinha a igrejinha do padrinho A, e eu morava de lá da baixada e eles de cá [...]. Olha, eu não passava nem na rua dessa igreja, porque eu não aguentava olhar lá, porque para mim aquilo era absurdo, ver aquele homem trabalhando lá. Era uma igrejinha, mas ele usava para benzer, era um centro espírita. Era naquela rua do J. G. Era de cá, perto do M. G. que eles falam, naquela rua, lá mora um filho dele ainda, seu A, velhinho já. Quem benzia era o A. Ele já morreu. A esposa dele, a dona M, madrinha M morreu também. E quando ele

chegou comigo, a menina minha filha que estava esperando neném, e as outras que eram moças, falaram: “*Nossa, vamos levar a mãe ali no seu A*”. E desceram a “baixadinha” e viraram e chegaram à igrejinha. Eu não vi nada e quando chegaram lá comigo, ele já veio me benzer e os guias já vieram e pediram o batismo, se chama “vó Joaninha” meu guia. Ele pediu o batismo, falou que se não batizasse aquele dia, o tanto que já havia cuidado de mim, não ia cuidar mais, não tinha mais como, eu tinha que ser desenvolvida.

Eu não vi, eles que contam, e disse que o padrinho A conversou ali e já eram duas horas da tarde, ele falou: “*amanhã duas horas da tarde, me tragam ela aqui, estejam ruim ou boa, tragam.*” Falou para eles. Se ele vier e pedir o batismo, eu vou batizar, porém hoje não [...]. Mas amanhã, nesse mesmo horário, se trouxerem ela aqui e ele descer do mesmo jeito, pedindo o batismo, nós vamos batizar o guia dela. No resto do dia ele se calou. Quando foi no outro dia, deu uma e meia fomos para lá, deram duas horas, nós estávamos lá, o guia baixou, mesma coisinha e eu não vi. Falaram-me que veio ele e dona M, que eu tenho que tratar eles de padrinhos. Eles vieram com uma toalha branquinha, um prato branquinho e com a água branquinha e colher com pouquinho de sal e uma vela. Disseram-me que me colocaram aquela toalha e me batizaram com o guia, a “vó Joaninha”. Ela é minha protetora e minha zeladora. Ela é tudo para mim, e daquele dia em diante, graças a Deus, aquelas coisas que me perseguiam acabaram. Eu não podia trabalhar, porque estava operada. Então ele falou para eu ir a todos os trabalhos. Eram duas vezes por semana. Ele disse: “*Em todos os trabalhos você vem, porém não pode trabalhar*”. Mas o guia queria trabalhar e ele doutrina, pois não podia.

Os trabalhos eram assim, todos se sentavam, eram todos sentadinhos, havia o altar, então todos se sentavam, todos que estavam ali, os que eram os médios e os que não eram, todos. Então ele se concentrava e fazia o benzimento, tudo quietinho e em silêncio. Era o A, ele era clarinho, até do olhinho azul, branquinho. Era só reza, mas chamavam os guias, e os guias vinham. Porque o guia ele vem como se diz, se tiver [...]. Se eu estou com vocês, estou aqui, estamos aqui conversando, mas se um desmaiar ali, ou qualquer coisa, o guia vem e eu já me levanto, já pulo, e faço o que for preciso aqui, mas só que eu nunca fiz trabalho à noite, de jeito nenhum e não frequento o outro forte. Porque esse meu, é mesa branca, e eles querem que eu seja da esquerda também, da umbanda e eu não quero, porque eu não quero beber e não quero fumar, não quero essas coisas.

Quando terminaram os três meses eu estava boa e sadia. Já indo lá direto, eu já gostei, eu tinha esquecido aquilo [...]. Porque eu não podia nem olhar para lá, de jeito nenhum. Os outros falavam, e eu falava, eu não vou, tenho medo e não vou de jeito nenhum, eu não vou

não. E foi onde me deu vida e me deu saúde e está me dando força, que eu venci e criei meus filhos e estou criando meus netos. O primeiro neto meu está ali na cama, é paraplégico, está ali dormindo, foi eu que o criei. Ele tinha dezessete para dezoito anos e foi para o Chapadão para trabalhar. E trabalhou lá dez anos, vinha apenas passear, tirar férias, mas se acidentou de moto e quebrou a espinha, parou a medula. Ele foi para Campo Grande como morto, me avisaram e fui, eu e meu filho e a neta [...]. E o filho ficou cuidando dele. Nós viemos embora e chegou aqui, ele trabalhava e outro estava desempregado, ele foi e o outro veio, e aí assim tem sido. Ele voltou para casa e já faz onze anos que ele está paraplégico na cama. Eles pegam e carregam-no e o colocam no carro. Adaptaram o carro e ele pode andar.

Eu é que cuido dele, porque eu o criei. Criei-o, e tem essa menina minha que está ali, ficou viúva aqui dentro de casa, porque foi casada [...], porque era casada mesmo, porque minhas cinco filhas saíram de casa vestidas de noiva e casadas. Criei todos com a fé em Deus, porque rica eu nunca fui, e nem aposentada eu não era. Fui me aposentar depois que casou a caçula, mas graças a Deus tenho cinco filhas, nenhuma, nenhuma me deu trabalho. Trabalhava e trabalhava de empregada, pode trabalhar em qualquer casa, elas não pegam uma agulha de ninguém e na maior pobreza. Se elas trouxessem uma roupa que a patroa dava, chegavam e falavam: "*Mãe dona fulana deu isso para mim*", "*é deus?*" Deu [...]. Se fosse uma roupa, serviu para vocês? Serviu. Então amanhã você veste e vai trabalhar, com essa roupa. Elas vestiam e iam. Olha, pode tomar conta de qualquer casa, minhas cinco filhas, que nenhuma pega uma agulha de ninguém, de jeito nenhum. Elas aprenderam a trabalhar, e casaram graças a Deus. Os maridos são pobres, mas nunca as deixaram ficar trabalhando de empregada.

Depois que eu comecei a ir lá no seu A, eu não benzia, de jeito nenhum. Lá, foi lá que eu comecei. Depois que eu desenvolvi, depois que o guia me batizou, nos três meses que eu não pude trabalhar eu ficava lá participando, assistindo, recebendo, mas ele não deixava o guia trabalhar. Então, quando venceu aquele prazo, eu chegava lá e já ia trabalhar. Ele dizia, "*olha, eu estou muito velho*". Naquele tempo, ele tinha a mesma idade que eu tenho agora, setenta e cinco anos ele tinha. "*Eu já vou parar de trabalhar, estou muito doente, vocês fazem um altar na casa de vocês e comecem a benzer*", e eu falei "*padrinho, mas que jeito, se a gente não sabe?*". Então ele falou "*vai benzendo que os guias vão ensinar*". Hoje eu benzo até ofendido de cobra. Eu benzo, não estou me gabando não, eu benzo. Também eu não coloco anúncio no rádio, chamando ninguém para benzer. Eu não esparramo boletim para ninguém. Eu só benzo quem vem a procura. Já tem [...]. Uns trinta e sete anos, que eu benzo, trinta e sete anos que eu benzo. Meu menino que tinha um aninho já vai fazer trinta e oito anos dia

quinze agora. E o neto que é mais velho dois meses e pouco, já fez dia primeiro de setembro trinta e oito. Então eles não tinham um aninho ainda, estavam completando um ano quando eu [...].

Eu comecei benzer em casa. Comecei a benzer parece que fraquinho, parece que vai indo, vai indo e de repente a coisa tomou de uma vez. A fé minha chegou e do povo que vem para benzer, é assim. E acabou aqueles problemas comigo, que eu sofria tanto, sofria desde menina, foi assim. Eu só desenvolvi benzer, pelo que eu passei. Mas agora a pobreza foi demais, coitadinho do papai, não tinha como fazer as coisas para nós. Essa cidade aqui, eu me lembro disso aqui, quando não tinha nenhum hospital ainda. Eu lembro, quem tratava aqui era tal de doutor Rocha e era na casa, dava uns remédios e não tinha um hospital de jeito nenhum. Pensão que tinha, era a pensão da dona Bitinha, e da dona Ana Paula, era só o que tinha, isso aqui tudo era mato.

Então eu comecei a praticar as práticas da benzeção no centro do seu A, praticando tudo ali. Mas depois eu comecei a trabalhar devagarzinho em casa, fiz meu altarzinho e comecei [...]. E então a coisa foi multiplicando, e o povo parece que foi acreditando, foram tendo fé, alguns certamente têm resultado, porque vão e voltam novamente. Já benzi criança aqui, que hoje eu benzo os filhos deles, neto deles, já aconteceu.

O altar é onde se coloca os santos ali, e é o lugar que se acende as velas [...]. Tem que ter, porque para benzer assim, só na mesa, só no centro (Alan Kardec). Lá não usa vela, não usa nada. Então lá é diferente, mas agora nós somos assim [...]. Se o altar for grande, pode colocar todos os santos que quiser. Agora eu não tenho como, porque não tenho salão. Não quis salão, não tenho, benzo no meu quarto, fechadinho daquele jeito, pequenininho lá [...]. Não tem como colocar um altar, porque se eu pudesse ter um salão, um altar, eu queria por imagens de todos os santos. Eu tenho muita fé, muita. No meu altar tem muitas imagens. Eu não contei quantas. O santo que eu rezo todo ano, já tem cinquenta [...]. Cinquenta e seis (56) anos que eu rezo, desde o primeiro ano que eu tenho em casa, é para São João Batista. Todo ano, dia vinte e quatro (24) de junho, as seis (06) horas aqui, está rezando o terço, onde eu morar, faço a fogueira e levanto o mastro. Mas devoção, Nossa Senhora de Aparecida e para mim são todos. Mas o que a gente não deixa de rezar de jeito nenhum é para São João Batista, é uma promessa que eu fiz. Em menina eu fui válida.

Têm vários tipos de benzeções. Para benzer de ofendido de cobra não depende de concentrar, a gente sabe as palavras que fala, reza e oferece para São Bento e São José, que são os que defendem das cobras e dos bichos maus [...]. Esse já é o benzimento mesmo. Eu benzo criança de vento virado, de quebrante, de espinhela caída, mal de simioto, alguns as

vezes até não conhecem. Eu tiro os bichinhos, pego o óleo de oliva, debruço eles no colo ou sento eles no colo, e vou fazendo as cruzinhas, falando as palavras, esfregando e os bichinhos vão apontando. Mas não pode arrancá-los, tem que pegar um aparelho de barbear, e tirar a cabecinha deles. Já tenho salvado [...]. Deus primeiramente, tem salvado muitas crianças, que estão entre a vida e a morte. Que dá uma diarréia neles, dá vômito, ficam magrinhos, sequinhos, e a gente vai tirando e sara.

Essa aqui é minha neta eu que criei, saiu daqui casada. Ela ficou igual a filhotinho de passarinho, ficou o coro e o osso. O mal de simioto estava matando. Graças a Deus que eu fui benzeno e tirando. Está aí, tem um casal de filhos. O menino tem treze anos, está maior que o pai dele. Para benzer de mal de simioto e nem para ofendido de cobra não precisa concentrar. Esse já é o benzimento [...]. Está benzido. A gente concentra quando vai lá benzer uma pessoa, e a pessoa às vezes tem algo que acompanha. Então só benzer não é o suficiente. Tem que concentrar para os guias virem e tirar. É desse jeito. Então os guias vêm, pegam e retiram aquele perturbador bravo que estava com a pessoa, como aconteceu comigo [...], que sai correndo no meio do mato e papai falava: “Nossa, quando essa menina chegar aqui os pés acabaram”. Nada, nada acontecia [...], pontas de toco assim e eu corria. Ninguém pegava, ninguém segurava [...]. Eram as coisas bravas que tirava eu.

Benzimento [...]. Eu benzo cobreiro, benzo impinge, benzo espinhela caída, benzo de mau jeito. Eu posso concentrar depois que eu faço o benzimento, para tirar algum mal, mas não precisa concentrar, dor de dente, dor de cabeça, as crianças [...], quebrante, vento virado. Criança cai a espinhela também, benzo de mal de simioto, tudo isso a gente benze. Então a gente benze a pessoa adulta, a gente não fala o quebrante, é o mau olhado, tem que benzer. Tira mau olhado também. Para benzer as crianças eu não concentro. Não, como eu disse! Eu não preciso concentrar, mas todo o benzimento que eu vou fazer, os guias estão ao lado, dando força não é [...], ensinando, curando. Eu sinto. É que me dá uma fé viva mesmo [...]. Eu sinto, apenas os sinto. Para cada benzeção tem as palavras. E depois a oração é uma só, o Pai Nosso com três Ave-Marias. Eu ofereço para aqueles santos [...], para Deus primeiramente, e depois para aqueles santos da fé, que é para aquela coisa [...]. Têm as palavras do benzimento, depois das palavras é que reza e oferece. Então é assim. Se for criança sempre eu rezo e oferece para São Cosme e Damião, o anjo da guarda, proteger aquela criança e ajudar.

O que mais tem é assim, têm pessoas que benzem, eles têm fé, eles vêm para buscar a caridade, a cura. Mas tem pessoas que vem para experimentar. Não tem fé em nada, não ligam para nada, então não ajuda a gente em nada, na força, na fé que a gente tem. É onde às vezes

até falam: “*não valeu, não sabe benzer.*” Mas também não ajudam em nada. Só eu pedir para todos, não adianta. Aquela pessoa que vem pedir, tem que ter a fé viva também. Fala: “*eu vou vir para senhora me benzer e eu quero sarar, eu tenho fé*”, então as coisas mudam. A fé interfere para melhor, para melhorar. Às vezes também, a pessoa não tem sorte assim para fazer o negócio, quer fazer um negócio, às vezes está atrapalhada a situação delas, é uma inveja, é um mau olhado, a gente vai benzendo, vai fazendo pedido para eles. Tudo malvadeza [...].

Esses insetos que dão na fazenda também. Aqueles bichinhos que comem o capim tudo. É todo ano quando é tempo disso, é direto os fazendeiros vindo aqui pedindo [...]. Eles gostam que vá lá para benzer, mas eu falo que não vou, porque se eu for pra um, vou ter que ir para todos e, eu tenho que ficar na minha casa, eu não tenho dinheiro para pagar nenhuma empregada pra fazer nada para mim. Sou eu sozinha, para fazer de tudo, porque eu tenho cinco filhas casadas, mas cada uma tem suas obrigações, já tem o marido, tem os filhos, tem os netos para cuidar, têm as obrigações da casa. Elas não podem vir fazer para mim. Só quando eu estou doente, em cima da cama, que elas deixam o serviço delas e vêm [...]. E então trazem os maridos, trazem os filhos para comer, já fazem as coisas aqui, é desse jeito. Porque elas não podem deixar, abandonar e vir. Então sou eu sozinha para fazer. E estou cuidando, de dois netos, um de onze e um de seis anos. Eu que crio, faz uns cinco anos e pouco, então eu tenho muito serviço, muito. Então eu trabalho e atendendo o povo. É o motivo que falei para eles. Eu não posso estar saindo para as fazendas, então eu benzo a água para eles levarem. Água branca, eu pego e vai fluir a água, a gente benze aquela água, chama água fluída. Então tira as estrelas do céu, os cordões [...]. Três cordões e peço para eles levarem e eles vão amarrando naqueles pastos onde estão os bichos. E deixa um canto vago. Tem muitos fazendeiros que podem provar isso e contar. Vai amarrando as orações e fazendo o cordãozinho. Então eles levam e amarram em três cantos e deixam um. E jogam aquela água. E daqui eu vou benzendo. Eles vêm e falam para mim: “*graças a Deus, que acabaram todos os bichos, graças a Deus que acabou*”.

Quando eles vêm pedir orações para os insetos, eles têm que falar o nome deles, o nome da fazenda e o local para eu ir benzendo. É como eu falo, eu benzo tudo, benzo tudo que precisar, não estou me gabando, não estou me gabando, é o que eu faço, e tenho feito e tem muita prova [...]. Muita prova. Eu não ensino, não tem como passar o que eu sei. Sabe por quê? Porque é muito difícil para mim, porque as pessoas, às vezes [...]. Eu não tenho estudo para escrever nada. Eu não sei escrever, então já é difícil ficar ensinando aquela pessoa a escrever [...], já toma o tempo e a pessoa também não se interessa por aquilo. O *dom* é da

pessoa. Tudo que eu sei lá no A, na igreja dele, eu só mesmo desenvolvi e pratiquei lá. Mas o que eu sei benzer não é ninguém lá que me ensinou. Veio de Deus e dos guias. Lá eu desenvolvi e pratiquei. A intuição vem na gente pelos guias. Então é os guias que me ensinam.

Nossa quando eu era menina que eu sofria, ou quando eu ia passando na rua, podia estar boa, e olhava lá e via-o trabalhando, a igreja cheia de gente e cortava volta de medo. São os guias, vão achar outras pessoas [...]. Outra pessoa igual a mim, que tinha que desenvolver [...]. Não queria, não queria, mas foi até que não teve recurso mais e, teve que desenvolver, e teve que trabalhar. Eu falo que eu sou católica, só que eu benzo (risos). Eu sou católica, porque eu não deixo de ter fé em meus santos e em minhas imagens de jeito nenhum. Eu vou à igreja, não todo domingo ou todo dia, porque é muito difícil. Eu não aguento mais andar a pé, e carro é a família tem, mas é para lá, não sou eu.

Vocês queriam saber de benzimento, benzimento é isso aí. Eu tenho minha fé. Não faço remédio. Bom, eu sei fazer chá para as crianças, mas eu não tempero remédio, eu não faço remédio para ninguém. Eu tenho muito medo, porque às vezes, uma pessoa pode beber o remédio e outra não pode, e eu ainda posso acabar matando uma pessoa. Às vezes, a gente ensina, isso é bom para isso e isso, mas eu não faço. O remédio eu sei como se faz, só que eu não faço.

Foto 4 - Creuza Maria de Souza Silva (62 anos)



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

O meu nome é Creuza Maria de Souza Silva. Tenho 62 anos no papel né. Vou fazer sessenta e dois (62), mais minha idade verdadeira é sessenta (60) anos. A coisa parece que os pais confundiam as datas. O nome da minha mãe é Jerônima Batista da Conceição e do meu pai Sebastião Rodrigo de Souza. Meu filho mais velho é Donizete Aparecido Damiao de Souza, do outro filho Antônio de Souza Ramos. Essa filha que está aqui, Cleide de Souza Ramos, e a outra filha, Neide de Souza Ramos.

Eu nasci em Aparecida de Minas (Minas Gerais). Fica perto de Frutal. Lá, é um Patrimônio (Distrito). Então até poucos dias, poucos meses, agora, eu estive lá, que lá mora meu irmão mais velho, daí eu fui lá fazer uma visita pra ele. O meu pai era carpinteiro. Ele vivia de fazenda em fazenda, ele pegava um serviço aqui, ele mudava para cá, ele pegava um serviço lá para o fundo de Mato Grosso, ele mudava pra lá. Então meu pai não tinha *paradeiro*. Mas sempre que acabava o serviço, o lugar dele era aqui em Paranaíba. Então, pegava serviço e saía pras fazendas. Ele fazia curral, fazia casa, ele fazia cerca, ele fazia de tudo, de carpinteiro ele fazia tudo.

Éramos doze (12) irmãos, sendo que dois morreu recém-nascido e dois morreu maiorzinho. Então nós ficamos em oito (8). Quando meus pais vieram pra cá, eles já tinham uns rapazinhos. A minha irmã que era mais velha do que eu, já estava mocinha. Eu, praticamente, vim pra cá com seis (6) anos e poucos. Eu sou quase das últimas dos filhos. Logo que a gente chegou aqui, nós fomos para a fazenda, e ficamos na fazenda até o meu pai fazer um serviço, aí depois voltamos pra cidade. Daí, ele pegava o serviço, nós mudava de novo, e foi assim a nossa vida. Agora escola, o meu pai não deu pra nós, para alguns dos filhos até teve, pouco tempo de estudos, mas teve escola. Tinha escolas, eu lembro, aqui não, na fazenda, nas fazendas, escolas de fazenda. Ele arrumava o serviço, a família ia junto, aí terminava, nós voltávamos. Às vezes tinha tempo que a minha mãe falava assim: “*vou matricular os meninos*”, ele falava: “*Não, não adianta, porque não vai ficar*”. Então foi assim que criamos. Nunca frequentei escola. Eu assino o nome, só. Não lembro das escolas da cidade, porque não frequentei nenhuma. Então eu não conheci escola aqui. Não ter frequentado a escola foi muito ruim, hoje me faz falta. A culpa foi do meu pai, mas não o culpo, eu sei que ele tinha que trabalhar para sustentar os filhos. Eles nunca fixaram residência aqui. Quando chegava, alugava uma casa. Quando saía, entregava aquela casa, voltava e alugava outra. Hoje eles já são falecidos.

Eles me falam de benzedeira (risos). Então você sabe que às vezes eu nunca na minha vida eu pensei que eu ia levar esse nome de benzedeira, e foi muito nova né, foi com vinte e um (21) anos. Eu não acreditava em benzeção. O meu pai era espírita, do Allan Kardec, mesa

branca, mas só que até então eu não acreditava em nada daquilo. Para mim, aquilo era uma versão à toa. Eu num levava nada a sério, e também meu pai nunca pegou na nossa mão e falou senta meu filho, ou minha filha, eu vou te ensinar um “Pai Nosso”. Não, meu pai nunca ensinou nada disso.

Ele fazia os trabalhos dele em casa. Ele trabalhava, e vou te falar uma coisa: ele *curava* muita gente, muita gente. A mãe ajudava, mas a minha mãe, ela nunca desenvolveu. Ela tinha muita fé, mas nunca ela deu conta de desenvolver. Meu pai trabalhava assim, ele tinha os espíritos, né. Ele fazia em casa, os filhos viam. Então, é assim, Allan Kardec, mesa branca, do meu conhecimento é essa. Você tem uma mesa montada, ou banca, cadeira... Então ali, vamos supor, eu vou desenvolver vocês. Então todo mundo vai sentar, nós vamos formar uma corrente, aí então vai chamar os espíritos. Eles vêm, eles te ensina remédio, eles te ensina tudo que é coisa que precisa. O meu pai que dirigia os trabalhos. Ele recebia os espíritos (os guias). Ele fazia leitura de Kardec. E aí ele recebia, por exemplo, às vezes benzia¹³ ou aplicava o passe¹⁴. Era todas quartas e sextas, sete horas da noite. A casa do meu pai, na fazenda, era cheia de gente. Lá, chegava gente desenganada, menino, e saía *curado*.

Os guias que meu pai recebia, davam o seus nomes. Eu me lembro dos nomes deles, porque hoje, hoje eu trabalho com eles, mas só que eu não faço trabalho. Você entendeu? Eu benzo. Então tem Oripe de [...], Dr. Bezerra de Menezes, José Alfaiate, José Francisco Ribeiro Neto, José Rodrigo de Oliveira, e tem mais, só que eu não guardo “na ideia”. Esses eram frequentes no trabalho do meu pai, ele recebia, então, mas mesmo assim, que eu cresci vendo aquilo, mas só que eu não acreditava, você entendeu? Ninguém, ninguém dos meus irmãos. Que das irmandades tudo, a única que virou benzedeira sou eu. Ninguém acreditava.

Ele não cobrava nada de ninguém. É que era assim, uma pessoa ia, levava um frango, outro levava um pedaço de porco, outro levava, sabe, outra coisa. Sempre ganhava as coisas. Então assim, eu acho que as pessoas ficavam tão agradecidas que levava as coisas pra ele. O meu pai chamava Sebastião Rodrigues de Souza. Ele era conhecido por Sebastião, mas depois que ele aposentou, ele não deu conta de ficar parado e pegou um carrinho de picolé pra vender na rua. Às vezes, vocês até conheceu ele. Ele tinha o modo de falar assim: “*Vai querer santinha, tá geladinho*”. Então puseram o apelido dele de “*Vai Querer*”. Mas ele mudou daqui, ele voltou para Aparecida de Minas, ele morreu lá. Fixando tanto aqui na cidade e lá em Minas novamente. Ele sempre fez esse trabalho, benzia, aplicava o passe. Ele não fala que

¹³ **Benzer** é o ato de rezar por uma pessoa, pedindo que dela se afastem todos os males ou mal específico que a esteja afligindo.

¹⁴ **Passe** é o ato de passar as mãos repetidas vezes por diante ou por cima de uma pessoa que se pretende magnetizar ou curar pela força mediúnica.

ele era benzedor, ele falava: *“Eu sou espírita”*. Agora já eu sou diferente, *“eu sou benzedeira”*.

Eu casei com quatorze (14) anos e sete (7) meses. Ele era lá de Minas, da região “do Prata”, mais morava na fazenda aqui próximo a Paranaíba. Fui morar nas fazendas também. Ele era carpinteiro também, fazia de tudo. Só que esse nós não tivemos sorte, nós vivemos dez (10) anos juntos. Tive esse filho só, o mais velho só e nós separamos. Depois de um ano separada, eu conheci um gaúcho, solteiro, no Chapadão. Eu morava lá. Ele propôs que ele criava meu filho. Aí eu falei *“vamos tentar a vida”*. E com esse gaúcho foi onde eu tive mais os três (3) filhos. Que uma dessa, é essa daí. E nós vivemos juntos, vinte (20) anos, aí Deus o levou, está com dezenove (19) anos. Ele se chamava João Batista Ramos, fiquei viúva dele também.

Meu primeiro marido me largou, me largou porque ele já tinha outra mulher, e eu fiquei grávida de dois meses. E essa mulher tinha uma filha que o povo falava que era filha dele. Aí ele disse que queria que eu criasse essa menina e eu não quis criar. Morávamos lá no Raimundo. Então eu não quis criar essa menina e quando eu falei que eu estava grávida, ele falou assim: *“Então você vai embora pra casa do seu pai, ou você vai jogar esse filho fora, porque eu não quero esse filho. Você lembra daquela menina? Que você não quis? Aquela menina, eu também não quero esse filho”*. Orgulho né? Aí eu fui e falei assim, eu não vou embora pra casa do meu pai pelo seguinte: *“O meu pai que me entregou para você, você não me pegou pra criar, e outra coisa, que meu pai não é obrigado a criar neto.”* Aí ele falou: *“Então você bebe remédio e joga ele fora.”* Eu falei: *“Não vou jogar que eu não roubei nada de ninguém. Ele não é roubado, então eu não preciso jogar ele fora. Você joga um objeto fora quando você o rouba, e não quer mais, aí você joga, mas eu não roubei, e eu não vou jogar”*. Aí ele foi e falou assim: *“Pois eu tenho fé em Deus que se esse filho for parecer com a minha família, você não vai precisar criar ele, ele há de nascer morto.”* Menino eu não vi quando eu bati meu joelho no chão, eu falei: *“Pois eu tenho fé em Deus e Nossa Senhora Aparecida que eu vou criar esse filho, nem que seja pra ser uma mostra pra você”*. Eu não deveria ter falado essa palavra, eu falei a palavra errada.

Aí, a minha cunhada, irmã dele, vendo que nós íamos se matar um ao outro, ela resolveu me tirar de casa. E foi quando eu fui embora para Chapadão, porque o meu pai morava lá. Só que eu não sabia nem em qual fazenda que meu pai morava, e aí você sabe o que eu fiz? Eu fui pra “Vaca Parida”, posei na “Vaca Parida”. Aí no outro dia eu vi que a mulher levantou e foi mexer naquela cozinha dela, eu já pulei em pé. E a minha cunhada tinha ido comigo, só que ela tinha dois (2) filhos. Aí eu cheguei e falei pra ela se ela não estava

precisando de empregada, porque eu estava precisando de emprego. Aí contei a situação, aí eu falei: “*Só que eu acho melhor se você empregar a minha cunhada, porque ela tem duas crianças*”. Aí ela foi e ficou com a minha cunhada. Mas assim, era pra eu ir à Laje, que lá estava precisando de uma empregada. E eu fui. Larguei a minha cunhada trabalhando e fui. Aí cheguei lá, arrumei emprego também. Aí fui trabalhar. E ficou assim, o menino da minha cunhada ficava comigo e a menina ficava com ela uma semana, aí nós trocava, a menina ia comigo e o menino ficava com ela.

Eu estava grávida de dois meses. Aí eu fui, assim, pegando informações do meu pai e mandando bilhete de um lugar para outro, sabe? Até que eu achei o meu irmão, e meu irmão foi lá e me buscou. Aí me levou pra casa do meu pai. Na casa do meu pai, eu tive esse menino. Aí o meu pai tinha mudado pra cá, eu vim morar aqui com ele, e o menino nasceu aqui. Não sei se você já ouviu falar do A, dono do Autopeças B? Ele era meu compadre, mas já morreu. Quando meu filho nasceu, a gente morava na chácara dele. E ele nasceu tão ruim que o compadre mais a comadre sua esposa, pra não o deixar morrer pagão, batizou ele em casa. Ele não mexia um nada do corpo dele. A própria madrinha ou padrinho batiza em casa, com água, sal e vela. Então ele não mexia com nada, ele deitava assim [...]. Ele nasceu, ele não mexia com nada, ele só chorava. Sabe? Então ele espichava as pernas assim e punha as mãos assim. A única coisa que ele mexia. Ele balançava os pés e mexia com as mãos. E aquele desespero tomou conta de mim que eu recaí, e aí como é que faz, como é que não faz? E eu não sei se era a falta de fé, mas meu pai já não deu conta de *curar* ele.

E aí corre eu para o médico, e vou pra Santa Fé e vou pra Santa Lucia, aqui era o Dr. Waldemar na época, de criança. Aí esse Dr. Waldemar pelejou, pelejou com esse menino, até que ele chegou pra mim, ele foi muito sincero e eu acho que muito corajoso. Que ele foi e falou assim: “*Cleuza, você pode levar seu menino pra morrer em casa*”. Assim, no pé da lata. Eu me desesperei, mas eu acho que Deus me segurou. Ele já ia para três (3) meses, mas não cresceu e nem engordou. Mamava no peito, mas aí o meu leite virou água, porque eu “recai”. Aí quando ele mamava na mamadeira 5g ele vomitava quase tudo pra trás. Ai tá [...]. Eu catei esse menino [...] Aí então [...] menino, eu saí de casa com esse menino, eu só joguei uma fralda em cima dele e eu pensava assim: “eu não quero ver ele morrer né, então eu tampava”.

Quando eu cheguei ali no hotel, como é que chama? Na Pensão Santo Reis, ali naquele mercado [...] antigo mercado do Kézio. Aí no que eu cheguei ali, tinha um patrão do meu irmão na calçada, ele chamava O. Ele falou: “*Oi, Cleuza, como é que você tá?*” Como é que eu estava? Eu estava chorando. Aí mas ele viu, aí ele falou “*Me deixa ver seu neném*”. Aí eu destampeei, ele olhou, aí ele falou: “*Menina, mas o que aconteceu? Por que você está*

chorando?” Eu contei, aí ele falou: *“Não, minha filha, tenha fé em Deus, que Deus vai te iluminar”*. Eu despedi do homem e saí. Aí, no meio da rua, aquele desespero, eu fiz uma promessa para Nossa Senhora Aparecida. Se Nossa Senhora Aparecida me mandasse uma pessoa em casa que desse um remédio pra curar meu filho, o dia que ele fizesse um ano eu rezava um terço, vestia ele de branco, dava uma mesa para nove (9) inocentes, um almoço e tirava uma fotografia ajoelhada aos pés do altar com ele, eu tenho essa fotografia. Você não acredita que eu cheguei em casa, e a pessoa estava esperando. Mas justo um casal de espírita (risos). E o homem é irmão da minha mãe.

Esse casal estava em casa esperando, porque o filho deles veio em casa e viu a situação e chegou lá e falou assim: *“Pai é preciso de vocês irem lá, ver o neném da Cleuza, eu acho que ele vai morrer.”* E deu certinho, porque eles ganhou um neném um mês depois dele. Punha junto com o meu, dava quase dois o neném deles. E aí eles foram lá pra ver. Aí a minha mãe escutou ele chorando e foi e falou assim pra minha tia: *“a Cleuza está vindo, olha o neném chorando”*, e minha tia foi me topa na cerca. Nós morávamos na chácara do compadre A, do autopeças. Aí ela foi ao meu encontro, e eu era madrinha de uma menina dela, e ela foi e falou assim: *“Mais o que é isso, comadre Cleuza?”* E eu falei: *“a tia eu não sei, a senhora entra no meu quarto é uma verdadeira farmácia, só que até hoje nada adiantou.”* Ela pegou esse menino e foi para dentro. Chegou lá, o meu tio pegou esse menino, e anda, e anda [...]. Esse menino em grito, grito, grito [...], ele chorava noite e dia. Quando eu não estava com ele no braço, a minha mãe estava. Aí a minha tia pegou de novo, pegou e entrou com ele para o quarto. Quando ela veio de lá, ela veio com ele dormindo. E eu fiz maior pouco caso, sabe? E aí o meu pai tinha feito uma redinha de ripa, pra por ele na área, pra dar tempo de fazer alguma coisa. Aí ela chegou e falou assim: *“aonde que eu vou deitar o neném? Ele dormiu.”* Aí eu falei: *“pode por ele na rede, ele não dorme não.”* E aí, é que eu me enganei. Isso era média de umas três (3) e meia da tarde, e esse menino dormiu, dormiu mesmo. Olha, daquela hora eu lavei as roupas que eu tinha ficado no hospital com ele, eu lavei vasilha que estava suja, eu limpei casa, eu fiz janta, todo mundo tomou banho, todo mundo jantou, eu fui arrumar a cozinha da janta, que eu pensei: *“Agora ele está dormindo eu posso trabalhar, e a hora que ele acordar?”* Menino, e nós ficamos naquela área até onze (11) horas da noite. E o casal lá. Aí, arrumamos as camas tudo. Eu peguei ele, levei ele para o quarto, dormindo, sabe que horas que ele acordou? Quatro (4) horas da manhã, quer dizer, praticamente ele dormiu doze (12) horas. Aí ele acordou e eu o troquei. Aí meus peitos já estavam cheios, e eu já dei mamá pra ele e ele dormiu de novo. Aí tá, eu levantei, fui à cozinha, fiz café, todo mundo levantou e nada desse menino acordar.

Na casa estava o meu pai, a minha mãe, o meu tio e minha tia e o meu irmão. Aí esse menino não acordava. Fui limpar a casa, quando eu terminei tudo, eu fui lá para o quarto. Menino, eu coloquei aquele menino na cama, eu desembrulhava ele, embrulhava de novo, tornava a desembrulhar e nada, aquele menino não acordava. O desespero tomou conta de mim de novo. E eu cheguei para minha mãe e falei: *“O mamãe o neném vai morrer.”* Ela falou: *“Por que menina?”* Eu falei: *“Ele não acorda, ele não chora mais, que ele vivia chorando noite e dia, agora ele não chora mais, ele vai morrer.”* E a minha mãe falava: *“Larga de bobeira menina, é porque o menino melhorou.”* Eu falei: *“Melhorou desse jeito, mamãe? Que nem chorar ele chora mais, ele vai é morrer mesmo”. Você sabe quando uma pessoa está doente e entra em coma? Eu falei assim: “Eu nunca vi, mais eu já ouvi falar”. Ela falou: “Então ele está desse jeito”. Eu falei: “Então, se entrou em coma é porque vai morrer”. Ela falou: “Não vai menina, ele não vai morrer. Você lembra que a sua tia pegou ele, benzeu ele, e ele dormiu?”* Eu falava: *“Pois é, ela benzeu, ele dormiu e agora não acorda mais. Então agora ele vai morrer.”* Ela falou assim: *“Oh, você vai pedir ao seu tio e sua tia pra fazer um trabalho aqui, ele vai ensinar um remédio pra curar esse menino.”* Eu falei assim: *“Será que ele não vai acabar de morrer?”* Você imagina a fé que eu tinha. Dá para você ver que eu não tinha fé em nada. Em nada dessas coisas eu não tinha fé. A minha fé era Deus e Deus, e Nossa Senhora Aparecida. Mas então, como eu obedecia muito a minha mãe, eu fui e chamei meu tio e minha tia. Que tinha “posado” em casa e estava lá.

Eu fui e falei assim: *“O tio, o senhor mais a tia não pode fazer um trabalho, pra ensinar um remédio, às vezes curar o neném.”* Na hora eles propuseram, aí é que vem a coisa, porque tinha uma história do meu marido que eu nunca tinha contado nem pra minha mãe, foi essa praga que ele jogou nele, eu não tinha contado. Ninguém sabia daquela história só eu. Aí tá, vamos fazer os trabalhos. Reunimos na beira da mesa, de dia, o guia baixou na minha tia. A mamãe foi e falou: *“Leva o neném lá”*, eu levei ele, deitadinho aqui (dormindo). Quando o guia levou a mão por cima da cabeça dele, ele não colocou a mão, porque a realidade é essa, o benzedor não precisa de passar a mão, sei lá o que ele faz (Risos). A primeira coisa que o guia falou pra mim: *“Fia, essa criança num era para viver no mundo, com tanta praga do pai dele e da vó, mas como tem Deus no céu e você tem uma fé viva com Deus, você vai criar seu filho pra ser uma amostra pra família, e nós, minha filha, vamos te ajudar a carregar a sua cruz, porque a sua cruz é muito pesada e a partir de hoje, você é uma benzedeira”*. Eu falei: *“eu não quero, eu não sei como é que mexe com isso, eu não sei fazer nada, e eu não quero”*. Ele pegou e falou assim: *“Pois é, minha filha, nós vamos te ajudar a curar seu filho. Ele vai ficar bom, mas você não esquece, que você vai criar ele pra ser uma amostra para a família. Mas*

só que a partir de hoje você é uma benzedeira!” E ensinou um remédio tão simples, essa injeção não vem mais, foi só uma injeção e o vinagre Castelo, era para fazer uma massagem na coluna, desde a nuca até o calcanhar. *"Mas não esquece, você é uma benzedeira!"*

Não falaram mais nada, só falou assim: *"Nós vamos te ajudar, você vai criar ele para ser uma amostra pra família, que todo momento que a família dele se lembra de você, eles só lembram com maldade"*. O papai já desceu na cidade, já comprou essa injeção e já comprou esse vinagre e nós começamos. Você não acredita que quando foi no outro dia esse menino mexia de um tudo com o corpo dele. Pronto: eu virei benzedeira, mas só que eu não queria assumir, eu não queria assumir. Eu tinha 21 anos, eu tinha medo de assumir, porque benzedeira leva tudo que é nome, benzedor é macumbeiro, benzedor é feiticeiro, amarra os outros, sabe? Então eu não queria porque eu pensava gente eu sou uma mulher nova, sozinha, todo mundo vai pensar que eu virei benzedeira para amarrar os homens. Era isso que eu pensava, mas você acha que eu pensava errado? Eu não pensava errado não. Então [...]. Eu não queria assumir benzedeira. Mas só que aí virou uma coisa custosa, se você viesse não sei da onde, chegasse e falasse assim: *"Creuza, mas olha, menino do fulano está ruim, está acontecendo isso e isso"*. Eu pegava e falava: *"Não, você vai embora, chega lá se dá esse chá assim e assim."* O menino sarava. Ah, uma mulher lá, a mulher está muito ruim. E eu falava: *"oh, você faz isso e isso"*. E a mulher sarava.

E assim eu fui levando, sabe por quantos anos, sem ser benzedeira? Por treze anos. Mas só que era assim, eu falava: *"faz isso [...]" e sarava*. Agora eu sei lá quem falava, mas eu falava né. (RISOS) Até que um dia, *"por isso que eu falo assim para você, tudo que tem que ser um dia é, não adianta"*. O resultado, Deus me *"atestou"* um teste rapaz, muito doido, foi [...] muito. Eu peço para Deus não me mostrar outra coisa daquela. Tinha uma mulher que era a mesma coisa que filha dentro de casa, ela e o marido, eles iam para minha casa na fazenda e ficavam a semana inteira. E aquela mulher engravidou, e o marido dela muito ignorante, e o marido dela falava assim: *"A dona Cleuza que vai ser a parteira"*, eu falava: *"Eu não mexo com isso não"*. Quando foi um dia, eu vim aqui na Paranaíba e passei na casa da mulher, ela tinha ganhado neném.

Cheguei em casa e falei para meus meninos e para meu marido: *"A L ganhou neném."* Nossa esses menino endoidou: *"não, mãe leva nós lá pra ver o neném da L"*. Aí leva e leva, eu falei: *"Ah, eu vou conversar com seu pai, se seu pai não achar ruim, sábado nós vai, pega carona com o leiteiro e vai"*. E eu fui com esses meninos. Quando eu cheguei à porta da casa, o homem já veio de mão posta para mim. O homem falou assim: *"É Deus que mandou a senhora aqui hoje"*. Eu falei *"meu Deus, bati na porta errada"*, eu pensei né. Eu só coloquei a

mão assim, e falei: *“Mas que isso menino? O que está acontecendo?”* Ele falou *“Dona Cleuza, o meu neném vai morrer [...] vai lá pra senhora ver”*. No que eu cheguei lá, estava o menino numa situação [...] e a mãe ruim. Então estava a mãe e filho e o marido desnorteado, que não sabia o que fazer. No que eu olhei para aquela criança, eu falei: *“Meu Deus, só Deus para por a mão”*. Então aquele menino, onde você colocasse a mão nele, qualquer lugar, arrancava a pele dele, ficava na carne viva. Então isso não foi uma amostra que Deus me deu? Que eu nunca tinha visto falar um trem daquele, e graças a Deus nunca mais ouvi também. E aquele menino de tanto chorar, ele tinha rendido o saquinho, que batia no joelho dele. E a mulher recaída e ruim demais da conta. Eu só coloquei a mão assim e falei: *“Meu Deus que me vala, o que eu vim fazer aqui?”*. Na hora me veio uma ideia, deu mornar uma água, e por numa bacia e por aquele menino dentro. Mas agora que jeito que você dava banho naquele menino, que você esfregava? Não tinha jeito, arrancava o couro tudo. Ele estava com uns doze dias (12), já tinha caído o umbigo. Ai tá, eu peguei, mornei aquela água, eu fui e forrei duas fraldas na cama e levei aquele menino na água, fiz o nome do pai com ele na água. Então eu o colocava assim, eu jogava água na cabeça, mas sem relar em nada. Você acredita que eu tirei aquele menino dali e ele dormiu na hora? Eu só peguei uma flanela e joguei em cima daquele menino. Aí eu fui fazer remédio para mãe recaída.

A recaída é uma mulher que ganha neném, ela não pode ficar nervosa, ela não pode levar susto, então recai. O que acontece, a maioria, hoje até não está tanto assim não, mas de primeiro era, até na Lagoa Santa (GO) tem uma mulher louca por causa disso. O sangue ao invés de descer a menstruação, sobe para cabeça, para de menstruar. Então quando não mata, fica louca, é assim. Tem remédio, remédio caseiro, é ramo [...]. No momento eu não lembro o nome dos ramos. Ela estava recaída e eu fui fazer remédio. Fiz o remédio, tirei a medida do “saquinho” daquele neném e fui fazer “simpatia”. O marido da mulher chegou lá e falou: *“Dona Cleuza, a senhora não vai falar que vai embora amanhã?”* Porque eles estavam com medo do menino morrer só com eles. Eu falei: *“Não, mas eu tenho que ir embora”*. Ele: *“Ah, mas o seu João não vai ficar bravo com a senhora, porque a hora que a senhora contar por quê.”* Eu falei: *“Mas não é que ele vai ficar bravo, é que vai dar cuidado”*. *“Não, mas amanhã a senhora não vai embora”*. E parece que meus guias próprios falaram: *“não vai”*. No outro dia eu tornei fazer outro banho daquele no menino, só de água morna, mas aí eu pedia aos meus protegidos que pusesse o remédio [...].

Quando foi na segunda-feira, ele foi me levar na rodoviária, eu peguei e falei para ele assim: *“Sexta feira eu quero a sua mulher e o seu menino lá em casa”*. E fui embora, peguei o leiteiro de volta, vim embora. Cheguei em casa e falei para o meu marido, falei: *“João do céu,*

eu falo para você assim, eu não sei o que eu fui fazer lá na L, porque o menino deles vai morrer". Ele falou: *"Mas que é isso?"* Eu falei: *"Eu não vim embora ontem por isso"*. *"O que está acontecendo?"* *"Isso, isso e isso [...]"* Ele falou: *"Mas gente, será?"* Eu falei: *"Oh, João, só Deus. Eu coloquei nas mãos de Deus, Deus proverá."* E o menino sarou. Aí é que veio o nome da benzedeira, ninguém mais segurava, ninguém mais segurou a benzedeira. Que aí um falava d, mas quem curou o seu menino? *"A Dona Creusa!"* D, mas quem curou seu menino? *"A Dona Creusa!"* Quando foi na outra semana, em casa estava chovendo de carro. (Risos) Então, hoje eu falo: *"Gente que erro que eu fiz? Porque se Deus me deu esse dom é porque as pessoas precisam dele."*

Depois disso, eu comecei a benzer aqui mesmo, mas depois eu não quis ser benzedeira. Porque eu não queria assumir o papel de benzedeira, porque eu achava que eu não dava certo, eu não sabia benzer, eu não sabia como que fazia. Então eu fiquei naquela assim, eu ensinava um remédio, uma pessoa chegava e falava: *"Creusa, mas o neném do fulano está doente, mas aquele neném está ruim."* Eu falava: *"Nada, chega lá se faz aquele remédio assim e assim."* E aquele neném sarava. Aí de repente vinha um e falava assim: *"Você está sabendo que a Maria esta quase morta?"* Eu não sabia, dizia: *"Não, não eu não sei. Mas faz esse remédio assim e assim que ela sara, e a mulher sarava"*. E assim eu vivi treze (13) anos desse jeito, mas eu não queria que as pessoas soubessem que eu era benzedeira.

Quando eu receitava um remédio, um chá, eu não sei de onde vinha, porque aquilo já caía na minha cabeça, aquela coisa, aquela receita. Mas na verdade é que eu não benzia, mas de repente parece que vinha aquela coisa assim, que eu tinha benzido aquela pessoa. Então caía o nome de remédio do mato, ramo e às vezes tinha hora que era remédio de farmácia, caía de tudo. De tudo, de tudo cai, mas a maioria é remédio caseiro, planta, ramo, a maioria. Mas só que eu falo assim, aqui eu tenho uma vizinha, hoje ela não conversa muito comigo mais, mas assim que eu mudei pra cá, essa vizinha começou a ficar doente, doente, [...]. Quando foi um dia, ela chegou aqui quase caindo, não dava conta de andar, as perninhas dela estava fininha, os bracinhos, mas a barriga estava enorme. Ela chegou para mim e falou assim: *"A Dona Cleuza, eu queria que a senhora me benzesse, eu já não estou mais nem dando conta de vim aqui na casa da senhora mais."* Eu falei *"então vamos ver o que Deus manda"*. A mulher estava com barriga d'água, sarou!

A barriga d'água é a barriga que cresce, então se você ir para o médico, eles vão tirar a água da sua barriga. Igual quando se machuca o joelho e cria água, então os médicos tiram a água, mesma coisa é a barriga d'água, mas ela graças a Deus não precisou ir ao médico e sarou, está boa. Aí, de repente, passou muitos anos, veio uma irmã dela de Tocantins e ela me

contou, ela falou: “Dona Cleuza, eu tenho uma irmã que mora em Tocantins e ela está aqui para tratar, porque lá os médicos não achou doença nela”. Eu falei: “*Nossa então decerto é muito grave, né*”. Ela falou assim: “*É nós não sabemos, ela está indo nos médicos aqui para fazer exames e ver o que os médicos acham*”. De repente, os médicos também não achou nada. Aí vieram aqui. Menino, sei lá, eu não gosto de falar isso não, porque é uma palavra muito pesada, muito dolorida, mas a verdade era essa, a mulher estava era “macumbada”. Porque a hora que a mulher sentou lá na cozinha, as duas, tinha uma sobrinha minha aqui também aquele dia. Eu nunca tinha visto um trem daquele jeito, veio dois sapinhos pequenininhos e pulou em cima da porta, os dois juntinhos. Todo mundo que estava ali viu. Não era bem sapo, era “formatura” de sapo. E minha sobrinha, é desenvolvida, mas aí o bicho pegou né. Mas também graças a Deus essa mulher saiu *curada* de dentro da minha cozinha. Foi embora para Tocantins, ela ligou umas três vezes para irmã dela: “Fala para Dona Creusa que eu sarei, que eu estou bem, estou torrando farinha na fazenda”. Então quer dizer, isso daí é uma graça que vem de Deus e que você às vezes não tem muita explicação.

É Deus quem cura, eu não, eu não curo ninguém. Eu falo para você assim: “*Eu quero ser o menor grão de areia que você pisa em cima*”. Porque sem Deus eu não sou ninguém, eu sou como qualquer outra pessoa. Então, eu nunca falo assim “*oh, eu curei o fulano*”, eu falo assim: “*Através de mim, Deus curou, porque eu não sei curar ninguém, só Deus.*” *Eu benzo de tudo, de tudo. Olha, às vezes tem coisa que com uma oração só você faz tudo. Mas é onde que eu falo, vem de Deus, porque os espíritos de luz é que dão o remédio. É onde que eu falo, eu não sou ninguém, eu não sou nada.* Por tanto que eu falo assim: “*Benzedor ou benzedeira que cobram pela benzeção é muita ignorância da parte deles, porque ninguém cura ninguém se Deus não quiser. E se curou é porque Deus abençoou, então quem deveria ganhar dinheiro era Deus. Ele não pediu dinheiro para curar ninguém, porque eu vou pedir?*” *Eu não posso!*

Há muitos anos atrás, eu ainda morava na fazenda. Meu compadre tinha um vizinho, e esse vizinho era muito ignorante, e ele caiu na raiz de uma mangueira, pegando um porco, e ele machucou o ombro. Então como ele não acreditava em nada, mas o meu compadre com dó dele, foi e falou assim: “*Vamos à comadre Cleuza, quem sabe ela não te ensina um remédio que melhora*”. Aí foram os dois. Chegou lá, os dois sentaram, e meu compadre falou: “*Comadre eu vim trazer esse homem para a senhora benzer*”. *Do quê? Ninguém falou [...]. Aí eu fui e pensei “Vou sentar perto desse homem, que eu vou saber o que ele tem”*. Eu nunca tinha visto aquele homem. Aí sentei de “parelha” com ele e pedi para Deus me mostrar o que aquele homem tinha. Parece que eu senti que ele estava experimentando de ver o que eu sabia.

Eu sentei perto dele e falei para ele assim: “*O senhor caiu?*” Ele falou “caí”. Aí eu falei: “*Parece que o senhor caiu em cima de uma raiz e machucou o ombro?*” Aí ele falou: “*Foi*”. Aí eu falei para ele: “*E o seu braço está longe do seu ombro desse tanto, você vai no médico, porque parece mesmo que você não acredita mesmo em benzeção, então você vai no médico e bate um Raio-x, que aí você vai confirmar o que eu estou tefalando*”. Aí foi onde ele falou: “*Eu já fui e está do jeito que a senhora está falando.*” Aí, foi quando eu falei para ele: “*Você tem o braço pesado, então eu vou te aconselhar assim, eu vou costurar e você vai por uma faixa no pescoço e vai por o braço em cima pra ele não ficar pendurado, porque se ficar pendurado vai ser difícil de colar de novo*”. Aí ele falou: “*Não, eu não vou por não, eu já fui ao médico e ele me mandou pôr e eu não vou por não*”. Eu falei, “*bom então é por pura ignorância sua*”. Aí ele falou: “*E quantas vezes eu tenho que voltar aqui*”. Eu falei: “*Quantas você quiser, porque se você vier aqui todo dia, eu vou te benzer todo dia, só que eu não vou garantir que você vai sarar, você não quer fazer o que a gente pede, então eu também não posso garantir a cura*”. Esse homem era desaforado, ele foi nove (09) dias e nove dias eu benzi o homem. Quando foi no final ele falou assim para mim: “*Quanto que é o seu trabalho?*”. Eu falei: “*Eu não cobro*”. Ele disse: “*Você está vendo o quanto você é boba?*” Aí eu falei: “*Posso até ser, mas eu não cobro*”. Ele falou assim: “*E você já pensou que é da onde que você tem que tirar dinheiro, é daí. Se você ficar doente com o que é que você vai tratar? Você vai morrer a “mingua”.*” Ele era cruel. E eu disse: “*Não, eu não vou morrer à mingua, Deus não vai me deixar*”. “*Vou te contar que está com tanto dias que eu operei do estômago, da vesícula, da úlcera, e você sabe o quanto que eu gastei? Eu gastei pagando uma injeção, o resto eu ganhei tudo de graça*”. Aí ele calou. Ele foi lá em casa e levou uma leitoa para mim. Nunca mais eu vi esse homem.

As coisas vêm de repente, não é que eu estava te esperando e você chegou, não, é agora, é já. Ontem veio um homem da fazenda, está ali no meu altar. Ele tinha feito uma promessa para São Jorge, não sei para que foi, mas ele fez essa promessa de por um São Jorge num altar, numa mesa. Então quando foi ontem, eu estava aqui num aperto e chega gente, e sai gente, e chega gente, e tinha uma amiga minha que vinha almoçar comigo, então eu estou naquele corre-corre, de repente chega esse homem, com a mulher dele e uma filha. Ele chegou, sentou, e eu saí, e falei: “*E aí cara, vocês vieram para fazer almoço para mim?*” A mulher dele já começou a rir, e disse “*Não Dona Creusa, eu estou é “caçando” almoço fora*”. Ele só fez assim para mim, levantou do banco e me levou lá no carro. Eu fui, ele falou assim: “*Dona Creuza, hoje eu trouxe o São Jorge. Eu ia comprar um para trazer, mas eu pensei assim o problema está é lá em casa, então eu tenho que trazer o lá de casa*”. Aí ele foi e tirou o São

Jorge de dentro do carro e me entregou. Mas junto com aquele São Jorge veio um rosário arrebitado. Eu pensei que alguma coisa vai acontecer. Ele veio, nós entramos para dentro, eu fui e chamei eles para entrar, e eu pedindo a licença de São Sebastião, porque o altar é de São Sebastião e Nossa Senhora Aparecida, para por o São Jorge que ele tinha prometido. Foi do nada que o bicho pegou, e aquele rosário arrebitado, que estava na minha mão todo abertinho, eu já taquei aquilo lá no chão, eu não né, tacou aquilo lá para o chão e bateu lá e voltou cá. E também aquele trem foi embora. No que eu fui catar aquele rosário, aquilo estava todinho cheio de nó. Eu catei do chão e fiz pra ele assim “*Olha aqui, olha*”, a mulher dele já falou, “Credo Dona Cleuza, é por isso que o D anda doente então”, eu fui e falei assim: “*Eu vou deixar ele aqui, ele vai se soltar, eles vão desmanchar isso aí*”. Eu coloquei lá no altar e pedi que eu queria que desmanchasse tudo aquilo. Quando eu voltei no altar já estava soltinho de novo. Então é mistério, você não sabe o que um espírito é capaz de fazer. Depende da hora e da vontade de Deus, e da hora que ele manda. Tem a hora, nada acontece sem a hora certa. É a mesma coisa de uma pessoa morrer, mas “*Nossa morreu tão cedo, novo, o que foi?*” É por que era a hora dele.

Ali naquela ultima casa ali, está com vinte dias, mataram uma mulher ali na rua. Ela morava naquela casa. Uma mulher nova, bonita, eu já estava até deitada, não era tarde, era umas oito e pouco, mas eu falei para o Donizete que eu estava cansada, fui tomar banho e deitar. Tomei banho, deitei. Quando eu comecei a dormir, só escutei os tiros, uns cinco tiros, e aqui nessa rua virou uma gritaria, um tumulto de gente, eu acordei assustada. “*O que é isso Donizete?*” “*Mãe, é tiro!*” Eu saí aqui, a mulher já tinha morrido. Então isso não é a vontade de Deus, isso é a vontade do trem lá do outro lado. Isso aí não é a vontade de Deus. E outra coisa, não vai você pensar assim “*Ah, eu desgostei da vida, eu vou me matar, me enforcar, vou beber veneno, cortar meu pescoço.*” Que isso é dá vontade de Deus, que não é. E outra coisa se você morreu daquela situação, você não ganha salvação, não ganha. Enquanto não fazer aquele determinado tempo que tinha que você tinha que viver aqui na terra você não ganha salvação. Então a benção é um mistério, que eu que sou benzedeira, mas às vezes nem eu mesma não sei explicar. É coisa de momento, do agora. É como se estivéssemos conversando agora e chega uma pessoa doente ali: “*Dona Cleuza, eu vim trazer para senhora benzer*”. E daqui a pessoa sai *curada*, como já aconteceu. Se a pessoa chegar aqui quase carregada e sair andando. Então eu não estava esperando aquilo. Eu não sabia que aquilo ia acontecer, então aquilo foi por Deus. Foi mandado aqui, foi por Deus, saiu *curado* daqui, foi por Deus, eu só fui um instrumento. É como eu falo, eu só sei pedir e agradecer. Então não é que eu vou falar que a pessoa vem aqui e eu vou *curar*, não, eu não posso falar, porque está só

na vontade de Deus. Às vezes, ele vem aqui e não há de ser curado. Então, a mesma coisa as pessoas de câncer, chega até a mim com câncer. Daqui já saiu cinco pessoas *curada* de câncer. Só que eu não gosto que esparrama, porque senão vira um tumulto.

Tem um rapaz que até virou compadre meu, por isso que eu falo pra você. Eu não conhecia esse rapaz, ele nem aqui estava, eu não sei em qual cidade que ele estava tratando disso daí. A mãe dele chegou em casa chorando e falou pra mim: “*Comadre Cleuza, benze o V, ele está entre a vida e a morte, ele não conhece mais ninguém, está pôr morto*”. Dizem que eu peguei um copo de água e três folhas de ramo, e eu benzi aquela água e coloquei as três folhas dentro daquele copo, e eu falei assim: “*A vida do seu filho está nessas três folhas, se essas folhas viver, seu filho vai viver, se essas folhas morrer, seu filho vai morrer*”. “E dentro de três dias você vai ver o resultado.” Eu acho que aquela mulher quase ficou louca né? Ela ia lá em casa todo dia para ver aquelas folhas. Quando foi o terceiro dia, ela chegou e eu tirei as folhas do copo, uma folha tinha morrido, duas estavam vivas. Quer dizer, morreu a doença. E ele estava vivo até hoje trabalhando. Quer dizer, duas que viveu, um era eu e a outra era ele. Eu que estava fazendo e ele. E a folha que morreu foi a doença, que nunca mais graças a Deus, e já tem mais de dez anos isso, ele está trabalhando. Então, é o que eu falo, não é por mim, a minha vontade, porque se fosse em mim, eu falo que eu ia sair “caçando” tudo que é doente para *curar*, mas infelizmente eu não posso fazer isso também. Eles têm que vir até a mim. Não sou eu que vou até a eles. Eu posso ir fazer uma visita, fazer uma visita para um doente, mas não que eu vou dizer que eu vou te benzer e vou te curar.

A minha religião verdadeira é espírita, mesa branca. Mas, no entanto eu sou qualquer coisa, depende da hora (risos). Eu me entendo como espírita, eu me entendo como espírita por isso, é porque eu acho que as coisas não vêm por acaso, e o que rápido na vida da gente é o espírito. O espírito, ele nunca não dorme. Então é onde que eu me acho uma espírita, até por aquele começo que eu te contei, do médico que falou para mim que eu ia ser espírita, no “aparelho” da minha tia, porque o Donizete estava desenganado. Então porque quem falou isso para mim foi um espírito, é na onde eu me considero uma espírita. É porque se eu sou o que eu sou hoje, eu agradeço a Deus e aquele próprio espírito que me orientou e me falou que a partir de hoje você é uma benzedeira. Quer dizer, ele não falou que você é uma espírita, porque ele sabia que o meu caminho ia ser muito [...]. Então eu acho assim, hoje eu podia agir como uma espírita diferente do que eu ajo, sabe. Mas não tem como. Eu sou sozinha, só eu e meu filho. Ele tem problema, então ele não sabe como receber um espírito. É um exemplo assim, se vem um espírito e fala para ele assim e assim, ele interpreta tudo errado. Eu tenho que procurar consertar aquele erro. É então, é onde eu não trabalho com espírita. E

outra coisa, eu nunca quis desenvolver ninguém, porque as primeiras pessoas que veio aqui e falou que queria desenvolver comigo, eu falei assim: *“Mas peraí, o que é que vocês querem fazer depois de desenvolvido?”* *“Ah, nós quer ganhar dinheiro!”* Ele falou: *“A senhora acha, que se nós virar benzedor, nós vai fazer igual a senhora, tudo de graça, nós quer é ganhar dinheiro”*. Eu falei *“mas eu não quero!”* É onde que eu nunca quis desenvolver ninguém, é onde que eu sou uma benzedeira sozinha, não sou sozinha porque tenho Deus na minha vida e tem os bons espíritos que me orienta, as vezes me orienta em muita coisa.

Eu acho que o primeiro problema que as pessoas procuram é fazer maldade para os outros. É assim, vem gente aqui de todo o jeito que você imagina, vem gente querendo matar o outro, vem outro querendo uma mulher, vem outra querendo um marido. E assim por diante. Mas acontece o seguinte, eu vou atender esse tipo de coisa? Não vou, eu não vou. Eu não atendo você sabe por que? Porque umas das coisas que eu acho, é assim, se eu for atender essas pessoas eu não sou mais uma espírita, eu sou uma macumbeira. Deus disse assim: *“você vai atender Deus ou Momo?”* Claro que eu quero atender a Deus. Então se eu for atender da outra parte, eu já pequei mais duas vezes ou mais, porque eu já deixei da minha parte de fazer o bem e fui fazer o mal para alguém. Não. Nunca tive vontade de fazer, porque eu explico para as pessoas. Isso aí corre dinheiro e eu não quero dinheiro, porque a partir do momento que você vai caçar uma coisa assim, você quer dinheiro e caro. E eu não quero dinheiro para esse tipo de coisa. Eu prefiro ficar na pobreza que eu estou, do que eu pegar o dinheiro para fazer maldade para alguém.

Até que quando esse espírito falou para mim que a partir de hoje você é uma benzedeira, eu falei para ele assim: *“Eu não quero, porque eu não sei como é que mexe com isso”*. Aí ele falou assim: *“Conforme o que for acontecendo na sua casa, você vai aprendendo”*. E eu falei: *“Outra coisa, eu quero fazer o bem e não olhar a quem, mas esse negócio de feitiço eu não quero aprender, nem fazer.”* Eu não dou conta não, eu já tentei, mas eu não dei conta. (risos) Eu te juro, eu queria matar um homem, estava com muita raiva, mas o homem está são e vivo até hoje. Graças a Deus não pegou, porque foi o que eu pedi para Deus, que eu não queria fazer mal para ninguém e não quero. Porque Deus não quer fazer maldade para nenhum de seus filhos, então porque eu vou fazer um filho de Deus sofrer. Que no caso são meus irmãos. Eu acho assim, ninguém merece esse tipo de coisa. Eu atendo de tudo, é meio a meio. Eu benzo em fazenda, vou para lá benzer: cobras, cigarras, lagartas, eu benzo tudo. É, para cada desses tem um tipo de oração, cada um é um trabalho, uma reza. A maioria das cigarras e lagartas morrem, mas as cobras elas não morrem, você amansa elas. Eu não tiro elas da fazenda. Tem gente que dá um pedaço da fazenda para elas. Lá, vai ser

moradia delas. Mas eu não faço isso, sabe o porquê e se o dono vender e o outro que não sabe que aquela parte é delas e entra lá, o que entrar lá é delas. Por isso também não pode jogar na água por isso, o que for ali beber água e for picado morre, não tem cura. Por isso eu prefiro deixar elas soltas, mas “mais brandas”, pois se picarem alguma criação ou uma pessoa, elas não vão matar. Não sei se estou certa, mas é meu jeito de agir, foi como Deus me mostrou. Eu acho que já deu bem pra vocês entenderem um pouquinho (risos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que este trabalho aqui apresentado não está, de forma alguma, pronto e acabado, optamos por utilizar a expressão "considerações finais" em substituição ao termo "conclusão", uma vez que este nosso estudo caracteriza-se como um dos meios de contribuir para os estudos e pesquisas a respeito da preservação, salvaguarda e registro das memórias de um povo, quando o assunto envolve a cultura, a crença, a religiosidade e a diversidade cultural existente numa determinada comunidade.

Acreditamos na grande relevância deste trabalho, não só na perpetuação do saber/fazer presente nas práticas e ofícios das Benzedeadas de Paranaíba/MS, que agora têm suas memórias e discursos registrados de forma documentada na academia local, ultrapassando os processos da oralidade. Com isso, consideramos que a perpetuação do discurso das benzedeadas, aqui apresentado, contribuem com a preservação da história da cidade, bem como de suas práticas sociais, culturais e religiosas, uma vez que trazemos à tona relatos das vivências de sujeitos que, de algum modo, contribuíram e ainda contribuem com a organização e com a identidade social e cultural da cidade e do seu povo.

Deste modo, primeiramente constatamos, e por fim reconhecemos o ato do benzer, como o conhecimento, o saber/fazer que as benzedeadas carregam consigo como um Patrimônio Cultural Imaterial, permeado de identidade própria, compartilhado entre os membros familiares e de suas comunidades, com intuito de perpetuação de conhecimentos e na *cura* dos males do corpo e da alma. Pudemos notar, a partir da coleta de dados e, posteriormente aos registros das memórias, que existe a necessidade da valorização desse Patrimônio Cultural Imaterial, sobretudo para tornar de conhecimento àqueles que não tiveram e não têm acesso a esse tipo de cultura, ou ainda, àqueles que queiram aprofundar os seus conhecimentos a respeito desse tipo de assunto e/ou estudo.

O levantamento da produção acadêmico-científica, aqui apresentada, possibilitou a construção de um banco de dados documental, no qual é possível verificar a relevância do tema, quando aconteceram e acontecem suas produções, bem como onde têm ocorrido, ou seja, qual a sua localização. Nesse sentido, estamos certos de que os trabalhos que utilizam dessa temática têm sido produzidos de forma significativa pela academia, sendo, portanto, responsáveis por tais publicações, diversos programas de pós-graduação, localizados nas mais variadas regiões do nosso país, conforme nos quadros aqui anteriormente representados.

Este trabalho procurou reconhecer, registrar e preservar as memórias das benzedeadas de Paranaíba, visando à garantia da recuperação, da perpetuação de suas memórias e do

passado vivido e vivenciado por elas. Não analisamos seus relatos, pois acreditamos que suas trajetórias de vida são um patrimônio por si só, não sendo necessário, nesta oportunidade, que as reinterpretemos. Desta forma, primamos pela composição de um banco de dados, para que possíveis pesquisas e maiores reflexões sejam feitas acerca do ato do benzer, bem como da herança cultural deixada pelas benzedeadas.

A pesquisa de campo foi amparada por depoimentos orais, que foram sustentados por três eixos temáticos: a infância, a escolarização e as práticas e ofícios. De um modo geral podemos observar que suas infâncias foram simples e no meio rural, a escola quase não fez parte de suas vidas e formação. Suas práticas e ofícios foram recebidos, apreendidos ou desenvolvidos, porém, todas afirmam que já tinham o *dom*, como se fosse algo nato de cada uma. A fé que cada uma carrega com si é algo marcante nas suas práticas e também na *cura* daqueles que as procuram no anseio por aliviar suas mazelas. O tempo todo é ressaltado por elas que a *cura* vem de Deus, sendo somente pela permissão dele a concretização desta, uma vez que segundo as entrevistadas o *dom* vem dele. Nesse sentido todas afirmam não cobrarem por suas rezas, pois não podem cobrar por algo que não é feito por elas, já que nesse processo de *cura* estas funcionam apenas como instrumentos para os desígnios de Deus.

Com isso, me veio à memória as práticas de benzeção de Vó Belmira e, conseqüentemente, a indagação de qual seria o meu entendimento em relação ao ato do benzer, agora, após todas as transformações e relações vividas por mim, na minha trajetória de vida. Como seria reviver e conviver em meio a todo esse passado que agora se faz tão presente. Percebo que nada mudou, as práticas e os ofícios são os mesmos, e que suas legitimidades, bem como sua perpetuação depende de fato da clientela que o utiliza e das benzedeadas que os detém. O ato de benzer faz parte do meu cotidiano na atualidade, pois até hoje tenho-me válido das rezas das guardiãs desta prática social, ou seja, suas atuações ainda contribuem de alguma forma para a minha formação religiosa, cultural e social, o que só vem reafirma a importância da atuação dessas na nossa sociedade,

Todas as pesquisas realizadas, bem como a pesquisa de campo e as entrevistas estiveram amparadas pelos aportes teóricos da Nova História Cultural e da História Oral, a construção deste trabalho possibilitou momentos de recordação por todas as partes envolvidas nesse processo, levando à lembrança acontecimentos que estão sendo apagados das memórias de seus detentores, bem como das nossas práticas culturais e sociais. Em termos gerais, os objetivos aqui propostos foram atingidos, pois confiamos que de algum modo colaboramos no registro de memórias significativas para a nossa cultura, sociedade e religiosidades, tão presentes no cotidiano do nosso povo.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3 ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. Ed 2001.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.
- _____. **Decreto nº 24.735, de 14 de julho de 1934**. Rio de Janeiro, RJ, jul 1934.
- _____. **Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937**. Brasília, DF, nov 1937.
- _____. **Decreto nº 3.551, de 04 de agosto de 2000**. Brasília, DF, ago 2000.
- BRAYNER, Natália Guerra. **Patrimônio cultural imaterial: para saber mais**. Brasília, DF: IPHAN, 2007.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 22-28. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, V.2).
- CARVALHO, Emanuel Manguiera; GAMBOA, Silvio Sánchez. O estado da arte da produção do conhecimento sobre as ações afirmativas nas universidades estaduais paulistas. **Revista Pedagógica**, Chapecó/RS, v.16, n.32, p. 169-190, jan./jul. 2014.
- CARVALHO, Francisco Wellington Rodrigues. Rezadores e as práticas de cura no itinerário da religiosidade popular em sobral. **Formar Interdisciplinar**, Sobral, ano 3, v.1, n.4, p.16-34, Jan -jun. 2014. Disponível em: <<http://www.inta.com.br/biblioteca/images/pdf/art-2-rev-4.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2015.
- CONCEIÇÃO, Dos Santos. **No meu tempo, quando eu era criança [...] todo mundo era rezador!:** trajetórias de vida e experiências compartilhadas. Disponível em: <http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1340373000_ARQUIVO_ABHO-2012.pdf>. Acesso em: 01 set.2015.
- DUTRA, Walter Veloso. **Tempo, narrativa e memória: o registro do ato de benzer como Patrimônio Cultural Imaterial de Minas Gerais**. 2016. Dissertação (Mestrado em Direito) – Escola Superior Dom Helder Câmara, Belo Horizonte, 2016.
- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, nº 79, ago., p. 257-272, 2002.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

GIMENES, Carlos Eduardo Reinaldo. **A importância do patrimônio cultural imaterial na avaliação de impacto ambiental**. Monografia - Universidade de São Paulo, Escola Politécnica Programa de Educação Continuada em Engenharia MBA/USP – Gestão e Tecnologias Ambientais, São Paulo, 2011.

LUNA, Sergio Vasconcelos. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo, SP: EDUC, 1997.

IPHAN. Resolução nº 01/2006. **Institui os procedimentos a serem observados na instauração instrução do processo administrativo de Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial**. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/noticias-destaques/-/asset_publisher/OiKX3xlR9iTn/content/resolucao-n%C2%BA-1-2006-ccpc-iphan/10937>. Acesso em: 20 maio 2017.

_____. Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Fundação Nacional de Arte. **O registro do patrimônio imaterial: dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial**. Brasília, dez., 2006.

_____. **Patrimônio Cultural Imaterial**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>>. Acesso em: 20 maio 2017.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski. **História oral como fonte: problemas e métodos**. Rio Grande, v.2, n.1, p. 95-108, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Revista Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul./dez., 2014.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Diálogo Educ.**, Curitiba/PR, v. 6, n.19, p.37-50, set./dez. 2006.

SILVA, Rachel Dourado; MARCHI, Patrícia De Andrade; SILVA, Josué Da Costa. **A reza e o rezador: o saber e o fazer**. 2013. Disponível em: <<http://www.geografia.ufmt.br/neer/ANAIS/dif/Eixo%202002%20pdf/EIXO%2020PAINEL%201%20Rachel.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2015.

SONCINI, Luana. **Política de patrimônio imaterial na América Latina: análise dos processos de identificação e registro no Brasil e no México**. 2012. Dissertação (Mestrado em Integração da América Latina), Universidade de São Paulo/USP, São Paulo, 2012.

TRAMONTE, Cristiana. Ciência ou fé? Religiões afro-brasileiras e práticas de saúde popular. In: ISAIA, Artur Cesar; MANOEL, Ivan Aparecido (Org.). **Espiritismo e religiões afro-brasileiras: história e ciências sociais**. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2012.

UNESCO. Documento originalmente publicado pela UNESCO sobre o título **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**, Paris, 17 de outubro de 2003. Tradução feita pelo Ministério das Relações Exteriores, Brasília, 2006.

_____. **Declaração universal sobre a diversidade cultural**. Tradução feita pelo Ministério das Relações Exteriores, Brasília, 2002.

APÊNDICE A

TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

CEDENTE: _____, nacionalidade _____, estado civil _____, profissão _____, portador do RG/Cédula de Identidade nº _____, emitida pelo _____, e do CPF nº _____, domiciliada e residente na Rua _____.

CESSIONÁRIO: Edna Silva Simões graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade Universitária de Paranaíba.

OBJETO: Entrevista gravada e transcrita exclusivamente para que a acadêmica Edna Silva Simões, possa utilizar-se dos depoimentos em estudos; pesquisas; eventos acadêmicos; artigo; dissertação; livro; monografia; trabalho de Conclusão de Curso; revistas; projeto de Iniciação Científica; teses; e outros.

DO USO: Declaro ceder a Edna Silva Simões pesquisadora na cidade de Paranaíba, em _____, num total de _____ gravação e de _____ laudas de transcrição. Sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que a prestei.

Comprometo-me a utilizar as cópias dos depoimentos da Sra. _____, constando das transcrições das entrevistas, exclusivamente para a finalidade declarada acima e de acordo com as normas previamente estabelecidas pelo Centro de Documentação e Memória da Educação Sul-mato-grossense (CEDOC-MS), sediado na Unidade Universitária de Paranaíba (UEMS). Declaro estar ciente de que a utilização indevida dos depoimentos, transgredindo dessa forma as normas de consulta e utilização do qual tenho conhecimento e, das disposições de direitos autorais (Lei nº 9.610 de 19.2.1998), ficando, portanto, sujeito às penalidades por ela previstas. Quaisquer outras formas de utilização e divulgação não previstas nas mencionadas normas necessitam de autorização expressa do depoente ou herdeiro. Ficando consequentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Paranaíba, _____, _____ de _____.

Cedente

APÊNDICE B**TERMO DE COMPROMISSO DE USO****AUTORIZADA:****Formação Acadêmica:****Endereço:****Telefone: Nº da Cédula de Identidade:****Tipo de Trabalho:** artigo; dissertação; livro; tese; monografia; trabalho de conclusão de curso; projeto de Iniciação Científica; e outros.**Instituição Responsável:** Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade Universitária de Paranaíba.

Comprometo-me a utilizar as cópias dos depoimentos dos Sra. _____ como pesquisadora em estudos, pesquisas e eventos acadêmicos, constando de 130 minutos de gravações e de 38 laudas de transcrições das entrevistas; exclusivamente para a finalidade declarada acima e de acordo com as normas previamente estabelecidas pelo Centro de Documentação e Memória da Educação Sul-mato-grossense (CEDOC-MS), sediado na Unidade Universitária de Paranaíba (UEMS). Declaro estar ciente de que a utilização indevida dos depoimentos, transgredindo dessa forma as normas de consulta e utilização do qual tenho conhecimento e, das disposições de direitos autorais (Lei nº 9.610 de 19.2.1998), ficando, portanto, sujeito às penalidades por ela previstas. Quaisquer outras formas de utilização e divulgação não previstas nas mencionadas normas necessitam de autorização expressa do depoente ou herdeiro, sendo o CEDOC-MS o intermediário entre o solicitante e o depoente.

Paranaíba, _____, _____, _____.

Cedente

APÊNDICE C**TERMO DE CESSÃO
DE DIREITOS PARA USO DE IMAGEM**

CEDENTE: _____, nacionalidade _____, estado civil _____, profissão _____, portadora da Cédula de Identidade nº _____, emitida pelo _____, e do CPF nº _____, domiciliada e residente na Rua _____.

CESSIONÁRIA: Edna Silva Simões graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade Universitária de Paranaíba.

Por meio do presente termo a cedente _____, de forma integralmente gratuita, a título singular, em caráter total, definitivo, irrevogável e irrefutável, autoriza a utilização de sua imagem pela cessionária **Edna Silva Simões**, bem como lhe cede todo e qualquer direito autoral patrimonial dela decorrente.

A autorização objeto desse termo alcança apenas o uso da imagem para os seguintes fins: pesquisas acadêmicas; eventos acadêmicos; artigos; dissertação; livro; monografia; trabalho de Conclusão de Curso; revistas; teses; Projeto de Iniciação Científica; e outros.

Paranaíba, _____, _____, _____.

Cedente